

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

EM BUSCA DO ELO PERDIDO: VIRTUAIS COMUNIDADES
Comunicação, web, transformações identitárias,
corpo, corporalidade e sociedade de consumo

Alberto Rabin

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco – PPGCOM/UFPE, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Carneiro da Cunha Filho.

Recife, fevereiro/2007

Rabin, Alberto

**Em busca do elo perdido: virtuais comunidades /
Alberto Rabin. – Recife: O Autor, 2007.**

130 folhas : il., quadros, fig., tab., gráf.

**Dissertação (mestrado) – Universidade
Federal de Pernambuco. CAC. Comunicação,
2007.**

Inclui bibliografia.

**1. Comunidades virtuais. 2. Internet. 3.
Comunicação contemporânea. 4.
Transformações identitárias e corporais. 5.
Sociedade de consumo(ismo). I. Título.**

**301.16 CDU(ed.
abrev.)**

UFPE

CDD (22.ed.) CAC2007-3

302.231

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor do Trabalho: Alberto Rabin

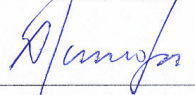
Título: “Em Busca do Elo Perdido: Virtuais Comunidades”.

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco, sob a orientação do Professor Dr. Paulo Carneiro da Cunha Filho.

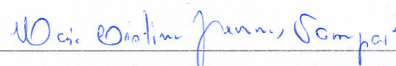
Banca Examinadora:



Paulo Cunha



José Afonso da Silva Júnior



Maria Cristina Hennes Sampaio

Recife, 28 de fevereiro de 2007.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a algumas pessoas muito especiais, que de certa forma se fizeram legítimos co-autores deste trabalho. Primeiramente ao Prof. Dirceu Tavares, meu preliminar e autêntico (des)orientador, que, a duras penas, me convenceu a abandonar o primeiro tema de pesquisa que propus e pelo qual eu andava encantado, e que de certa forma me induziu a enveredar por um caminho escuro que eu hesitava em trilhar. Sem dúvida, a sua luz no fim do túnel me foi de grande valia, e tenho a satisfação poder tê-lo hoje como amigo. Ao meu orientador extemporâneo, Prof. Paulo Cunha, principalmente pelos embates sempre solidários que terminaram rendendo os frutos planejados. E, *last but not least*, à minha mulher, Margarita, incentivadora e mentora intelectual do meu mestrado, que me apontou para o caminho acadêmico que eu havia esquecido faz muitos anos, e que esteve sempre ao meu lado.

EM BUSCA DO ELO PERDIDO: VIRTUAIS COMUNIDADES

RESUMO

Este trabalho investiga as manifestações identitárias na comunicação, nas comunidades online. Analisa mensagens de participantes de websites e grupos de discussão sobre **obesidade** e o **tratamento cirúrgico** que possibilita reduzir rapidamente até metade do peso excedente.

Parte da hipótese que enquanto o indivíduo elimina o sobrepeso e transforma sua silhueta objeto de preconceitos, – conquistando uma aparência corporal nos moldes aceitos na sociedade, – adquire e manifesta novos valores e padrões identitários. O trabalho analisa manifestações comunicativas das transformações identitárias dos indivíduos entre as fases: preparação; cirurgia; período pós-cirúrgico, e consolidação das transformações corporais.

Estes grupos, a meu ver, constituem espaços de reflexão encorajadora e auto-motivadora, como as “trincheiras de resistência” de Castells, que categorizou identidades “de resistência”, “de projeto” e “legitimadora”, e da sua afirmação que transformações na sociedade contemporânea se dariam hoje, prioritariamente na construção de sujeitos e de identidades como prolongamento da resistência comunal.

O trabalho propõe um reposicionamento teórico da denominação comunidades virtuais, cristalizada há mais de uma década, apresentando um encadeamento conceitual para uma nova interpretação: **virtuais comunidades**.

Embora de caráter qualitativo, para viabilizar avaliar a comunicação de centenas de interlocutores, a pesquisa faz uso de metodologia e ferramental especializado na operacionalização da análise discursiva através de computador.

PALAVRAS CHAVE: comunicação; web, comunidades online; transformações identitárias, corpo, corporalidade, sociedade de consumo, virtuais comunidades, e análise de conteúdo discursivo através de computador.

EN BUSCA DEL ELO PERDIDO: VIRTUALES COMUNIDADES

RESUMEN

Este trabajo investiga las manifestaciones identitarias en la comunicación, de parte de las comunidades *online*. Analiza los mensajes de participantes de websites y de grupos de discusión sobre **obesidad** y su **tratamiento quirúrgico** que posibilita la reducción rápida de hasta mitad del peso excedente.

Parte de la hipótesis de que mientras el individuo elimina el sobrepeso y transforma su silueta objeto de prejuicios, – conquistando una apariencia corporal que se ajusta a los moldes aceptados por la sociedad, – adquiere y manifiesta nuevos valores y patrones identitarios. El trabajo analiza las manifestaciones comunicativas de las transformaciones identitarias de los individuos entre las fases de: preparación; cirugía; período pos-quirúrgico y de consolidación de las transformaciones corporales.

Esos grupos, a mi ver, constituyen espacios corajosos de reflexión y de automotivación, como las llamadas “trincheras de resistencia” de Castells, quien denominó identidades “de resistencia”, “de proyecto” y de “legitimación”, afirmando que las transformaciones en la sociedad contemporánea se darían, hoy en día, prioritariamente en la construcción de sujetos e identidades como prolongamiento de la resistencia comunal.

El trabajo propone una reevaluación teórica de la denominación comunidades virtuales, cristalizada hace más de una década, presentando un encadenamiento conceptual para una nueva interpretación: **virtuales comunidades**.

Aunque de carácter cualitativo, para viabilizar evaluar la comunicación de centenas de interlocutores, la pesquisa hace uso de metodología e instrumental especializados en la operacionalización del análisis discursivo a través de la computadora.

PALABRAS CLAVE: Comunicación; web, comunidades online; transformaciones identitarias, cuerpo, corporalidad, sociedad de consumo, virtuales comunidades y análisis de contenido discursivo a través de la computadora

IN SEARCH OF THE LOST LINK: VIRTUALLY COMMUNITIES

ABSTRACT

This work investigates identity manifestations in communication among online communities. It analyzes messages of participants of websites and discussion groups on obesity and its surgical treatment that makes possible to reduce quickly until half of the exceeding weight.

It starts from the hypothesis that while individuals eliminate their overweight and transform their silhouette object of preconceptions, conquering a corporal appearance in the accepted molds of society, they acquire and manifest new values and identity standards.

It analyzes communicative manifestations of the identity transformations of individuals between the phases: preparation; after-surgical surgery period and consolidation of the corporal transformations.

These groups, in my opinion, constitute spaces of encouraging and auto-motivation reflection, as "trenches of resistance" of Castells, that characterizes identities of "resistance", of "project" and of "legitimation", and of its affirmation that transformations in the contemporary society, if it would give nowadays, priority in the construction of citizens and identities as a prolongation of the communal resistance.

The study considers a theoretical point of view of the denomination virtual communities, crystallized since more than one decade, presenting a conceptual change for a new interpretation: **virtually communities**.

Although of qualitative character, in order to make possible to evaluate the communication of hundreds of interlocutors, the research makes use of methodology and specialized tool rack in the operation of the discursive analysis trough computer.

KEYWORDS: communication, web, online communities, identity transformations, body, body-language, society of consumption, virtually communities and discursive contents analysis through computer.

SUMÁRIO

	Pág.
• Apresentação: Olho Gordo	9
• Conversando com o objeto	15
Capítulo I — TRAJHISTÓRIA	19
• Contemporaneizando	19
• Contexto: na esteira das Transformações	22
• Pano de Fundo	24
• Capitalismo e Privatização de Corpos e Almas	26
• Comunic → Ação	33
• Comunicação → Conexão → Interatividade → Inteligência Coletiva	35
Capítulo II — COMUNIDENTIDADES	40
• Comunidade	40
• Comunidades. Virtuais?	41
• Corpo-Identidade?	43
• Corpo Estranho na sociedade: Obesidade	45
• Uma Comunicação (com excesso) de Massa	46
• Retomada da Voz individual no coletivo da Web	49
• Um (Re)“Agir Comunicativo”	50
• Sociedade de Mudança x Retomada de um Convívio Comunitário	52
• O Elo Perdido	57
Capítulo III — IDENTCOMUNIDADES	60
• A Questão da Identidade	60
• Identidades X Sociedade Conectada: Identidades Conectadas	62
Capítulo IV — COMTEXTO	70
• Comunicação, Texto, Identidade & Conteúdo Discursivo: análise instrumentalizada por computador	70
• O Contexto da pesquisa	73
• Metodologia e Ferramental Informatizado	81
• Recorte, e operacionalização da pesquisa	88
Capítulo V — ANALISANDO	100
• Operacionalização, Análise & Interpretação de Conteúdo do Discurso	101
• Concluindo em frente	105
• Considerações e Comentários finais	113
• Notas Acessórias	117
• Bibliografia de Referência	119
ANEXOS	
• Depoimentos, preparação de dados, fases da instrumentalização, tabelas e gráficos do processo	CD-ROM

Tributo aos amigos virtuais

Autor(a) desconhecido(a)

Por uma tela, os conheci...
Aprendi a amar, a rir e a chorar.
Aprendi a acreditar, pois deles só posso "ver" os sentimentos.

Aprendi a gostar sem saber a cor, o credo, classe social ou algo mais,
coisas típicas de nossa sociedade material.
Doei... um pouco de mim, um pouco de tempo
e até de trabalho também
Mas, recebi muito mais!

Recebi calor humano, carinho e amor de pessoas
que talvez, sem o computador, nem imaginasse existir.
Por força do hábito, os chamo de amigos virtuais.
Virtuais? Que nada!
São tão reais quanto eu...

Ah!...quem dera o mundo aprendesse essa lição, aprender a gostar sem
julgar, sem buscar fatores externos ao amor e à compreensão.
Obrigada por vocês existirem!
Obrigada por serem simplesmente quem são!

• APRESENTAÇÃO: OLHO GORDO

Este trabalho centra seu foco na comunicação do indivíduo contemporâneo, e busca detectar e investigar características das manifestações identitárias ali traduzidas, no contexto da sociedade de consumo. O corpus da pesquisa é constituído de mensagens de texto postadas em sites e grupos de discussão na web, cujo teor será avaliado à luz da análise de conteúdo discursivo. Por se tratar de comunicação textual oriunda de dezenas ou até centenas de interlocutores de vários grupos de discussão, a pesquisa fará uso de metodologia e ferramental especializado na operacionalização desta análise através de computador¹.

O objeto empírico da observação é composto de websites/comunidades virtuais/grupos de discussão online em torno do tema *Obesidade e seu controle/tratamento cirúrgico*. A pesquisa investiga as manifestações comunicacionais das transformações identitárias refletidas nos depoimentos espontâneos e mensagens trocadas entre os interlocutores participantes destas comunidades, à luz da premissa que na medida em que o indivíduo se livra do

¹ Alguns dos grupos contam com mais de 1000 participantes.

sobrepeso e da aparência física que são alvo de preconceitos e rejeição pela sociedade, e adquire um padrão corporal tido como normal, agrega novos valores e padrões identitários, e reflete/expressa estas transformações na comunicação. São parte dos propósitos da pesquisa:

- Analisar o discurso subjacente às mensagens, em busca dos indícios de transformações identitárias decorrentes das modificações corporais advindas da perda de peso viabilizada a partir do processo cirúrgico de controle/tratamento da obesidade.
- Identificar possíveis informações pessoais e sociais que sejam parte da biografia dos participantes e que componham suas identidades sociais e culturais, que porventura se reflitam na comunicação.
- Averiguar informações contidas nas mensagens trocadas nos websites e grupos investigados que indiquem o comprometimento dos autores com seus enunciados, revelando seu papel na interação.
- Apresentar e discutir alguns aspectos de formação e consolidação de comunidades online que serão apontados ao longo do próprio desenvolvimento do trabalho.

A temática vem sendo intensamente discutida sob os mais diversos ângulos pela comunidade acadêmica, mas as minhas incursões nas várias áreas afins mostram que nenhum sob a ótica específica da transformação identitária e seu rebatimento na comunicação, que constitui o foco da minha pesquisa. A observação foi iniciada desde meados de 2003, mas trata-se de um processo em pleno andamento, assujeitado às transformações aceleradas próprias do mundo contemporâneo e tecnológico. Um terreno movediço, portanto, pouco propício às formas tradicionais de enquadramento requeridas pelas teorizações, razão pela qual, provavelmente, ainda não se permitiu ser abarcado pelo pensamento acadêmico em toda a sua amplitude.

Embora grande parte dos pontos de vista aqui apresentados não seja constituída de conceitos inéditos ou originais, o seu encadeamento confere relevância. As interconexões e interdependências que serão apontadas procuram demonstrar o

que me proporcionaram entrever: que o *espaço* web das comunidades/grupos de discussão online sobre a temática do tratamento cirúrgico da obesidade pode constituir um raro caldo de cultura que viabiliza à pesquisa o acompanhamento e a investigação, em tempo real, de transformações identitárias e comunicacionais aceleradas da sociedade contemporânea, manifestando-se sob condições reais de vida².

Os fenômenos observados não se haviam mostrado possíveis anteriormente em tão curto intervalo de tempo, e nem ofereceram esta visibilidade em outros contextos, – uma vez que, a par de levarem anos a fio para se caracterizarem, mantiveram-se apartados do olhar perscrutador dos pesquisadores. O encadeamento conceitual em si vai construir uma linha de coerência histórica e teórica que permite apontar um *espaço* que se constitui num verdadeiro laboratório de evolução identitária e comunicativa à disposição dos pesquisadores, representando, em conjunto, a essência da minha contribuição, aberta para futuras pesquisas.

Faz parte do propósito desta pesquisa colocar em discussão, também, como as manifestações no âmbito do discurso nas comunidades online parecem atender a alguns pressupostos e tendências identitárias atuais, respondendo a anseios humanos característicos da contemporaneidade:

- Interesse ou objetivo comum; desejo de se fazer ouvir, de compartilhar experiências ou de estabelecer relações sociais, profissionais ou comerciais; interesse em desfrutar de experiências gratificantes e necessidade de realizar transações de diversas naturezas.
- Vontade de expressar valores simbólicos das novas exigências culturais da reconfiguração da identidade corporal e do mito da transformação – tão

² Um portador de obesidade severa pode eliminar até a metade de seu peso corporal em menos de 2 anos. As chamadas cirurgias da obesidade (denominação científica: cirurgias bariátricas) ganharam popularidade com o nome de gastroplastias, e constituem a etapa inicial de um artifício desenvolvido pela medicina para promover o controle daquela patologia, considerada complexa e multifatorial, cujas causas ainda não são perfeitamente conhecidas pela ciência. São várias modalidades distintas de procedimento cirúrgico: todas elas alternativas que visam propiciar a eliminação do excesso de peso corporal impondo algum tipo de restrição mecânica ao sistema digestivo do portador de obesidade severa: limitando a ingestão de alimentos e/ou a absorção de nutrientes. Promovem a perda de peso sem alcançar a cura ou agir propriamente sobre os mecanismos causadores da disfunção, não constituindo bem, no sentido literal, um tratamento.

entranhados nos fundamentos da cultura ocidental no indivíduo contemporâneo³.

- Corporificar um sentido de identificação ou pertencimento que parece vir se tornando uma necessidade humana cada vez mais forte: as pessoas parecem querer sentir-se vinculadas a alguma coisa, dispor e poder usar rótulos, referências, para além das raízes das sociedades mais tradicionais e pré-modernas: a tribo, o povo, a religião e a região, fontes históricas de identidade e significados, e depositários de sentido de crença e confiança.
- Viabilizar o acesso à informação segmentada: as comunidades online compilariam a melhor informação disponível na rede sobre o tema-foco do grupo, reunindo estudos, trabalhos, artigos, links e websites de empresas do setor, produtos e serviços.
- Facilitar a comunicação: aquisição e intercâmbio de conhecimentos em temas específicos, estabelecimento de relações pessoais com indivíduos de interesses afins, e reconhecimento do trabalho intelectual por determinados grupos sociais valorizados.

A pesquisa se propõe a avaliar possíveis padrões comunicacionais e lingüísticos que permeiem a geração de sentidos de mútua aceitação, de afetividade e de confiança entre os interlocutores, procurando analisar, classificar e mapear suas semelhanças e/ou diferenças, e a capacidade de aglutinação, de motivação, de expressão espontânea de paixões e de geração de negócios deles decorrentes.

A trajetória teórica a ser percorrida tem como fio condutor a proposta de Castells (1999^a: 24) que tipificou formas diferenciadas de construção social da identidade cultural do indivíduo contemporâneo segundo categorias a que intitulou respectivamente de identidades "legitimadora", "de resistência" e "de projeto". A revisão de literatura agrega os conceitos de identidade e contribuições de Stuart Hall (1999) e de Giddens (2002), e em particular, deste último, o da reflexividade do indivíduo na sociedade moderna.

³ Da órfã enjeitada que vira princesa a um toque de vara de condão, até a fábula recorrente do herói que vive incógnito entre os comuns antes de assumir sua identidade de herdeiro real ou enviado divino.

Uma premissa que levanto e que pretendo ver comprovada com a pesquisa é que as esperanças e transformações expressas na comunicação refletem a (re)habilitação dos indivíduos (ex)-portadores de obesidade na direção de sua aceitação pela sociedade (onde, enquanto categoria, devido aos preconceitos, – até mesmo os seus próprios, – anteriormente se viam alijados de postos de trabalho, rejeitados nas relações afetivas, familiares, etc.), incentivando e viabilizando a sua (re)integração da sociedade de consumo de maneira particularmente significativa. Trocando em miúdos, que todas as expectativas e transformações se manifestam diretamente na comunicação nos grupos, a partir de onde, detectadas, avaliadas e medidas, podem fornecer pistas e dados importantíssimos à pesquisa, para a apreensão dos fenômenos identitários e do consumo contemporâneos.

A análise de conteúdo do discurso será operacionalizada através de computador, empregando um método acadêmico de base lingüística, mediante ferramentas de *software* associadas que permitem manusear e avaliar a totalidade de grandes volumes de texto⁴. A fundamentação conceitual do método parte do princípio de que é próprio dos seres humanos classificar, categorizar e hierarquizar: a si próprios; ao seu entorno; e ao mundo que os cerca, – o que se reflete diretamente na comunicação. A metodologia e o ferramental constituem tecnologia de ponta que utiliza conhecimentos fronteiriços entre diversos domínios como a sociologia, a psicologia, e outros saberes relacionados ao comportamento humano, – mediados com a lingüística, a estatística, a matemática, e a informática, – em cujas interfaces atuam, integrando, harmonizando e ressaltando informações às vistas do pesquisador. O processo viabiliza uma análise e interpretação discursiva essencialmente qualitativa, partindo de uma aplicação do ferramental quantitativo computadorizado, que tem aqui um caráter essencialmente instrumental.

A tecnologia permite estabelecer uma proveitosa interação homem-máquina em tempo real que possibilita uma sinergia entre duas naturezas distintas e

⁴ A quem possa interessar o detalhamento e aprofundamento no método, estão disponíveis no livro *Méthode d'analyse lexicale, textuelle et discursive*, de seu próprio criador, Prof. Dr. André Camlong, da Universidade de Toulouse II, relacionado na bibliografia. O *software* Stablex, de autoria do professor e de Thierry Beltrán foi desenvolvido no âmbito do Laboratório de Inteligência Artificial da mesma universidade, e opera consorciado com o Word e o Excel, proporcionando à aplicação a facilidade do amplo domínio destes, pelos pesquisadores. As características e os critérios que balizaram a escolha estão apresentados no capítulo 4.

complementares de *inteligência* colocadas *vis-à-vis*: o raciocínio do pesquisador (associação de idéias, capacidade de julgamento e de formulação de alternativas, — a inteligência humana); e a precisão, capacidade e velocidade de processamento e de teste de alternativas e suas combinações com exibição *just-in-time* de resultados, — textuais, numéricos, e gráficos, — do computador (inteligência artificial). Aqui, o papel da informática é viabilizar ao pesquisador o manuseio integral de uma grande quantidade de texto(s), desvelar sua organização lexical e tessitura textual, e entreabrir as características discursivas das mensagens, possibilitando a entrevisão da constituição do discurso.

A interação em tempo real mostra-se capaz de promover uma dinâmica de raciocínio indutivo assemelhada à do processo de *brainstorm* de uso corrente no estímulo criativo na publicidade. A tecnologia ressalta as unidades lexicais significativas nos contextos investigados, mediante critérios estabelecidos pelo pesquisador: em suas relações sintagmáticas, frasais, enunciativas, etc., (por exemplo, campos temáticos ou verbais, ligações mais relevantes entre palavras, hierarquia, agrupamentos, etc.) viabilizando associações mentais que permitem inferir novas conexões. Não relações de causa e efeito processadas pela máquina, mas *insights* e associações de idéias do tipo: 'neste contexto, x me faz lembrar de y' ou 'x + y me fazem pensar em z', — que estimulam a inferência criativa. O processo pode atingir a um grau de refinamento que permite ao pesquisador intuir até as intenções dos interlocutores, como poderá ser vislumbrado mais adiante na pesquisa, no capítulo da aplicação.

O trabalho busca analisar como se refletem nos depoimentos e mensagens oriundos dos websites e grupos de discussão mencionados, as transformações identitárias que se processam nos indivíduos entre as fases: 'antes', 'durante', e 'depois', do processo de tratamento/controle cirúrgico da obesidade que buscam e a que se submetem, — e seus desdobramentos ao longo de todo um complexo processo de preparação; cirurgia; e períodos: pós-cirúrgico imediato, e de evolução/consolidação da redução de peso e das transformações corporais que proporcionam a conquista de uma aparência física dentro dos padrões aceitos

pela sociedade⁵. A meu ver, o espaço dos grupos objeto da pesquisa constituiria espaços coletivos de reflexão encorajadora e auto-motivadora, como que as “trincheiras de resistência” (Castells 1999^a: 24), coerente com a visão teórica da proposta que constitui a linha mestra do trabalho, e da afirmação de Castells que as transformações na sociedade contemporânea se dariam prioritariamente na construção de sujeitos e formação de identidades como prolongamento da resistência comunal.

• CONVERSANDO COM O OBJETO

A intensa convivência e o diálogo com o objeto trouxeram à tona a necessidade de uma revisão histórica para contextualizar e situar a irrupção do fenômeno comunicacional em questão: seu desenrolar e desdobramentos ao longo do século XX, — em razão dos períodos de conflagração mundial e *reconstrução* pós-guerras (inclusive do indivíduo); frente ao desenvolvimento das telecomunicações; da web, e da interconexão entre as pessoas na virada do século,. Também induziu a incursão em meandros próprios do *modus vivendi* do indivíduo na sociedade contemporânea e da própria mente humana, que de certa forma solicitaram o apoio lateral de inúmeros conceitos e autores não cogitados anteriormente. Uma profusão de autores e citações talvez mais ampla e pouco convencional em trabalhos no nível de mestrado, mas que de minha parte, ante a uma eventual argüição, preferiria vir a ser cobrado pelo possível excesso de referências do que me entregar ao reducionismo simplificador de um tema de tal envergadura.

Daí que o trabalho tomou corpo ao beber de fontes variadas, e ganhou a flexibilidade requerida ao “jogo lúdico dos saberes” tão bem apontado por Maria Cristina Franco Ferraz (in Sibilia, 2002), que o agenciamento das figuras retóricas, hoje, se dá “não mais em linha reta, univocamente dirigida, mas em múltiplos e moventes entrelaçamentos”, bem como “em um ritmo mais afinado com a instabilidade e os devires próprios do pensamento e da vida” (Sibilia, 2002: 21). Assim, também até certo ponto *conduzido* pela fluidez e sinuosidade

⁵ As denominações ‘antes’, ‘durante’ e ‘depois’ serão utilizadas na pesquisa para caracterizar as fases que serão investigadas, na busca da possível correspondência de características afins com a tipologia identitária de Castells.

próprias do objeto de estudo, o método de apresentação do texto tomou uma forma próxima do ensaio, tão apropriadamente definido por Sibilia (2002:21), enquanto gênero discursivo,

“que se abre aos labirintos intertextuais para beber nas fontes mais diversas, *papers* acadêmicos e textos filosóficos, filmes documentários e de ficção, anúncios publicitários, romances clássicos, exposições e *performances*, artigos de revistas e jornais, poesias, manuais técnicos e de divulgação científica, contos fantásticos, pinturas, livros teóricos e páginas da Internet. Todos textos que podem ter arestas significativas, guardar tesouros cheios de sentido, oferecer pistas para entendermos o presente. Uma coleção de achados e perdidos: resíduos de conversas, reflexões isoladas, lembranças difusas. Aparentada com a técnica plástica da *collage* ou com a errância do *flâneur* na cidade moderna, a prosa do ensaio discorre de forma fragmentária...”

E a autora ainda conclui sobre a forma, que

“com seu andar sinuoso, o ensaio é mais afeito à formulação de perguntas do que à elaboração de respostas, articulando questões ao entrever as incertezas e lidando com metáforas e conceitos para tentar significá-las”.

Este texto, portanto, pode apresentar trechos com características de uma prosa solta, parecendo tomar atalhos ao invés de trilhar um rumo pré-fixado. No entanto, ao mesmo tempo em que não abre mão do rigor e espírito científico que regem todo o trabalho, retrata claramente a intensa interação com o objeto da pesquisa e suas nuances, ao mesmo tempo em que também desvela características próprias do meu estilo e forma natural de expressão, e talvez do operar do meu pensamento.

O capítulo I, a que dei o título de TRAJHISTÓRIA, esboça um quadro de referência e se propõe a oferecer um vocabulário conceitual ancorado no trajeto histórico que balizou o desenvolvimento de toda a seqüência do trabalho. Pondera sobre alguns aspectos da contemporaneidade: do acelerado desenvolvimento das comunicações ao longo do último século à mídia de massa que sufocou as expressões individuais e moldou a fragmentação das identidades individuais coletivizadas, e que, — operando no simbólico, — nos impinge modelos e padrões corporais da magreza anoréxica das modelos de moda e rejeita preconceituosamente quaisquer sinais de sobrepeso. Também discorre sobre a explosão das interconexões entre as pessoas na esteira das novas tecnologias e da sociedade em rede da última década, e sobre a onipresença da técnica como mecanismo de controle e lógica da época. Aponta também para o culto da publicidade e da mídia a um novo ícone, o gênero masculino, ao qual atribui os

valores simbólicos até então marcadamente femininos: rostos bonitos e corpos seminus trabalhados, — incorporados pela sociedade, — que simultaneamente busca tirar proveito dos mecanismos disponibilizados pela tecnologia para manifestar um renovado afã de retomada das vozes individuais, através das interconexões, materializadas nas comunidades online em sua expressão acabada através dos sites/redes de relacionamento.

Intitulei de COMUNIDENTIDADES o capítulo II, que aborda conceitos de *comunidade* e de *sociedade*, sua evolução e transformações na contemporaneidade, e discorre sobre o fenômeno das comunidades online características do nosso tempo, e sobre a representação corporal/identitária e o culto do corpo na sociedade contemporânea, que rechaça a obesidade. Também trata do contexto da comunicação de massa e da retomada da voz individual no coletivo da web na última década, e caracteriza o neologismo *Virtuais Comunidades* que cunhei como proposta de releitura do fenômeno online objeto da observação, a título de atualização da denominação Comunidades Virtuais originada nos anos 1990, desvelando o encadeamento conceitual que deu origem ao próprio título deste trabalho. Desde o próprio título do capítulo, passando pelo seguinte, IDENTCOMUNIDADES, o trabalho busca mapear o contraponto da transmutação dos conceitos identitários herdados do iluminismo e vigentes na modernidade, e sua concepção contemporânea individual/coletivizada na sociedade em rede.

O capítulo III, que denominei de IDENTCOMUNIDADES, discorre sobre conceitos de identidade enquanto narrativa e apreensão reflexiva pelo indivíduo, e busca estabelecer paralelos com a comunicabilidade e interconexão propiciadas pela web e com as características identitárias e comunicacionais nas comunidades online. Também caracteriza as etapas das transformações identitárias investigadas nas comunidades/grupos de discussão sobre obesidade nas fases de: preparação; cirurgia; período pós-cirúrgico, e consolidação das transformações corporais; respectivamente identificadas como 'antes', 'durante', e 'depois', confrontando-as com uma tipologia de construção social da identidade cultural do indivíduo contemporâneo nas categorias de identidade que foram definidas por Castells (1999a:24) respectivamente com "legitimadora", "de resistência" e "de projeto".

Ao capítulo IV que delimita o escopo da pesquisa a sistematiza as diversas etapas que envolvem as mensagens e depoimentos dos sites/comunidades, atribuí o título de COMTEXTO. Este capítulo também caracteriza o enfoque essencialmente qualitativo que será aplicado aos dados processados pela pesquisa, ressaltando que a metodologia e o instrumental informatizado empregados constituem ferramentas interativas, utilizadas para apontar e produzir associações de idéias e informações submetidas *ato contínuo* à inferência e avaliação sensível do pesquisador, e não uma via de produção de *resultados*.

Por fim, no capítulo V, intitulado ANALISANDO são apresentados os extratos dos textos recortados na análise das etapas 'antes', 'durante', e 'depois', *depurados*, por assim dizer, do *corpus* textual analisado, que representam como que um *concentrado* conteudístico do discurso, e apresentados os comentários e considerações finais da pesquisa. Vale salientar que não se busca aqui comprovar hipóteses previamente estabelecidas, mas investigar um conjunto de premissas que vai tomando corpo e densidade com a própria dinâmica da investigação e complexidade de uma *totalidade humana* observada e englobada pela pesquisa, expressada na sua comunicação.

Capítulo I — TRAJHISTÓRIA

“Quando você aponta com o dedo, um cão olha para a ponta do seu dedo. O ser humano olha para a direção em que você aponta”

Nicholas Negroponte (in Downes & Mui, 1988:prefácio)⁶

Todo mundo fala de Internet, atualmente, mas talvez esteja ocupado demais com os meios, para conseguir enxergar o fim. Ou com formas bonitas de enxergar o meio. Não estão olhando para onde a rede está apontando. Todo mundo de olho na ponta desse dedo cibernético⁷.

• CONTEMPORANEIZANDO

Quem somos nós, aqui e agora? Onde nos situamos diante deste fosso escavado por uma técnica onipresente transmutada em *tecno-logia* no coração do real, e mimetizada, numa unanimidade instigante, em lógica de uma época? Que posição assumir num tempo em que a cacofonia das imagens e da mídia invade todos os espaços, calando a expressão individual e impondo um ritmo frenético que não nos permite refletir? Como conviver/sobreviver na vertigem de um tempo que violenta nossos ciclos naturais internalizados de tempo?

Octavio Paz (1993) observa a respeito da contemporaneidade, que vivemos tempos onde “mais vale um desejo do que dez necessidades”. É inusitada, talvez, a nossa época, mas não parece apta a receber o rótulo de pós-modernidade que lhe é atribuído por muitos, que nenhuma época pôde ser definida antes de convertida em passado (El Cid não sabia que vivia na Idade Média, nem Cervantes no Século de Ouro). Entretanto, se ainda não pode bem ostentar um nome, já começa a ter um rosto. O século XX foi juvenil, rebelde, e cultuou a novidade. Hoje já se confia menos nos valores da juventude; a novidade se converteu em um rito mundano, e a vanguarda em especulação mercantil. E o próprio Paz (1993) também afirma que hoje: “Narciso reapareceu. Mas se olha no espelho... e não se ama”. Nosso tempo não é irreverente, talvez só indiferente.

⁶ Co-fundador do MIT Media Laboratory, e autor de *Being Digital*. www.killer-apps.com (acessado em dez/2007)

⁷ www.novomilenio.inf.br/ano00/0004a0009/htm (acessado em jun/2005)

Vivemos o ocaso do culto ao futuro... A figura central dessa nova visão do tempo é o agora, o presente. Tudo passa, e este hoje é um sempre. A física moderna fez do espaço uma dimensão do tempo. O próprio Octávio Paz (1993) afirma cometer o “atrevimento de imaginar que o presente é também presença”. Contudo, não podemos deixar de ter em mente que até presença, se virtual, ausência também seria, portanto. A linha do trajeto não é uma reta, nem um círculo, mas uma espiral, – que gira sem cessar enquanto sem cessar se distancia do ponto de partida. Estranha lição: não há retorno, mas também não há ponto de chegada.

A herança positivista se mostra inadequada para revelar a compreensão da complexidade dos novos conceitos que surgem no mundo de hoje. A lógica linear é incoerente com a realidade, e cada vez mais os teóricos rumam ao pensamento pós-moderno do caos. Não que nossa realidade seja formada por um caos sem sentido e destrutivo, mas diferentemente do pensamento positivista que pretendia viável prever todas as ações possíveis, os modelos de pensamento não-lineares pressupõem que a realidade seja formada por um conjunto de relações complexas interdependentes, onde determinados fatores não podem ser considerados sem se levar em conta o seu contexto e suas relações num sentido mais amplo. Tal pensamento se faz presente com a relatividade, na física; no imaginário de Morin; no inconsciente de Freud; e na própria representação da estrutura da vida, o DNA.

A pretensa unidade histórica, reta coerência previsível do comportamento humano ancorado na tradição se mostra inconsistente. A consistência e a fixidez talvez nunca tenham retratado a essência em si da natureza humana, senão para atender às simplificações a que os métodos científicos reduzem e enquadram os fenômenos no intuito de estudá-los. Agora são postas em xeque. Múltiplas identidades. Fragmentação e fluidez são a tônica identitária de nossa era marcada pelo descartável. O caleidoscópio seria, talvez, o mais contemporâneo dos símbolos.

Talvez pelas limitações biológicas de força física, e desprovida de meios naturais de autodefesa individual, a espécie humana teria desenvolvido uma forte característica gregária – como nenhuma outra espécie – segundo revela a história.

Beleza física, desde sempre uma questão do acaso, agora pode ser adquirida por meio de tratamentos estéticos e cirurgias plásticas⁸. Neste contexto, a popularidade das cirurgias de finalidades estéticas e do tratamento da obesidade, na última década, vêm na esteira deste processo, e constituem fenômenos sem paralelo na história. A título de exemplo, no Brasil teriam sido realizadas nada menos de 40.000 cirurgias plásticas em 2003, segundo reportagem da revista *Veja*, que também apresenta⁹:

“o macho é mais vistoso e exibicionista em todas as espécies – menos na nossa – onde esse papel, para o bem ou para o mal, sempre coube à mulher. A publicidade, vilã-mor da cruzada das feministas contra a exploração da mulher como objeto sexual, vem se dedicando, da virada do século XX, a cultivar um novo ícone, aplicando também ao gênero masculino as características de costume: rostos bonitos, belos corpos, e pouca roupa”.

Gilles Lipovetsky discorre com sagacidade sobre o papel da publicidade no processo, quando afirma (Lipovetsky, 2004:189) que

“da mesma maneira que a moda não pode ser separada da estetização da pessoa, a publicidade funciona como cosmético da comunicação. Da mesma maneira que a moda, a publicidade se dirige principalmente ao olho, é promessa de beleza, sedução das aparências, ambiência idealizada antes de ser informação. Toma lugar no processo de estetização e de decoração generalizada da vida cotidiana, paralelamente ao design industrial, à renovação dos bairros antigos, à camuflagem de antenas, à decoração das vitrinas, ao paisagismo. Por toda parte se expandem a maquiagem do real, o valor acrescentado estilo moda”.

Moda, cosméticos e perfumes, exercícios, artifícios e cuidados corporais que tradicionalmente não faziam parte do universo masculino transmutam-se e são absorvidos como características naturais da época em que vivemos. E os últimos tempos contemplam a crescente tentação dos homens de assumir seu papel ornamental na espécie.

⁸ Carly Fiorina, presidente da Hewlett Packard, eleita por seis anos consecutivos pela revista *Fortune* como a executiva mais poderosa do mundo dos negócios nos Estados Unidos, em entrevista nas páginas amarelas da revista *Veja* de 11/8/2004, mencionou que teria ficado constrangida com uma pergunta que lhe foi dirigida num debate com empresários na semana anterior: “Como uma mulher bonita pode ser também inteligente e eficiente?”. Nem importa bem a resposta dada, mas é fato que em pleno século XXI, visões canhestras de beleza, de atratividade corporal e de gênero continuam tendo este tipo de enfoque dominante em sociedades como as nossas.

⁹ Dados obtidos na reportagem *O milagre da transformação* da revista *Veja* de 14/7/2004. Mais: pesquisa mencionada na reportagem, realizada em junho pela Interscience (instituto especializado em pesquisas de mercado de São Paulo) com 12.477 entrevistados, revelou que 90% das mulheres e 65% dos homens sonham com mudanças no próprio corpo. A citação que segue é da reportagem de 11/8/2004 da mesma revista

Um dos mais antigos debates da sociologia urbana diz respeito ao desaparecimento da comunidade tradicional. A vida contemporânea indiscutivelmente acuou o indivíduo, suprimindo ou remoldando o convívio tradicional da vizinhança, da rua, do bairro, da praça, e até das relações familiares e de amizade. As sociedades contemporâneas são, por constituição, marcadas pelas mudanças rápidas e constantes – traços fortemente distintivos de suas antecessoras tradicionais, e como ressalta Giddens (2002) “ondas de transformação social varrem a superfície da terra, impulsionadas pelas interconexões”.

• CONTEXTO: NA ESTEIRA DAS TRANSFORMAÇÕES

As atuais discussões sobre a globalização e os debates sobre a pós-modernidade destacam uma premissa de que vivemos uma época singular de mudanças por excelência: de aceleradas transformações culturais e sociais; de uma perturbadora alteração das relações espaço-tempo decorrentes da revolução das comunicações, – que subverte nossos ciclos naturais de tempo; de uma economia dominada por corporações supranacionais; da americanização ou até *mcdonaldização* do mundo, e assim por diante. Há, sem dúvida, em nossa época, sob certos aspectos, características ímpares, mas talvez esta postura seja muito pretensiosa (ou denote uma possível dificuldade cultural e cognitiva de apreender os fenômenos em processo). Por certo não somos os primeiros a nos afligir ou nos excitar com a idéia de que nossas experiências sejam completamente diversas das vivenciadas por gerações anteriores:

Já em 1902, o jornalista inglês W. H. Stead publicou um artigo intitulado *A Americanização do Mundo*: para mencionar, dele, apenas um exemplo, grande parte da Europa sentiu na pele uma séria crise agrícola na década de 1870, que teria sido um dos principais fatores responsáveis pela grande onda de emigração européia ocorrida em fins do século 19 (rumo aos EUA, Austrália, Argentina, Brasil), dando origem a uma rede de relações intercontinentais.

O final do século 19 já coroava esforços de cooperação e interação internacional, como a Cruz Vermelha, a União Postal Universal, a conferência internacional sobre a padronização horária em Washington (1884). Assistiu também o reavivamento dos Jogos Olímpicos, Congressos e Exposições internacionais como

a Exposição Universal de Paris de 1889, e as várias tentativas de elaboração de línguas universais (como o volapük e o esperanto), – agora em nosso tempo em uma inusitada fase de materialização experiencial espontânea e desordenada através da web: com sua *netiqueta*, *emoticons*, etc.

Em seu livro recente *The Birth of the Modern World*, Cristopher Bavly (2004) também enfatiza a importância da fase final do século 19, mais precisamente o período 1890-1914, quando tem lugar o que ele denomina de “a grande aceleração das transformações”: Marconi faz sua primeira transmissão radiotelegráfica transatlântica; Blériot faz o primeiro vôo transoceânico num monoplane, cruzando o Canal da Mancha. No campo das idéias, a disseminação mundial do positivismo chega não apenas ao Brasil e à América espanhola, mas também à Índia, onde hindus devotos fazem leituras em voz alta das obras de Comte como se fossem livros sagrados – às margens do rio Ganges. Bavly salienta as origens policêntricas das transformações.

Já David Harvey (1999) alerta que o pensamento modernista parece ter cristalizado no decorrer da última metade do século XX uma ótica intervencionista do mundo dos homens, com vistas à instrumentalização, ao controle e à condução das ações humanas: o próprio espaço urbano na modernidade, segundo ele, foi encarado como algo a ser moldado para propósitos sociais, subserviente, portanto, à construção de um projeto social. O ambiente construído seria um elemento de um complexo de experiência urbana, considerado como um elemento vital para se forjarem novas sensibilidades culturais. O próprio modelo pedagógico corrente à época, conhecido como Condutivismo ou Behaviorismo, consolidara-se por volta de 1930, baseado na crença de que o processo de aprendizagem era fruto de memorização decorrente de repetições sucessivas, e foi intensivamente utilizado no ocidente nas décadas de 50 e 60 para o ensino regular através da instrução programada. Chegou a motivar a proposição pelo professor B. F. Skinner, de Harvard, um de seus principais expoentes, de máquinas de ensinar, e ainda na década de 60, grandes empresas, como a IBM, concentravam esforços na produção e difusão destes sistemas (Pozo, 1998).

Embora não mostre consistência, portanto, a noção de que nossas experiências sejam tão completamente dissociadas das vivenciadas por gerações anteriores, parece claro que vivemos numa época singular da *compressão tempo-espço* subsequente à revolução das comunicações e da aceleração das mudanças culturais e sociais dela decorrentes. É válido, pois, levar na devida conta por que o modernismo tomou características tão dominantes na organização urbana, e conseqüentemente no engessamento do pensamento do pós-guerra.

- **PANO DE FUNDO**

Os problemas políticos, econômicos e sociais enfrentados pelos países capitalistas avançados na esteira da Segunda Guerra Mundial eram tão amplos quanto graves. Paz e prosperidade internacionais tinham que ser construídas de alguma maneira a partir de programas que atendessem às aspirações de povos que tinham dado maciçamente suas vidas e energias numa luta descrita e justificada como por um mundo mais seguro, por um mundo melhor, por um futuro melhor. Certamente isto significava o não-retorno às condições pré-guerra de recessão e desemprego, de marchas contra a fome e locais de distribuição de sopa, de habitações deterioradas e de penúria, ou ao descontentamento social e à instabilidade política que estas condições disseminavam. Para se manter democráticas e capitalistas, as políticas do pós-guerra tinham que tratar de questões de pleno emprego, da habitação decente, da previdência social, do bem estar e das amplas oportunidades de construção de um mundo melhor.

A partir da década de 50 e início dos anos 60 várias teorias punham em questão o pensamento corrente sobre o conceito da aprendizagem. A postura condutivista começa a entrar em crise, cedendo lugar às pesquisas mais recentes em psicologia cognitiva, conceitualmente baseadas na construção do conhecimento e dos significados através do processamento da informação pelo próprio aprendiz. Novos paradigmas, com visões distintas que tiveram como principais formuladores, respectivamente, Jean Piaget – enfatizando a percepção e a compreensão individuais, e L. S. Vigotsky – focada na interação mediada entre os indivíduos.

Este era o panorama do mundo que sensibilizou Jürgen Habermas a formular a sua teoria crítica da sociedade que denominou de “agir comunicativo” (1983,

1989). Definiu ali uma dicotomia do mundo dos homens em vertentes coexistentes que denominou de “mundo do sistema” e “mundo da vida”. Sua teoria permitiu desvelar a distinção entre o mundo das necessidades reais dos sujeitos, seus sentimentos e percepções (mundo da vida) e o entorno formal das regras, das leis, das normas, etc. (mundo do sistema) – este um pano de fundo artificial e formal criado pelo próprio homem visando circunscrever as ações sociais para a consecução de objetivos (êxito) e para o convívio com/domínio sobre os efeitos da natureza a sua volta, que se reflete na organização da sociedade, na educação, nas abordagens científicas, etc. O mundo do sistema criaria o entorno das condições de controle do mundo da vida, gerando como consequência distanciamento, tensão, insatisfação, submissão e ação social reativa.

Havia em toda parte a tendência de considerar a experiência de produção e planejamento de massa da época da guerra como um meio de lançar um vasto programa de reconstrução e reorganização, embora as táticas e condições variassem de lugar para lugar (em termos, por exemplo, de grau de destruição durante a guerra, nível aceitável de centralização do controle político, ou de compromisso com o Estado do bem estar social). Quase como se uma versão nova e rejuvenescida do projeto do Iluminismo tivesse irrompido, como Fênix, da morte e destruição do conflito global. A reconstrução, reformulação e renovação do tecido urbano se tornaram um ingrediente essencial deste projeto, como força controladora das idéias sobre produção, muito mais do que como quadro teórico e justificativo para aquilo que políticos, construtores e empreendedores tinham passado a fazer por pura necessidade (essencialmente utilitária) social, econômica e política. Ação controladora que Habermas define como “colonização do mundo da vida” e “conformação da sociedade” (1983, 1989), objetivando a indução e condução a formas aceitáveis ou desejáveis de postura social.

Nesse panorama geral, os mais variados tipos de soluções foram explorados. A Inglaterra, por exemplo, adotou uma legislação municipal e nacional de planejamento rigorosa, cujo efeito foi restringir a suburbanização, substituindo-a pela expansão urbana nas regiões de alta densidade e pelo desenvolvimento planejado de novas cidades. Sob o olhar vigilante e no mais das vezes sob mão-forte do Estado, foram tomadas medidas para construir casas, escolas, hospitais,

fábricas, etc., – modulares, – através da adoção de procedimentos de planejamento racional e sistemas de construção industrializada que os arquitetos modernistas de há muito haviam proposto, tudo isto integrado por uma profunda preocupação expressa repetidas vezes nas leis, objetivando promover a igualdade (ao menos de oportunidade), o bem estar e o crescimento econômico que, de alguma forma, também foi buscada, em suas variantes, por muitos outros países europeus. O que a sensibilidade de Habermas critica como puro uso pragmático e utilitário, com a mera ausência de sofrimento tácito sendo interpretada como bem estar social.

Os Estados Unidos empreenderam seu processo de reconstrução de uma forma diferente. Uma rápida suburbanização (aparentemente pouco controlada – mas essencialmente desenvolvida por particulares, e pesadamente induzida e subsidiada por sistemas de habitação mantidos com recursos governamentais) bancada através de investimentos públicos diretos na construção de estradas e infra-estrutura (parques urbanos, pontes, etc.). A solução americana configuraria uma resposta, segundo a retórica da época, ao sonho de todo soldado desmobilizado, e também se baseou em uma forma de produção em massa, nos sistemas de construção industrializada (dirigista – rigidamente voltados para os fins específicos a que se propunha, segundo a visão crítica de Habermas), e numa concepção socialmente arrasadora de fazer emergir um espaço urbano racionalizado, ligando-o por meio de formas individualizadas de transporte através de infra-estruturas fornecidas pelo Estado.

- **CAPITALISMO E PRIVATIZAÇÃO DE CORPOS E ALMAS.**

Seria injusto e errôneo descrever essas soluções modernistas para o desenvolvimento e redensolvimento urbano do pós-guerra como puros fracassos. Cidades arrasadas foram reconstruídas rapidamente e populações abrigadas em condições melhores do que no período entre-guerras. Dadas às condições tecnológicas e à dramática escassez de recursos da época, é difícil ver como isto poderia ter sido viabilizado, exceto por variantes do que de fato foi executado. E apesar de algumas soluções haverem se mostrado mais bem sucedidas do que outras (no sentido de produzir satisfação pública), a reconstituição do tecido urbano de modo a preservar o pleno emprego, melhorar os equipamentos sociais materiais, contribuiu para as metas de bem estar social,

de modo geral facilitando a preservação de uma ordem social capitalista bastante ameaçada em 1945.

Uma época (anos 50) em que era moda louvar as virtudes de um estilo internacional e alardear sua capacidade de criação de uma nova espécie de ser humano visto como o braço expressivo de um aparelho estatal burocrático intervencionista, considerado, ao lado do capital corporativo, o guardião de todos os avanços do bem-estar humano. Algumas alegações ideológicas eram grandiosas, mas as transformações radicais nas paisagens sociais (e físicas) das cidades tinham pouca relação com elas. Na visão de Habermas (1983, 1989), puro uso ético da razão prática, objetivando a pacificação artificial generalizada mediante valores herdados do mundo social, de modo a continuar reproduzindo aquele mesmo mundo e suavizando as tensões decorrentes dos desejos de transformação – perpetuando assim as tradições e as certezas ingênuas do mundo social nativo.

A visão do filósofo alemão é de certa forma reforçada por Michel Foucault (1987) em *Vigiar e Punir*, numa releitura do conceito do panóptico de Jeremy Bentham (2000), referenciando-o aos controles disciplinares da sociedade. Sua interpretação corrobora a impressão de que tanto naqueles filósofos quanto no panorama do *Admirável Mundo Novo* de Aldous Huxley (1969, 11ª Edição), a sociedade da (auto?)imposição/sugestão em que vivemos restringe as individualidades, – seja através da coerção ostensiva, ou da condução sugestionada, – e assujeita ao mesmo tempo em que amolda indivíduos-utilitários, em sua ação coletiva, ao que o próprio Foucault se refere como corpos úteis e dóceis, nome que deu a um dos capítulos da obra, numa proximidade cada vez maior à da organização sociabilizada dos chamados insetos-sociais (abelhas, formigas, cupins...) apontada por Huxley no ensaio posterior *Retorno ao Admirável Mundo Novo* (1959), por meio de uma “dominação internalizada e legitimação de uma identidade auto-imposta, padronizadora e não diferenciada”, que aponta Castells (1999^a:25), já anteriormente ressaltada, segundo ele, por teóricos como Sennett, e mesmo antes, por Horkheimer ou Marcuse.

“Hoje a arte de controlar os espíritos está em vias de se tornar uma ciência. Os praticantes desta ciência sabem o que estão fazendo e por quê. São guiados na sua obra por meio de hipóteses firmemente estabelecidas

sobre uma grande massa de dados experimentalmente constatados”

Aldous Huxley (1959)

Foucault identificou na tomada de poder sobre o indivíduo enquanto ser vivo, um dos fenômenos primordiais das sociedades industriais, que engendrou uma espécie de estatização do biológico, denominada pelo filósofo de “biopolíticas” (Foucault, 2000). O fenômeno se constituiria de um conjunto de políticas de planejamento, regulação e prevenção, com o fito de intervir nas condições de vida para modificá-las e lhes impor uma normatização, e teria sido apropriado sem exceção pelos Estados-Nação da era industrial. A este respeito, Paula Sibilia (2002:158) aponta que o processo teve lenta e inexorável progressão no decorrer de todo um século, tendo se consolidado na primeira metade do século XX, e que um grande motivador de seu surgimento teria sido a nova problematização da vida a partir da visão de Charles Darwin das engrenagens da natureza, que reconfigurou os fenômenos biológicos próprios da espécie humana na ordem do poder e do saber, atizando as iniciativas tecnológicas no sentido de controlá-los e modificá-los. Daí teria nascido a idéia de população como problema político proposto à prática governamental (saúde, higiene, natalidade, raças, etc.), o que adquiriu uma enorme importância econômica e política, erigindo-se como um dos pilares da sociedade industrial.

Este conjunto de estratégias estatais teria vindo complementar a outra série de dispositivos voltados para a internalização da vigilância (Sibilia 2002:159) que apontavam para o disciplinamento dos corpos individuais, operados através das várias formas e instituições de cerceamento com suas técnicas de observação, exame e confissão (ordenamento urbano; instituições escolares, fabris, religiosas, médicas, prisionais...), operando através do esquadrinhaamento do tempo, distribuição dos indivíduos no espaço e punições normatizantes, tendo como meta o direcionamento e a sincronização da força humana útil por meio do treinamento (adestramento) minuciosamente organizado, da docilização dos corpos, e da domesticação das almas.

A ação simultânea destes campos de forças da disciplina e das biopolíticas, o primeiro direcionado ao homem-corpo (com seu impulso individualizante), e o outro focalizando o homem-espécie (em sua potência massificante), — como conjunto de técnicas orientadas para a dominação, — teria se articulado num

vetor destinado a massificar e expropriar as forças humanas com vistas à utilidade.

Sibilia aponta que Walter Benjamin (1989), nos relatos do *flâneur* que acompanhava pelas ruas de Paris de meados do século XIX, resgata o mal-estar e as rejeições populares suscitadas pela ampla rede de controle que tratava de amarrar a vida civil cada vez mais firmemente em suas malhas. E que ele relembra as tentativas até certo ponto violentas de domesticar a confusa organização urbana da época, para propiciar um ordenamento com vistas à sujeição e normalização dos habitantes, implantando políticas de higiene e planejamento urbano: a numeração das residências e a imposição da iluminação noturna que foram objeto de fortes movimentos de oposição popular, e que foram traduzidas em manifestações indignadas (Sibilia 2002:160) de escritores e intelectuais como Edgar Allan Poe e Robert Louis Stevenson. Os processos classificatórios da população e de fixação do indivíduo na massa impuseram-se, contudo, não sem que claros vestígios daquela rejeição se conservassem no tempo, manifestados nesta queixa resgatada por Sibilia (2002:161) do livro de Benjamin:

“Pobres mulheres da França! Vós bem que gostaríeis de permanecer desconhecidas, para ficar tecendo o vosso pequeno romance de amor. Mas como quereis fazer isso numa civilização que manda registrar nas praças públicas a chegada e a saída das carruagens, que conta as cartas e as sela uma vez no despacho e outra vez na entrega, que apõe números às casas e que logo [...] terá o país todo cadastrado até o seu menor detalhe.”

Honoré de Balzac

A apropriação das biopolíticas teria começado a se consolidar algum tempo depois de seu surgimento histórico, e com retardo em relação aos dispositivos disciplinadores, devido à complexidade de sua operacionalização no aparato estatal. Suas estratégias, entretanto, teriam logrado se incrustar (curioso e bem-apanhado termo cunhado por Sibilia para o processo) na população, graças aos efeitos de disciplinamento operado nos corpos individuais que os antecederam.

Foucault (2000) também apontou como finalidade das biopolíticas a organização totalizante da vida: cultivá-la, protegê-la, garanti-la, multiplicá-la, regulá-la, controlar e compensar suas contingências, enquadrar suas possibilidades biológicas enquadrando-as em formatos definidos como normais que ganharam

viabilidade na Modernidade graças à evolução dos conhecimentos de natureza científica baseados na observação e exame (medir, avaliar, classificar, hierarquizar) e ao processamento centralizado dessa informação, apropriado pelo Estado-Controlador (com a estatística e a demografia), que teriam viabilizado induzir e administrar os processos inerentes às populações vivas: natalidade, mortalidade, morbidade, lactância, epidemias, endemias, envelhecimento, incapacidades físicas e efeitos do meio ambiente, a partir dos dados meticulosamente coletados junto aos cidadãos, intervindo com um processo racionalizado no substrato biológico das populações através de leis, regulamentações sanitárias, planejamento reprodutivo, campanhas de aprendizado em saúde pública, propagação de hábitos e costumes ligados à higiene e prevenção de doenças, objetivando dominar a aleatoriedade inerente a toda a população de seres vivos.

Este poder de esquadrihar e gerir vidas consolidado nas mãos do Estado-Nação foi sistematizado por Foucault sob a denominação de biopoder. Ele também apontou que este poder teria sido fundamental para o desenvolvimento do capitalismo em seu objetivo de produzir e direcionar forças sob seu estrito controle, fazê-las crescer, ordená-las e canalizá-las, ao invés de barrá-las. Em suma, de proceder a uma verdadeira ortopedia social, potencializar as forças vitais sem com isso torná-las menos fáceis de serem sujeitadas e convertidas em meros recursos úteis aos interesses do capitalismo industrial: uma formatação de corpos e almas visando a produtividade. Já Sibilia (2002:164) ressalta que estas estratégias teriam culminado com a construção da figura sociopolítica e econômica do trabalhador, que antecedeu ao nascimento a fórceps do operário, este o protagonista do grande drama da sociedade industrial, que segundo se pode depreender da análise de Foucault (1996) nunca constituiu a essência natural do homem. Teria sido, sim, forjada a suor e sangue na re-estruturação de corpos e almas numa complicada operação de vertentes bipolares sucessivas: disciplinadoras e biopolíticas.

Prosseguindo na trajetória que percorre, Sibilia menciona a obra *Regras para o parque humano* com que Peter Sloterdijk (2000) brinca com conceitos ideados por Platão em seu clássico *O Político*, desde o título. Naquele clássico, o filósofo grego apresenta a arte da política como não mais do que: cuidar

voluntariamente de rebanhos de seres vivos que demandam voluntariamente dos cuidados oferecidos. Sloterdijk, segundo a autora, teria estabelecido um contraponto, numa leitura que reinterpreta a atividade da política como “arte de pastorear homens” (in Sibilia 2002:164/5), fazendo alusão a regras para administrar rebanhos humanos, conceito que deu origem ao nome do livro, numa explícita sugestão à domesticação/adestramento de animais em jardins zoológicos ou circos. Sibilia entende que, do ponto de vista político, o questionamento seria traduzido como: em que divergem fundamentalmente uma população de homens e um conjunto de animais domésticos? Até que ponto uma distinção qualitativa essencial, e não meramente de cifras? — lembrando a extrema proximidade numérica da informação dos códigos genéticos da espécie humana, e, por exemplo, as dos chimpanzés, 98,4% idênticas, confirmada recentemente pela biologia molecular.

Mesmo sem recorrer às verdades digitais que hoje fluem das equações da vida, a provocação lançada por Sloterdijk, segundo a autora, ecoou com força nos debates intelectuais ligados à nova tecnociência, cujas propostas de extrapolação de limites prenunciam um futuro biopoliticamente assustador, ameaçando atualizar conceitos tão caros à tradição ocidental, como: rebanhos, pastores, pessoas voluntariamente dóceis...

Segundo a autora (Sibilia 2002:167), apesar de ter se debruçado na análise detalhada dos mecanismos disciplinadores e das biopolíticas nas sociedades industriais, e de ter percebido uma certa crise das disciplinas que mencionou em seu *Em defesa da sociedade*, Foucault não viveu para conhecer as mudanças acontecidas em anos mais recentes, mutações que teriam motivado Gilles Deleuze (1992) a elaborar um *Post-Scriptum sobre as sociedades de controle* à maneira de um apêndice a uma genealogia do poder tão sagazmente arquitetada e respeitada, dando conta do adensamento de suas malhas em um processo de sofisticação e intensificação dos dispositivos das sociedades industriais, agora reforçadas pelas inovações tecnocientíficas, passando a uma cobertura totalizante das ações de todo o espectro social, sem deixar praticamente nada fora deste controle, sobretudo aos vinculados aos campos da teleinformática e biotecnologia.

No novo capitalismo pós-produção industrial, — ancorado no consumo, no marketing e nos fluxos financeiros, — os mecanismos de saber-poder entrelaçam-se intimamente com os dispositivos de prazer e entretenimento, ganhando eficácia e legitimidade sociopolítica; e cancelam o declínio do poder centralizador dos Estados-Nação decorrentes da globalização, da virtualização, e da privatização, aprofundando a crise generalizada das velhas instituições. Ao mesmo tempo sinalizam o modelo empresarial onipresente das corporações transnacionais que cumprem hoje um papel fundamental na construção biopolítica de corpos e almas mediante a linguagem flexível, — porém efetiva; e dispersa, — mas onipresente, do mercado. Linguagem de encantamento que produz e reproduz sujeitos-consumidores inebriados e entorpecidos pelas *alegrias e alegorias* do marketing e pelo fetichismo da mercadoria diagnosticada mais de um século antes por Marx.

Sibilia (2002:169) observa que a produção biopolítica é um fenômeno em processo, e que precisa

“beber constantemente nas fontes dos novos saberes e desenvolvimentos tecnológicos para efetuar seu incessante ajustamento nas lutas inerentes às redes de poder, conquistando novos espaços vitais e por vezes negociando e transigindo com eventuais resistências”

Arremata que na supremacia que o mercado assume sobre os fluxos vitais, a nova vertente de biopoder falseia sua onipotência abrindo e fechando simultaneamente fendas por onde se daria a fuga de possíveis forças vitais, e se recompõe através delas mesmas. Uma dinâmica de reequilíbrio, reestruturação e reconfigurações permanentes tipicamente normalizadora, que mostra uma capacidade do capitalismo do século XXI de encampar e reciclar resistências em forças vitais e realizar continuamente o seu afã de convertê-las em frases de efeito e slogans publicitários e de vendê-las repaginadas no mercado. E conclui (2002:169):

“Os novos dispositivos de poder aparecem de maneiras cada vez mais sutis e menos evidentes, mas parecem ter conquistado em sua transparência uma eficácia inaudita: viabilizaram o exercício de um controle total mesmo ao ar livre, que desconhece fronteiras e atravessa todos os espaços e todos os tempos, engolindo o fora”.

- **COMUNIC → AÇÃO**

Correio → imprensa → telégrafo → viagens → rádio → televisão → satélites → TV a cabo → computador → redes → conexão: o mundo se comunica. Cada vez mais. E mais. A mídia de massa entra nas casas e em todos os espaços, e a publicidade invasiva e unidirecional propaga o consumo, ao mesmo tempo em que busca nivelar e difundir os gostos e as opiniões em sintonia com os interesses econômicos e a diversificação/multiplicação da produção de bens. O mundo é incentivado a consumir. Consumir cada vez mais. Consumir... Descartar... Consumir. Ter e ser. Ter para ser. Um mundo que, segundo se diz, se globaliza, se digitaliza, se individualiza e se corporativiza. Talvez não bem uma nova espécie de ser humano sonhada no pós-guerra: novas formas de ação social compartilhada, novas manifestações, novas formas de expressão, novos locais de fala.

A sociedade contemporânea vive um período de transição feroz dos cânones da economia de produção de bens físicos e da vinculação ao espaço geográfico, para uma era dos serviços, da informação, da comunicação e da geração de experiências, que desconhece fronteiras e desagrega o sentido ancestral das raízes territoriais. Novos sentidos, novos formatos e relações familiares, novas comunidades. Novas culturas, já que "culturas são formadas por processos de comunicação" (Castells, 1999b:394) e "todas as formas de comunicação são baseadas na produção e no consumo de sinais" (Roland Barthes e Jean Baudrillard, in Castells 1999b:395). Necessidade de participar, de se fazer ouvir. Talvez uma forma de resposta. Um "Agir Comunicativo?" (Habermas, 1983, 1989).

Em seu livro *A Era do Acesso*, Jeremy Rifkin (2000) discorre sobre mudanças de conceitos que parecem enquadrar o conjunto de transformações que produziram uma nova ótica do consumo na contemporaneidade, onde o automóvel assumiu o significado do principal indicador de medida do êxito pessoal. Através do *leasing*, o automóvel, simultaneamente com outros produtos extremamente valorizados em nossa forma de vida e em nosso sentido de identidade, vem deixando de ser um produto para se transformar em um serviço. De um bem que se possuía, para algo que se arrenda – nestes tempos de encurtamento dos ciclos de vida dos produtos. O acesso, e não a propriedade passa a constituir o

núcleo da relação comercial, abrindo espaço para uma gama adicional de serviços e experiências associadas. Serviços pressupõem sempre relações entre seres humanos, e não entre pessoas e coisas. O tempo e o acesso das pessoas enquanto seres sociais aparecem mediados cada vez mais por relações monetarizadas. O capitalismo perde sua materialidade de origem, e se transforma em assunto de pura temporalidade.

De consumo o foram também outras eras. O consumismo impera na contemporaneidade. Rei morto, Rei posto. A multiplicidade de identidades não só permitidas, mas estimuladas, induz ao consumo. O próprio capitalismo as promove e se metamorfoseia. Hoje, talvez mais do que nunca: “a autêntica riqueza se encontra mais no uso, do que na propriedade”, – se revive Aristóteles (Rifkin, 2000:111).

Edvaldo Souza Couto, (in Louro; Neckel; Goellner; orgs. 2003: cap. 13) explicita o debate sobre as intervenções atuais da tecnologia na atividade humana, e também nos corpos. Alguns autores defendem o homem aspira por um novo corpo mesclado à cibernética, para sua sobrevivência frente às exigências da contemporaneidade. Couto traz à tona a reflexão filosófica sobre o que definiria o ser humano nessa perspectiva e apresenta práticas de modificação das estruturas corporais. Também discorre sobre discursos que preconizam a presença de nano-elementos reguladores dos processos de nutrição e funcionamento interno do corpo, redimensionando o papel dos próprios órgãos, que extrapolam o âmbito deste trabalho. Mas menciona que as cirurgias de natureza estético-reparadoras seriam superadas pelas cirurgias transgressoras, destacando como as concepções de saúde e de doença se metamorfoseiam nesse contexto pós-humano e pós-biológico em que o homem se vê ante a possibilidade de intervir na própria corporalidade.

Já da década de 70 vêm relatos da mudança de perfil na clínica psicanalítica: um aumento de demandas no campo de patologias narcísicas, marcadas pelo que Lasch (1983) chamou de cultura do narcisismo. Na sociedade de consumo/consumismo, o principal produto é o próprio consumidor, (in)vestido em sua armadura brilhante que o faz parecer poderoso e belo. E para manter a armadura polida, o mercado oferece ilusões de conforto e grandiosidade, alimentando, dia após dia, o sujeito ávido por tudo o que mantenha o simulacro

erigido: o Lexotan, cocaína, Prozac, Viagra, o Extasy, *bodmods*¹⁰, SPAs, silicone, plásticas, carros, compras ou experiências que o exibam mais belo, moço, magro e infalível – e o indivíduo enfrenta repetidamente o retorno ao seu mal-estar.

• **COMUNICAÇÃO → CONEXÃO → INTERATIVIDADE → INTELIGÊNCIA COLETIVA**

No contexto do final do século XX, as tecnologias possibilitaram a incrível expansão da conexão entre as pessoas e proporcionaram uma interatividade humana nunca antes vista; criaram condições para o surgimento de novas formas de comunicação, de relacionamento e de negócios por meio da web; viabilizando a aglutinação de indivíduos que compartilham de interesses ou idéias comuns em torno de um interesse, atividade ou projeto; e estão à disposição das pessoas no conforto de suas casas, nas 24 horas do dia, moldando nossas hoje *comunidades dos novos tempos*. A cada dia mais, aumenta a consciência de que estabelecer “comunidades virtuais” (Rheingold, 1993), termo que se tornou amplamente aceito e difundido na última década pode ser a maneira mais efetiva de captar e reter a atenção dos consumidores/clientes e estabelecer e consolidar relações duradouras¹¹.

Estas *comunidades* se desenvolvem num espaço não territorial que tomou a denominação de ciberespaço. E quando se fala em comunidades na web, cuja multiplicação desenfreada explodiu nos últimos anos num crescimento alucinante¹², os termos invariavelmente associados: virtual, hiperespaço, ou

¹⁰ Abreviatura de *body modifications*, intervenções no corpo que visam atingir formas que não seriam possíveis por processos naturais, através de adornos, cortes, cicatrizes, vestimentas de constrição (como o espartilho) e da perfuração de partes do corpo para passagem de artefatos de metal (*piercings*). O indivíduo se impõe deliberadamente alguma forma de alteração ou restrição e molda seu corpo de acordo com seus ideais estéticos

¹¹ A denominação “comunidades virtuais” foi cunhada por Howard Rheingold (1993) já desde o título do livro. Ele as descreveu como “agregações sociais que emergem na *Net* quando uma quantidade suficiente de gente se engaja em discussões públicas pelo tempo suficiente, com sentimentos humanos bastantes para formar redes de relações pessoais no ciberespaço”. www.revistadafaebea.uneb.br/edicao.pdf (acessado em dez/06)

¹² A primeira “comunidade virtual” surgiu em meados dos anos 80. Uma rede denominada Usenet criou uma ligação entre centros de computação de universidades que utilizavam o sistema operacional Unix. Uma das funções da Usenet era distribuir notícias sobre vários tópicos referentes à rede (Rothaemel, in Bogo, 2003). Os participantes eram capazes de criar seus próprios grupos de notícias sobre os tópicos de seu interesse, e resumia-se a locais de discussão para onde os participantes podiam enviar mensagens sobre algum tópico e ler as mensagens de outros usuários. Inicialmente todos os grupos de discussão eram centrados em assuntos técnicos e escolares, mas com o tempo, começaram a surgir grupos focados em outras naturezas de interesses, como comida, drogas e música. Pouco tempo depois o número de grupos começou a crescer exponencialmente: dos 158 grupos de discussão em 1984, o número cresceu para 1.732 em 1991, e para 10.886 em 1994. Já em 2003 (Bogo, 2003) registravam-se mais de 25.000 grupos de discussão distintos, focados nos temas mais diversos. Sua proliferação continuou em ritmo cada vez mais acelerado e explodiu a partir daí num ritmo alucinante, impulsionada pelo surgimento de *sites* de grupos de discussão e de redes de relacionamento disponibilizados na web. Mais informações ver nota (I) nas páginas finais do trabalho.

ciberespaço parecem referendar que seriam desprovidas de localização e existência física (*"There is no there there"*¹³ – Gertrude Stein), relacionadas com o caráter do processo de mudança conhecido como globalização e seu impacto sobre a identidade cultural.

A conceituação a que corresponde este novo fenômeno foi analisado por Deleuze e Guattari (1995) como equivalente a desterritorialização. Eles apontam três grandes processos antecedentes de desterritorialização do homem ao longo da história (no sentido literal do termo): desde os selvagens, que ocupavam uma pequena área circunscrita ao espaço geográfico onde viviam; aos bárbaros, que habitaram território mais amplo; até chegar aos povos civilizados, estes organizados em Estados-Nação, – o poder político e social sempre esteve vinculado a territórios físicos, exercido por um chefe de tribo, um rei, um parlamento, mas sempre circunscrito a um determinado espaço geográfico onde era soberano e quase absoluto. Mesmo nas democracias, o poder político central sempre teve grande influência na vida dos cidadãos, por meio do estabelecimento da estrutura social, do ordenamento legal, de normas econômicas, de praticamente tudo, enfim. Já no ciberespaço, onde inexistem fronteiras geográficas, isso tende a ser radicalmente modificado e é bem mais profundo e não identificado com o mero deslocamento físico de um espaço para outro: é, sobretudo, mental¹⁴.

Já Lévy delineia claramente o que seria uma quarta desterritorialização, a mudança para o que ele chama de "espaço do saber" (Lévy 2000:19). Em outras palavras, a Internet teria criado um espaço alternativo de comunicação, livre da ingerência dos governos territoriais, que perderiam o poder de determinar o que as pessoas devem estudar e o que fazer e pensar, e a quem devem se associar. Dentro do ciberespaço, formam-se grupos auto-organizados que realizam o ideal de democracia direta, sem necessidade de delegação de poder a representantes.

¹³ Em português: Não existe lá, lá (tradução minha). Faço aqui um uso livre da citação de Stein, como mera metáfora, sabedor de que seu contexto original remete a Oakland, onde a autora passou a infância (The Columbia Encyclopedia, Sixth Edition. 2001-05: quotation nº 55537).

¹⁴ Segundo a ótica apresentada por Deleuze e Guattari (1995), o capitalismo contemporâneo vive em um processo intenso de desterritorialização. O território, a partir deste contexto, não deve ser confundido com um mero espaço geográfico. Ele pode ser compreendido por uma etnia, uma identidade ou mesmo um simples modo de conceber a vida, apropriado existencialmente por um sujeito ou grupo. Significa dizer que o sistema capitalista é capaz de liberar desejos e ações para, em seguida, controlá-los (descodificação e desterritorialização de um lado e sobrecodificação reterritorializante de outro)

As pessoas se relacionam cada vez mais de acordo com os seus interesses específicos, deixando de se identificar como deste ou daquele país; passam a ser integrantes desta ou daquela comunidade, cujos membros podem estar espalhados pelo mundo afora. Esse fenômeno já começa a ser denominado por alguns pensadores e filósofos como *neomedievalismo*, numa alusão à organização social da Europa medieval, onde o poder político e a autoridade não eram geograficamente definidos.

Por sua vez, Castells identifica a sociedade contemporânea construída em torno de fluxos que expressam os processos dominantes da vida econômica, política e simbólica, e propõe uma nova forma espacial característica das práticas sociais da sociedade em rede: "O espaço de fluxos" (Castells 1999b:404) que seria a organização material das práticas sociais de tempo compartilhado que funcionam por meio de fluxos.

A Internet parecia vir sendo até pouco tempo um espaço alternativo, livre da ingerência dos interesses políticos e mercantilistas¹⁵. Dado ao seu surpreendente crescimento, era de se esperar que as corporações privadas procurassem formas de utilizar esse canal para expor seus produtos e serviços. Os interesses capitalistas estariam tendo dificuldades para dominar o novo espaço, em razão das próprias características da rede. A Internet seria um corpo descentralizado, desprovido de organização formal, que brota tal qual o rizoma de uma erva, no caso pela mera adição de cabos de par trançado (os mesmos dos telefones), cabos coaxiais, fibras óticas e satélites. Ou seja, abriria contínuas brechas para a transmissão da informação sem obedecer a um controle de uns poucos homens.

Trata-se, talvez, do mais fantástico processo de universalização de informações (conhecimentos?) que a humanidade já assistiu, com um potencial de força libertadora muito superior do que aconteceu em relação à invenção da imprensa.

¹⁵ Reportagem da Folha Online de 25/10/2005 comenta que os Estados Unidos estão empenhados em não abrir mão do controle do sistema de domínios da Internet, e detêm o poder de veto sobre a ICANN (sigla que em inglês da Internet Corporation For Assigned Names and Numbers) – organismo controlador destes domínios, de natureza privada, mas dependente do Departamento de Comércio norte-americano (<http://www.icann.org>). A União Européia quer que os EUA compartilhem com a ONU a responsabilidade sobre o sistema de domínios. Dado à origem da rede a partir de um projeto do Pentágono, o Estados Unidos mantém o controle das "raízes" da Internet, enquanto a Comissão Européia defende a descentralização do poder a partir da criação de um novo modelo de governança na web. A questão esteve mais uma vez sob debate na Cúpula Mundial da Sociedade da Informação, evento organizado pelas Nações Unidas realizado na Tunísia em meados de novembro/2005. Notícia completa disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u19164.shtml>

Embora os interesses políticos e capitalistas tenham tido dificuldades de dominar o ciberespaço, as características da Internet têm-se transformado ao longo dos anos, e muitas previsões apontam no sentido de que o acesso e a maioria dos serviços prestados na rede em breve estarão mercantilizados, e submetidos àqueles poderes, como já se pode, hoje, observar.

Lévy (1999:123) aponta que “se o automóvel representou a expressão de um desejo de potência individual, e foi investido de fantasmas, emoções, gozos e frustrações...”, sem o qual a indústria automobilística não poderia pelas suas próprias forças ter feito surgir o universo do transporte individual nele baseado, em todo o mundo, com suas densas redes de garagens, postos de gasolina, indústrias associadas, clubes, revistas, competições esportivas, mitologia da estrada, e todas as suas conseqüências sobre a estruturação do território, a cidade, a demografia, a poluição sonora e atmosférica, etc., que constituem o universo prático e mental fortemente investido por milhões de pessoas, da mesma forma o crescimento vertiginoso do chamado ciberespaço, por sua vez, “corresponderia antes a um desejo de comunicação recíproca e inteligência coletiva” (Lévy, 1999:124). A esse respeito, é um erro comum confundir a auto-estrada eletrônica e o ciberespaço. O ciberespaço não é uma infra-estrutura técnica particular de telecomunicação, mas uma forma particular de usar as infra-estruturas existentes, por mais imperfeitas e disparatadas que sejam. A auto-estrada eletrônica remete a um conjunto de normas de software, de cabos de cobre ou de fibras óticas, de ligações por satélite, etc. Por outro lado, o ciberespaço visa, por meio de qualquer tipo de ligações físicas, um tipo particular de relação entre as pessoas. O ciberespaço, portanto, não é uma rede de computadores. É o resultado da atividade social de seus usuários distribuídos por todo o mundo, conectados entre si. Ciberespaço, portanto, é espaço de relacionamento humano. É sociabilidade.

Nesta questão, Lévy parece reafirmar uma grande inquietação que foi refletida por Habermas (1983,1989) em sua teoria crítica a respeito dos efeitos do positivismo nas sociedades modernas, com a tendência a imperar a supremacia da razão técnica própria do capitalismo avançado. Lévy (1999:124) estabelece analogias históricas que ajudam a compreender o conceito: primeiro com os correios, cujas técnicas materiais e organizacionais já existiam na China desde a mais remota antiguidade (com cavalos e postos de troca, levando e trazendo informações), mas

que só a intensificação da correspondência entre indivíduos fez despontar o “verdadeiro uso” (Lévy 1999:126) que conhecemos. Também com aqueles que fizeram crescer a informática pessoal e o ciberespaço, que foram anônimos dedicados ao constante aperfeiçoamento dos softwares de comunicação; e visionários dos primeiros anos como Engelbart e Licklider¹⁶ que desde o início dos anos 60 raciocinavam em colocar as redes de computadores a serviço da inteligência coletiva, dos técnicos que colocaram para funcionar os primeiros correios eletrônicos na forma de BBS; com os primeiros fóruns, e de como o movimento social de jovens metropolitanos cultos que veio à tona por volta dos anos 80 fez crescer a comunicação baseada na informática, construindo um espaço de encontro, de compartilhamento, de construção cooperativa e de invenção coletiva internacional. Em todos os casos, movimentos sociais, e não fenômenos técnicos, como habitualmente são encarados, que fizeram brotar os *autênticos usos*: do correio, das redes telefônicas e do computador pessoal. “O ciberespaço, como prática de comunicação interativa, recíproca, comunitária e intercomunitária, como horizonte de um mundo virtual vivo, heterogêneo e intotalizável no qual cada ser humano pode participar e contribuir” (Lévy, 1999:126).

O próximo capítulo II, COMUNIDENTIDADES discorre desde os conceitos tradicionais de *comunidade* e de *sociedade* e sua evolução e transformações na contemporaneidade, até o fenômeno das comunidades online características do nosso tempo. Aborda também a representação corporal/identitária e o culto do corpo na sociedade contemporânea, que rechaça a obesidade. Trata ainda do contexto da comunicação de massa e da retomada da voz individual no coletivo da web na última década, e desvela o encadeamento conceitual que me conduziu a cunhar o neologismo *Virtuais Comunidades* que proponho como releitura do fenômeno online objeto da observação, como atualização de uma denominação cristalizada nos anos 1990. Desde o próprio título do capítulo, passando pelo do seguinte, IDENTCOMUNIDADES, o trabalho busca mapear a transmutação dos conceitos identitários herdados do iluminismo e vigentes na modernidade, e sua concepção contemporânea individual/coletivizada na sociedade em rede.

¹⁶ Doug Engelbart, agora com mais de 70 anos, que por longos anos militou no Stanford Research Institute, defendia uma visão de que os computadores podem ser mais do que gigantes máquinas de calcular; eles poderiam ser verdadeiras “ferramentas da existência humana”, e J.C.R. Licklider, que previa a necessidade de computação em rede com interfaces simples para o utilizador. Entre suas idéias premonitórias estavam a computação gráfica, interfaces de apontar e clicar, livrarias digitais, comércio eletrônico, bancos *on-line*, e softwares que existiriam numa rede e migrariam para ser utilizados onde quer que fosse necessário.

Capítulo II — COMUNIDADES

“Interativo e reativo, o computador proporciona a ilusão da companhia sem as exigências da amizade. Uma pessoa pode ser solitária sem nunca estar sozinha...”
Sherry Turkle

• COMUNIDADE

Comunidade vem do latim *communitas*, de *cum* mais *unitas*, quando muitos formam uma unidade.

Ferdinand Tönnies foi precursor, nos idos de 1887, em avaliar as transformações das relações sociais sob o impacto da modernidade, e introduziu no discurso científico contemporâneo dois sentidos distintos de agregação social, decorrentes do que entendia como naturezas distintas da vontade humana:

Uma vontade essencial (força humana orgânica, oculta e instintiva), segundo Tönnies (Miranda, 1995), estaria na origem do que ele conceituou e denominou de *gemeinschaft* (traduzido como *comunidade*, ou talvez melhor: como *sentido comunitário*, ou *espírito de corpo*) que corresponderia a uma formação natural de grupamento humano tradicional, holista, homogênea e difusa, constituída por indivíduos que compartilham um território, simultaneamente aos seus valores, crenças e interesses do todo (relações típicas de grupos de caçadores/coletores e hordas - portanto, grupos relativamente pequenos, rurais e pré-industriais, onde a coesão teria origem no parentesco, nas práticas herdadas dos antepassados e nos fortes sentimentos religiosos). As pessoas compartilhariam como que um senso orgânico natural de vida comum auto-gratificante, em torno de valores básicos como a família, a propriedade, o companheirismo, as tradições e a solidariedade, não mais encontrados facilmente na vida urbana contemporânea.

Em oposição ao primeiro conceito, Tönnies ligou o que denominou *gesellschaft* (traduzido como *sociedade* ou *sentido associativo*) à vontade arbitrária, (uma força deliberada, com um fim a atingir), indicando o tipo de relação que teria surgido com a modernidade, em que desaparece a noção de comunidade naturalmente solidária, dando passagem às relações mecânicas, transitórias e contratuais, racionalmente orientadas para interesses específicos, marcadas pelos valores individualistas e pela crença no progresso. Esta natureza de

agrupamento daria origem às relações típicas de vida urbana desenvolvida, organizada em Estados, detentores de uma complexa divisão do trabalho - cujo sentido de pertença teria finalidade utilitária. Segundo ele, enquanto as relações de *gemeinschaft* (comunidade) manifestariam laços de cultura, os laços de *gesellschaft* (societários) traduziriam traços de civilização. Este confronto entre *cultura* e *civilização*, aliás, passa a constituir um dos principais tópicos do pensamento alemão do começo do século XX .

Zygmunt Bauman (Miranda, 1995), também teria atribuído ao conceito de *comunidade* uma aura de *inocência*, como se constituísse característica natural da espécie humana um sentido gregário desinteressado e igualitário, radicalmente diverso do que se verifica na vida urbana real e contemporânea. Não são facilmente encontráveis nos grandes centros urbanos idéias de compartilhamento, de solidariedade ou de paz. Os contrastes são patentes, a desigualdade evidente, e o descaso quase incompreensível, a despeito do enorme volume e fluxo de informações que nossa sociedade tem à sua disposição. Paralelamente, Bauman atribuiria um sentido coletivo do que seria identidade na nossa sociedade, quase como um substitutivo de comunidade, o que parece fácil constatar em nosso cotidiano: as chamadas tribos urbanas constituiriam um exemplo claro: skatistas, surfistas, evangélicos, apreciadores de rock, punk, reggae, hip-hop, etc., onde a busca de um sentimento comunitário agrega pessoas com aparente igualdade de interesses.

Outros autores, entre os quais Gustav Radbruch, Max Weber e Amitai Etzioni (Miranda, 1995), também discorreram sobre esta dicotomia comunidade x sociedade, cada um à sua maneira, e seus pontos de vista parecem se articular numa linha de coerência comum aos de Tönnies e de Bauman nos aspectos ressaltados, e parecem suficientes para enquadrar o propósito deste trabalho.

• **COMUNIDADES. VIRTUAIS?**

Já no ciberespaço, o virtual, numa perspectiva que Virilio teria denominado de trans-aparência (Franco Ferraz, 1998:3), seria como que a expansão de um plano de realidade produzido pelas novas tecnologias, constituído por velozes

fluxos de informação transmitidos em tempo real através de ondas eletromagnéticas, (Hermínio Martins, in Franco Ferraz, 1998:3):

“tal plano convoca o abandono de certas categorizações com as quais nos acostumamos a balizar e operar o pensamento, abalando dicotomias engendradas há mais de dois milênios pela racionalidade ocidental, como por exemplo, o famoso par essência/aparência”.

Aí também, conceitos e vivências tradicionais naturalizadas, – como as relações espaço/tempo, local/global, individualidade/comunidade, identificação/identidade e identidade/papéis, – mostram-se pouco consistentes em nosso cotidiano, confirmando o que arremata o último autor:

“indicações que nos incitam a refletir acerca dos limites dos quadros teóricos tradicionais do pensamento ocidental, para dar conta das alterações engendradas no âmbito da ciência contemporânea e de suas invenções tecnológicas, que sem dúvida marcarão, de modo definitivo, a passagem do século e o início do novo do milênio”.

Linda Harazin (1993) lembra que as palavras comunicar e comunidade têm o mesmo significado de compartilhar. E aduz que “gravitamos naturalmente sobre mídias que nos habilitam a nos comunicarmos e formar comunidades porque isso, de fato, nos faz mais humanos”.

Deixando preventivamente de lado o conceito de virtualidade que constituiu a base da denominação original das neocomunidades online, Schwartz (in Hall, 1999) referiu-se a comunidades de significados – uma denominação não usual que engloba uma reflexão conceitual que parece consolidar um significado simbólico contemporâneo fundamental, ao atribuir-lhes o poder de gerar um sentimento de identidade e lealdade, que nas sociedades mais tradicionais ou numa era pré-moderna eram conferidos à tribo, ao povo, à religião, e à região, fontes históricas poderosas de significados. Já Castells (1999b:395) afirma que não há separação entre realidade e representação simbólica: “em todas as sociedades, a humanidade tem existido em um ambiente simbólico e atuado por meio dele”, e que “o que, portanto, é historicamente específico ao novo sistema de comunicação organizado pela integração eletrônica de todos os modos de comunicação, do tipográfico ao sensorial, não é a indução à realidade virtual, mas a construção de uma virtualidade real.”

Em termos econômicos e comerciais, empresas podem se converter em portais daqueles grupos, e propiciar o acesso dos pretensos consumidores/clientes àqueles novos e ambicionados espaços de convivência, sob os seus auspícios, podendo construir, assim, relacionamentos de longo prazo que viabilizam uma continuidade de concretização de negócios de naturezas variadas ao longo de toda uma vida comercial¹⁷ de interesses mútuos compartilhados através do relacionamento. Em seu livro *The One to One Future* os consultores de marketing Don Peppers e Martha Rogers afirmam que não importa bem o quanto criativa e inovadora seja a sua empresa, o único *software* que realmente tem valor é a relação com os seus clientes.

Na avaliação de Lévy (1999), no entanto, reduzir o novo dispositivo de comunicação às formas midiáticas anteriores: de difusão um → todos, de um centro emissor em direção a uma periferia receptora, só pode empobrecer o alcance do ciberespaço para evolução da civilização, mesmo se levarmos em conta os interesses econômicos em jogo.

• CORPO-IDENTIDADE?

Em seu artigo *A Vertigem. Da ausência como lugar do corpo*, Catarina Moura (2002), observa que “A vocação comunicacional universalmente reconhecida como essência do ser humano é também vocação do corpo. Eu possuo este corpo, como ele possui a mim”. Já Lévy (1999:130), por sua vez, afirma que

“a tendência à interconexão provoca uma mutação física na comunicação: passamos das noções de canal e de rede para uma sensação de espaço envolvente, e com ela o ciberespaço talvez não seja mais do que o indispensável desvio técnico para atingir a inteligência coletiva... e um repensar dos modos de organização de grupos humanos, estilos de relações entre os indivíduos e os coletivos, radicalmente novos, sem modelos na história nas sociedades animais”.

¹⁷ A nova ótica dos relacionamentos gera a possibilidade de estabelecer e valorar um índice de potencial de negócios ao longo da vida, cunhado pelos especialistas de marketing de “VEV - Valor de Expectativa pela Vida” (Rifkin, 2000:139). O conceito não é novo, e já vem sendo utilizado há bastante tempo por empresas emissoras de cartões de crédito, editoras de revistas e de catálogos de vendas pelo correio – cuja base de sustentação é por meio de assinaturas ou associação. Determinar a VEV pressupõe contabilizar um valor presente de todas as compras futuras de um cliente, confrontando-o com os custos de marketing e de serviços ao cliente necessários para manter a relação de longo prazo. A chave é estabelecer mecanismos apropriados para atrair e capturar o cliente por um tempo ao longo do qual se promovem novos negócios que geram novos negócios ou serviços, e assim sucessivamente – numa base de confiança.

Vale ressaltar a noção de uma necessidade cognitiva humana (e da ciência) de olhar a vida como que pelo espelho retrovisor, isto é, do entendimento da construção basicamente incremental do conhecimento humano a partir das referências anteriores. Como que a manifestação de um receio culturalmente assentado no homem de tirar os dois pés simultaneamente do chão, ainda que esta base se apresente em nossos dias extremamente movediça.

Desvela-se aqui, ainda, uma dificuldade humana ancestral de se desvincular de sua porção animal: territorial, corporal, temporal e cronológica, mesmo num entorno em que, segundo a ótica que Moura (2002), apresenta no artigo

“espaços lineares, posições fixas, perspectivas estáticas vão sendo ultrapassadas por *media* que ao adicionar a velocidade ao espaço e ao tempo clássicos, eliminam o aqui em função do agora, colocando a tônica num tempo real que se define como amputação de um tempo em três dimensões – passado e futuro implodem no eterno presente” e... “esta contradição espaço-temporal operada pela velocidade na técnica devolve-nos um mundo real perdido como distância e finitude, ao mesmo tempo em que nos apresenta esse espaço-outro que a técnica racionalizada implantou na nossa geografia mental”.

O corpo se desvela enquanto embalagem (ícone/significante) que envolve e delimita o indivíduo, mas se funde e se confunde com ele – que se representa através dele. O corpo é o pedestal (porta-estandarte) do rosto, repositório da individualidade, uma das fortes marcas de nossa época, não um mero invólucro que possa ser inseqüentemente deixado para trás. Haveria no “corpo vivido” (Merleau-Ponty, in Costa, 2004:56)¹⁸ algo que conta uma história, e que, ao fazê-lo, individualiza o sujeito, unificando a experiência, atribuindo-lhe sentido. Não seria um mero habitáculo da alma que o anima, função atribuída por uma tradição cristã cuja influência só lentamente foi sendo superada.

Uma das polêmicas vertentes a que esta pesquisa se propõe a levantar elementos à discussão é até onde o indivíduo contemporâneo – originado e

¹⁸ O conceito de “corpo vivido” foi elaborado por Merleau-Ponty: a expressão sublinha a continuidade fenomênica entre o físico e o mental, com o propósito de mostrar que as ações intencionais não são propriedade exclusiva de uma mente descolada da matéria corpórea, mas a expressão de atividades físicas e psíquicas que são indissociáveis. O conceito teria o papel de unificar estas atividades, desunidas pelas filosofias idealistas e materialistas, de inspiração cartesiana, que postulam a existência de um corpo matéria extensa no espaço, divisível e sujeita às leis da física e da natureza, e de uma mente, substância pensante, inextensa, indivisível e não sujeita às leis de causalidade mecânica, ou outra.

forjado num contexto histórico, social e vivencial centrado no corpo cada vez mais *valorizado*, – seria dotado da capacidade de se abstrair de sua individualidade corpórea, mesmo quando se vê frente-a-frente com a oportunidade de se manifestar através de um meio pretensamente permissivo ao apagamento ou supressão daquelas características, como a web. Uma questão que se levanta é se a pretensa liberdade oferecida pelos *chats*, *blogs*, fóruns, correios, listas de discussão, etc., não apenas possibilitaria aos indivíduos manifestar meros simulacros lúdicos de identidades, efêmeros, descartáveis, reflexos diretos das propostas e interesses do mercado. Como que (Rolnik, in Sibilia, 2002:33) “*kits* de perfis-padrão”, identidades “*prêt-à-porter*” encarceradas em “novos corpos imaginados”¹⁹.

• CORPO ESTRANHO NA SOCIEDADE: OBESIDADE

Cerca de 1/3 da população mundial apresenta hoje algum grau de sobrepeso ou obesidade, sendo mais de 10% (um universo de cerca de 18 milhões de pessoas²⁰, só em nosso país) acometidas do grau denominado obesidade severa ou mórbida, assujeitadas a toda uma gama de patologias e conseqüências físicas, sociais ou psicológicas associadas.

O desenvolvimento tecnológico na área da medicina trouxe, nos últimos anos, diversas alternativas de cirurgias voltadas para o controle da obesidade, – e inaugurou esperanças de uma vida nova para o enorme contingente de pessoas dela acometidas. Nunca antes a espécie humana havia conhecido possibilidades concretas de operar transformações corporais de tal forma rápidas e radicais, com tão profundos reflexos na saúde, na auto-estima, na identidade, e na postura frente ao mundo, como atualmente os portadores de obesidade submetidos a uma destas modalidades cirúrgicas, popularmente conhecidas como gastroplastias, e denominadas no meio médico de cirurgias bariátricas. Em menos de 2 anos, um indivíduo obeso pode eliminar até mais da metade do seu peso, mudando radicalmente a sua figura e se aproximando dos padrões

¹⁹ O conceito de identidade “*prêt-à-porter*” defendido por Ieda Tucherman em entrevista à *INTERACT – Revista Online de Arte, Cultura e Tecnologia*, de 3/7/2001 – disponível em www.interact.com.pt/interact3, link *Entrevista* (acessada ago/2004), foi formulado por Suely Rolnik e apresentado no instigante ensaio *Toxicômanos de identidade*, na Conferência na X Documenta – Kassel, 1997.

²⁰ Dados da Organização Mundial de Saúde, disponíveis em reportagem da Revista Veja de 17/março/2004.

considerados socialmente aceitáveis do ponto de vista estético. A transformação corporal possibilita ao indivíduo a conquista da aceitação por uma sociedade cruel que estigmatiza o gordo. Habilita-o, portanto, segundo o ponto de vista que defendo neste trabalho e pretendo ver confirmado na pesquisa, a participar da sociedade de consumo que exclui e rejeita os acometidos de sobrepeso e não os vê como acometidos de uma patologia de natureza complexa, atribuindo-lhes ainda uma culpa perversa e injustificada por sua compleição física.

• **UMA COMUNICAÇÃO (COM EXCESSO) DE MASSA**

O processo simbiótico da assunção do poder do sistema de comunicação de massa na sociedade industrial parece ter-se consolidado historicamente por fenômenos semelhantes aos da “conquista do Estado pelas forças da mudança presentes na sociedade civil contemporânea e nos aparatos de poder estatal organizados em torno de uma identidade semelhante”, descritos por Castells (1999a:25).

Castells (1999a:25) ressalta a concepção de Gramsci, de que a sociedade civil corporificaria uma ambigüidade onde aqueles aparatos [entre os quais a(s) Igreja(s), os sindicatos, partidos, cooperativas, entidades cívicas, etc.] – que se por um lado prolongam a dinâmica do Estado, por outro lado são profundamente arraigados entre as pessoas. Argumenta na seqüência, que justamente este duplo caráter da sociedade civil a tornaria um terreno privilegiado de transformações políticas, possibilitadas justamente pela relação simbiótica com aqueles aparatos e suas ramificações. Relações que, segundo Castells, são defendidas por Gramsci e Tocqueville como “expressões de democracia e civilidade”, e onde, entretanto Foucault ou Sennet, e antes deles, Horkheimer ou Marcuse vêem “internalização e legitimação da dominação e de uma identidade impositiva e homogenizadora”.

Uma questão que levanto à discussão é que um processo de interdependência simbiótica e ambígua, semelhante, se teria espalhado por extensão pelos aparatos que se desenvolveram em torno da estrutura do poder das corporações da comunicação e entretenimento de massa presentes na sociedade moderna globalizada (mídia de massa; o próprio Estado enquanto poder

concedente/normatizador; organismos políticos, reguladores e de arbitragem; agências de publicidade; institutos de pesquisa de mercado e medição de audiência, etc. – e a própria sociedade de consumo), impondo uma dominação internalizada e a legitimação, talvez, da mesma categoria arrogante de identidade imposta, padronizadora e não-diferenciada, já referidas, que ao mesmo tempo teria suprimido os espaços de expressão pessoal, sufocando as identidades individuais.

Walter Benjamin (1936)²¹ sugere no seu ensaio que a natureza vista pelos olhos difere da natureza vista através da câmara (tela), e esta, ao substituir o espaço onde o homem age conscientemente por outro onde sua ação é inconsciente, possibilita a experiência do inconsciente visual, do mesmo modo que a prática psicanalítica possibilita a experiência do inconsciente instintivo. Exibindo, desta forma, a reciprocidade de ação entre a matéria e o homem, o cinema (tela), seria, segundo ele, de grande valia para um pensamento materialista. Se, no teatro, a aura de um Macbeth, por exemplo, liga-se indissolivelmente à aura do ator que o representa – tal como essa aura é sentida pelo público – o mesmo não aconteceria, segundo ele, no cinema (tela), onde a aura dos intérpretes desaparece com a substituição do público pelo aparelho. Na medida em que o ator se torna acessório da cena, não é raro que os próprios acessórios desempenhem o papel de atores.

Por seu turno, John Naisbit (1999) lembra que, na contemporaneidade, nossas vidas foram invadidas pelas telas. Seja de cinema, de TV, telas de monitor de computador, de agenda eletrônica pessoal, do celular, telas do forno microondas, telas do monitor cardíaco, enfim, as telas estão em todos os lugares, orientando-nos, informando-nos, divertindo-nos. Frente a esta constatação, o autor opina que mesmo sem nossa percepção consciente, as telas estão nos modelando.

No contexto da comunicação de massa, a publicidade autorizou-se a criar, dentro de seus limites, como que uma outra sociedade onde somos todos felizes: a vida tem mais cor, cada um fica na sua, com a certeza de ter alguma coisa em comum (**Rocha**, 1995):

"somente esse universo mágico é capaz de unir sucesso e cigarro, ecologia e conjunto habitacional, margarina e saúde infantil, batom e beleza do eterno

²¹ Disponível em www.culturabrasil.org/frankfurt.htm (acessado dez/2006).

feminino... É lá o lugar em que eu tudo compro e nada devo, e tudo sobra, nada falta... Os descontos anulam gastos, e, pagando, na verdade, economizo"

Mas essa sociedade *outra* invade nosso cotidiano através da mídia, deixando-nos muitas vezes em dúvida do lugar que ocupamos: tudo estimula sermos admitidos como personagem, metamorfose nada difícil para o homem contemporâneo que anestesia a angústia ou a depressão no simples ato de consumir, e a vida real passa a ser cada vez menos real. Não é à toa que Oliviero Toscani (in Calligaris, 1996) afirma que a publicidade é hoje mais formadora de nossa subjetividade do que o ensino escolar. Ela é a maior expressão de nossa época, quantitativamente pelos investimentos que mobiliza, e qualitativamente por seu protótipo cultural, pois o consenso da razão contemporânea parece ser feito de imagens de sonho que nos convidam: sejam como nós, imagens publicitárias.

No entanto, e já não é de hoje, a publicidade tradicional mostra uma profunda crise de identidade em todo o mundo. A globalização põe em xeque a efetividade da publicidade enquanto instrumento persuasivo, que em nossos dias revela uma ineficácia estrutural frente ao sujeito-consumidor dos novos tempos, e estaria deixando atordoados os próprios profissionais-estrelas do mundo publicitário:

Em entrevista ao site da revista IstoÉ Dinheiro de 29/10/2003, Nizan Guanaes, um de nossos publicitários mais festejados, discorre sobre o futuro da propaganda, e sugere a necessidade e o surgimento de uma nova propaganda que não tenha "limites de atuação...". Admite a *mea culpa*: "ficamos tão fascinados com a mídia de massa, com a televisão, que esquecemos que nossa tarefa é comunicar...", e acrescenta "já não basta pôr *reclame* na televisão... trata-se de um novo tipo de relacionamento com os clientes...". Mas não se dá por derrotado, e prossegue "hoje... o caminho se inverteu. A propaganda e o marketing tradicionais não mobilizam mais o público, que quer opinar. O consumidor quer fazer-se ouvir".

A propósito, reportagem da Revista Veja de 31/8/2005 dá conta de que acaba de entrar em veiculação na web uma das iniciativas ainda incipientes de campanha de produtos para o público feminino que abrem mão do estereótipo das modelos

de corpo escultural, pernas longas e esbeltas, entrando em cena as coxas grossas, bumbum avantajado e excessos na área do abdômen, como a maioria das mulheres reais com silhueta *de verdade* (campanha da grife esportiva Nike que entrou em veiculação nas revistas americanas em setembro/2005), como que avalizando uma estratégia recente na publicidade em que a estética é fundamental, das imagens de mulheres ditas *normais*, como as que vêm sendo exibidas nos anos recentes pela Unilever para sua linha mundial Dove, ou pela Natura, no Brasil. A reportagem é arrematada pela opinião de Washington Olivetto, outro dos profissionais-estrelas da nossa publicidade: “Este tipo de propaganda foi tão bem aceito que virou assunto de conversa, de debates, de charges. Até por isso, interfere no padrão de beleza e tem o mérito da quebra de formato”.

Até os nossos publicitários-ícones mostram-se atônitos com as baixas relações custo/benefício auferidas das ações tradicionais, hoje fortemente questionadas pelo mercado anunciante. O consumidor teve sua voz abafada pela comunicação de massa da era contemporânea, e mostra claramente que quer (e parece começar a poder) se fazer ouvir. Talvez aí uma ruptura de paradigmas.

• RETOMADA DA VOZ INDIVIDUAL NO COLETIVO DA WEB

As denominadas comunidades virtuais (online) se constituem em torno de websites e recursos especialmente desenvolvidos para servir a determinados agrupamentos de pessoas com interesses comuns. São conhecidas como comunidades, grupos, fóruns, listas de discussão, chats, blogs, links,... websites de variados conteúdos e recursos disponibilizados, e permanentemente renovados para atrair e oferecer serviços que motivem a visita periódica, desenvolvendo rituais e afinidades e promovendo ciclos continuados de retroalimentação positiva.

O sentido de comunidade permitiria ao indivíduo retomar sua individualidade dentro de um ambiente coletivo, – em contrapartida ao foco impessoal e unidirecional da comunicação de massa gerada pela sociedade industrial, – no que parece constituir o reencontro do ser humano com sua própria voz, com sua própria identidade. Como que uma subversão à estrutura da comunicação de massa que a sociedade moderna impõe, de que o poder econômico do mundo

publicitário se apossou e tornou cativa, hierarquizou, pasteurizou e pseudo-intelectualizou em formas de mensagens: engraçadinhas, *kitsch*, sutis, de bom gosto, *clean*... e inúmeros outros rótulos. Inteligentes, quase sempre, mas relações de pessoas coisificadas com coisas. Simulacros. Que passam ao largo do contato, – do toque humano, – de cuja carência o mundo contemporâneo parece se ressentir.

Promovem uma autotriagem espontânea e uma segmentação natural dos participantes, podendo estabelecer e consolidar relações entre as pessoas e os produtos (ou serviços) oferecidos/produzidos pelas organizações, convertendo-se em capital-potencial vivo. São como que pontos de encontro online, que do ponto de vista de negócios, podem permitir às empresas um contato muito mais próximo (humano) com os seus clientes e potenciais clientes (enquanto indivíduos) – e daqueles próprios participantes (clientes) entre si, simultaneamente – através de contextos inovadores que provocam e facilitam a participação e o intercâmbio de conteúdos gerados pelos próprios membros, eventos, interação e comunicação entre os participantes.

E este ente abstrato que chamamos de mercado é um quase-ser-vivo: temperamental, susceptível e impetuoso – que se revela não mais do que como um coletivo de ações, reações e relações humanas. Afinal, ele é composto de interações: gente, conversações – isto que conhecemos por boca-a-boca.

- **UM (RE)“AGIR COMUNICATIVO”**

As pessoas estão sempre *em busca*: pode ser para entretenimento, profissão, trabalhos escolares, encontrar a cara-metade, obter informações sobre produtos, serviços ou empresas, ou até *cultura inútil*: mero passatempo. Se a vida parece ser uma eterna busca, ainda mais o é em plena era da informação. Detém poder quem apreende mais conhecimento, e a evolução da tecnologia e o surgimento da internet acentuam essa tendência. Nunca foi tão verídico o ditado popular *Quem procura, acha*, quanto na rede. Rushkoff (1999) utiliza o termo *screenagers* para referir-se a crianças e adolescentes que nasceram no mundo do controle remoto, do joystick, do mouse, da Internet. O mesmo mundo das telas que assinalou Naisbit, onde, para Tapscott (1999), a geração net vive

cercada pela mídia digital, onde os usuários não querem ser meros ouvintes ou espectadores, mas exigem interatividade.

Interatividade que é aqui compreendida como a possibilidade de efetivar trocas que não se limitam ao simples clicar do mouse ou apertar comandos de um controle remoto, mas uma interatividade do tipo todos-todos, isto é, na qual cada pessoa se torna simultaneamente emissora e receptora de mensagens (Lévy, 1994), enfatizando os aspectos qualitativos (variedade, riqueza e natureza das interações) em detrimento dos aspectos quantitativos (número de pessoas interagindo) (Machado, 1997). A interatividade passa então a levar em consideração a possibilidade de imersão, navegação, exploração e conversação presentes nos suportes de comunicação em rede, privilegiando um visual enriquecido e recorporalizado em contraponto com um visual retiniano (linear e seqüencial), que recompõe uma outra “hierarquia do sensível” (Couchot, 1997), instaurando, assim, uma lógica que rompe com a linearidade, com a hierarquia, para dar lugar a uma lógica heterárquica, rizomática, hipertextual, passando, portanto, a ser compreendida como a possibilidade de participar ativamente, interferindo no processo com ações, reações, intervindo, tornando-se receptor e emissor de mensagens que ganham plasticidade, permitindo a transformação imediata (Lévy, 1994). Acrescenta-se também a capacidade, desses novos sistemas, de acolher as necessidades do usuário e satisfazê-lo (Battetini, 1996), criando novos caminhos, novas trilhas, novas cartografias, valendo-se do desejo do sujeito, no que parece incorporar a essência do novo capitalismo globalizado.

Estaríamos, enfim, contemplando um (re)“agir comunicativo” de Habermas (1983,1989), potencializado? Marc Gafni (2001), filósofo, rabino e estudioso da cabala destaca o em seu livro *As Marcas da Alma: Descobrendo sua Identidade Espiritual*, que “o desejo de escapar da solidão, de transcender a alienação situa-se no centro do universo, entronizado como nosso impulso humano mais fundamental. Nada é mais importante para nós do que a necessidade de compartilhar nossa vida com outra pessoa... De deixar, nos outros a nossa impressão, e receber a deles”.

Neste contexto, possivelmente uma natureza subjacente de manifestação de identidade (“de resistência”, segundo Castells, 1999a:25) fomentaria a formação de comunas ou comunidades (Etzioni, in Castells, 1999a:25), como trincheiras

de resistência coletiva diante do meio opressivo da comunicação de massa. Manifestação do que Castells (1999a:25) denomina “exclusão dos que excluem pelos excluídos”, ou seja, uma reversão do julgamento de valores, reforçando os limites da resistência cuja comunicabilidade recíproca entre identidades excluídas/excludentes explode na sociedade contemporânea, segmentando-se em uma constelação de tribos – eufemisticamente renomeadas comunidades, hoje, também virtuais. Culminando talvez num processo de construção de identidade coletiva “de projeto” (Castells, 1999a:24), produzindo sujeitos, conforme definição de Alain Touraine (in Castells, 1999a:26) que manifestam “o desejo de ser... indivíduo, de criar uma história pessoal, de atribuir significado a todo um conjunto de experiências da vida pessoal...”.

Comunidades enquanto atores sociais coletivos, que possibilitam aos indivíduos manifestarem suas individualidades e buscar o significado holístico de suas experiências de vida. Identidades sufocadas expandindo-se na sociedade como prolongamento deste projeto coletivo de identidade que se auto-(re)constrói. A lógica da construção da intimidade tem como base a confiança, que exige uma redefinição da identidade totalmente autônoma em relação à formação de rede das instituições e organizações dominantes. E a busca pelo significado ocorreria no âmbito da reconstrução de identidades defensivas em torno de princípios comuns: parecendo referendar a hipótese de Castells (1999a) de que a (re)construção de sujeitos no cerne do processo de transformação social contemporânea toma um rumo diverso do conhecido no período da modernidade dos primeiros tempos, ou seja (Castells, 1999a:28) “não são mais formados com base em sociedades civis que estão em processo de desagregação, mas sim como prolongamento da resistência comunal”.

- **SOCIEDADE DE MUDANÇA x RETOMADA DE UM CONVÍVIO COMUNITÁRIO**

As sociedades contemporâneas são, por definição, sociedades de mudança constante, rápida e permanente, o que constituiria o principal traço distintivo das sociedades tradicionais. Giddens (in Hall, 1999) argumenta que “a tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais, por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes”, enquanto David

Harvey (in Hall, 1999) conceitua a modernidade como “caracterizada por um processo sem fim de rupturas e fragmentações no seu próprio interior”. Ao mesmo tempo, Ernest Laclau (in Hall, 1999) usa o conceito de “deslocamento” e aduz que “as sociedades modernas não têm um único centro, nenhum princípio articulador ou organizador único, e não se desenvolvem de acordo com o desdobramento de uma única causa ou lei. A sociedade não é “um todo unificado e bem delimitado...”, “produzindo-se através de mudanças evolucionárias a partir de si mesma...”, “ela está sendo constantemente descentrada ou deslocada por forças fora de si mesma.” Sugere um processo de desarticulação das identidades estáveis do passado, mas também a abertura de novas articulações: a criação de novas identidades, a produção de novos sujeitos e o que ele chama de “recomposição da estrutura em torno de pontos nodais de articulação”. Leituras diferentes da natureza da mudança no mundo contemporâneo, mas suas ênfases na descontinuidade, na ruptura e no deslocamento contêm uma linha comum.

Mas há um outro aspecto que quero trazer à discussão à luz destas visões dos impactos da mudança contemporânea: reconhecendo estas comunidades dos novos tempos como novos meios de expressão de identidades viabilizados pela sociedade informacional – e não obra do mero acaso – ousa questionar se não estaríamos contemplando uma volta repaginada do tradicional convívio dentro de casa. Comunidades virtuais? Comunidades? “Novas tribos” urbanas (Michel Maffesoli, 1987). Virtuais? Novos agrupamentos como que de amigos-de-fé, quase-parentes, que comparecem a encontros e reuniões que, como antigamente, tínhamos gosto de ver acontecer em nossas próprias casas – e agora voltamos a fazer ocorrer, não mais nos sofás das salas, mas online em volta de cada um dos monitores de nossos próprios computadores pessoais.

Enquanto isso, novos paradigmas surgem em quase unanimidade abrangendo as diversas ciências, e o próprio conceito de ciência engloba simultaneamente múltiplos saberes. A partir dos anos 60, surge neste contexto uma corrente de pensamento que revaloriza o imaginário, que por séculos vinha sendo desprezado pela cultura ocidental.

Uma das maneiras pela qual a mudança de hábitos e valores civilizatórios pode ser visualizada e discutida é através dos diversos grupos ou tribos, referidas a

distintos modos ou estilos de vida que fazem parte do cenário das grandes cidades contemporâneas. O fenômeno das tribos é mais facilmente observável nos jovens, mas podemos constatar que a própria idéia de ser/manter-se permanentemente jovem é maciçamente *vendida* na sociedade de consumo contemporânea, de modo que a juventude, ela própria, constitui uma mercadoria de alto valor, almejada por todos. Ao nos debruçarmos sobre a questão das tribos, temos como objeto certos modelos de constituição subjetiva que estão em jogo em vários segmentos etários da sociedade contemporânea.

As tribos são analisadas principalmente em sua relação com o contexto social mais amplo no qual se inserem, mas a questão do sujeito e sua singularidade pode contribuir para esta discussão. O que buscam os sujeitos através destes agrupamentos? Qual é a dinâmica de funcionamento destas tribos urbanas? Será que através de uma compreensão do funcionamento das tribos podemos levantar algumas hipóteses sobre a questão da constituição do sujeito na contemporaneidade?

O fenômeno das tribos na visão de autores como André Lemos (2002) e Maffesoli (1987), remete à identificação, nestes coletivos, de novas formas de sociabilidade que seriam características de nossa cultura atual. Lemos (2002:69), destaca que "entramos no ambiente social onde a dimensão estética e hedonista impregna todos os aspectos da vida contemporânea".

O fenômeno traz à compreensão os grupos como *locus* identificatórios para os seus membros, e o conceito de "localismo afetual" de Maffesoli (1987) que aponta para o novo espaço delimitado pelas "novas tribos" ganha destaque pela importância dada em sua análise da sociedade contemporânea. Maffesoli chega a propor que o "tribalismo" ou "neo-tribalismo" seja tomado aqui como um novo paradigma, em substituição ao do individualismo, e afirma que a humanidade vive um "período empático", em que predomina a indiferenciação e o perder-se em um "sujeito coletivo" que denomina de "neo-tribalismo".

Observando as tribos através de uma ótica otimista, Maffesoli também as define como "comunidade emocional" ou "nebulosa afetiva", em oposição ao modelo de organização racional típico da sociedade moderna. Assim, nessas tribos, o que

conta é o fato de “estar junto”, – que promove um “sentir junto”. Isto é o que seria buscado no engajamento a estes grupos, uma experiência de cunho “estético”, segundo uma definição muito particular, como “faculdade comum de sentir, de experimentar”; ou ainda, de “experimentar junto emoções, participar do mesmo ambiente, comungar dos mesmos valores, perder-se, enfim, numa teatralidade geral, permitindo, assim, a todos esses elementos que fazem a superfície das coisas e das pessoas fazer sentido”.

Trata-se de um engajamento transitório (Maffesoli, 1987), resultando em “condensações instantâneas” frágeis, mas que, no seu momento, são objeto de uma forte carga de envolvimento emocional. Com as tribos, segundo ele, somos convidados a um incessante “*travelling*”. A adesão às tribos é sempre fugaz, não há um objetivo concreto para estes encontros que possa assegurar a sua continuidade. “Redes de amizade pontuais”, que se reúnem ritualisticamente com a função exclusiva de reafirmar o sentimento que um dado grupo comunga de si mesmo.

A denúncia da falência do individualismo e do próprio social – no sentido político do termo – também está presente no pensamento de Baudrillard (1995), pondo em destaque a dimensão do simulacro característica da vivência atual. Na visão dele, vivemos um momento em que o fim do social deu lugar ao surgimento das massas e do espetáculo (Debord, 1987). Baudrillard afirma que a massa expressa um certo anonimato, sendo por definição, irrepresentável do ponto de vista político. No entanto, as massas contemporâneas, produzidas artificialmente pela indústria do consumo e da informação, se caracterizam justamente por operar uma demanda de sentido incessante. Desta forma, para Baudrillard, as massas são uma engrenagem essencial para o funcionamento do sistema, ainda que ocupem o lugar do espectador e sejam silenciosas, figurando apenas em nível performático.

É um dado da sociologia das comunidades a evidência de que faltam ao homem comum a sensibilidade e a ousadia para tentar ultrapassar a casca e a superfície das coisas, para penetrar o mundo da subjetividade, do devaneio. Gaston Bachelard (2001), no entanto, chama a atenção para a fronteira humana do oculto, – do mundo das sensações, – capaz de desafiar e estimular a imaginação

do indivíduo, a faculdade humana por vezes esquecida que pode fazer nascer, renascer e criar novas formas de vida e de interioridade.

Interpretando o que define como “poética do espaço”, Bachelard coloca em destaque alguns espaços privilegiados, espaços amigos, os espaços habitados, morados, desejados, imaginados e poetizados, capazes de estimular aquela interioridade. Os espaços que teriam valor de intimidade. Dentre eles, a casa (simbólica cabana), espaço de intimidade protegida, como *cantinho* da vida, talvez como primeiro universo depois que o homem sai do útero e do colo materno. A imaginação humana trabalharia esta proteção e este abrigo construindo paredes com sombras impalpáveis e se reconfortaria com ilusões de proteção, ou também, inversamente, poderia tremer atrás de grossos muros, duvidando das mais sólidas muralhas. A visão de Bachelard ressalta o que denomina de “espaços vividos” ou “espaços amados”: a casa – e seus adendos ou complementos, o porão, o sótão, os cantos da casa, a gaveta, o cofre, o armário, o ninho, a concha e a imensidão íntima. Na simbologia da casa, o homem reconheceria intimidade e proteção.

Bachelard desenvolve a idéia do abrigo, do refúgio e da proteção acendendo as luzes fugidias do devaneio. A casa constituiria a maior força de integração para o pensamento, para a lembrança e para o sonho. O princípio de ligação nessa integração seria o devaneio, que é sonho, fantasia, imaginação, calor íntimo, felicidade, bem-estar, alegria. Um grande número de nossas lembranças seriam guardadas ligadas à casa, como refúgio e arquivo. Eles representariam pedacinhos desse refúgio e dessa memória: cantos e “cantinhos”, espaços de nos recolhermos em nós mesmos. “Cantinhos”, como resguardos onde o ser humano se recolhe na proteção de sua intimidade, de sua memória, como prolongamento dos espaços de seus devaneios e sonhos, na medida de sua individualidade.

Por sua vez, Ray Oldenburg (1999) afirma que as comunidades (reais) estariam desaparecendo da vida moderna devido ao escasseamento dos lugares que ele chamou de “*great good places*”. Segundo o autor, haveria três tipos importantes de lugar em nosso cotidiano: o lar, o trabalho e os “terceiros lugares” – aqueles onde se formariam os laços sociais fomentadores das comunidades, como a igreja, o bar, a praça, etc. Esses terceiros lugares seriam propícios para a

consolidação do sentimento de comunidade porque seriam onde as pessoas se encontram desinteressada e desobrigadamente ("lugares de vida pública informal", nas palavras do autor), e ofereceriam formas de "lazer comum". Esses lugares estariam desaparecendo em consequência das atribuições do dia a dia das pessoas, que estariam, portanto, se ressentindo da falta daquele sentimento de comunidade. O trabalho de Oldenburg revelou um declínio desses "terceiros lugares" em grande parte dos centros urbanos ocidentais, por diversas razões que ele credita, por exemplo, à construção padronizada e à constituição de subúrbios.

Já Howard Rheingold (1993), por sua vez, aponta o declínio do sentimento de comunidade como uma das possíveis causas do surgimento das comunidades virtuais.

- **O ELO PERDIDO**

São autores de visões e focos, por certo, bastante diversos, mas a sua articulação pode apontar uma linha de coerência para uma (r)evolução coletiva em curso na sociedade contemporânea, que parece conferir bases consistentes a minha suposição de volta repaginada do convívio tradicional, e para uma sugestão de reposicionamento conceitual que parte da própria denominação comunidades virtuais, que parece ter se cristalizado tal qual concebida há mais de uma década. Comunidades? Certamente que não, no estrito sentido sociológico do termo. Novas tribos online, virtuais, neocomunidades: "empáticas", "emocionais", "transitórias", "ritualizadas" (Maffesoli); "fugazes", "simulacros", "performáticas" (Baudrillard); "cantinhos", "espaços de intimidade protegida" (Bachelard); "lugares de vida pública informal que ofereceriam formas de lazer comum" (Oldenburg); "surgidas do sentimento de declínio comunitário tradicional" (Rheingold)... Em síntese, **O Elo Perdido: Virtuais Comunidades** – como que agrupamentos em torno de pura *sensação comunitária* contemporânea, volátil, emocional, exacerbada, substitutiva e compensatória instalados virtualmente, *online*, respectivamente em volta de cada um, e, – simultaneamente, – de todos os monitores de nossos próprios

computadores pessoais. Materialização virtualizada, aqui e agora, individualizada e sob medida, do *ciberespaço-nosso-de-cada-dia*²².

A própria Internet por si já não seria um produto desta (r)evolução coletiva das individualidades reprimidas? Ela constitui um nítido exemplo de como opera a mais pura conversação nos mercados: um retrato vivo de como funciona o marketing espontâneo da nova economia – o marketing humano – que não precisa ser aleatório nem caótico, como a rede parece ser, porque a essência do ser humano não o é. A Internet viabiliza falar com um número de pessoas (indivíduos, não massas) com o qual jamais sequer sonhamos ser possível, gerar uma massa crítica de amigos/clientes e fomentar sua lealdade, agregar valor e *sentido de prestígio* para posicionar a possível entidade promotora (patrocinadora) como facilitadora (líder) – produzindo um crescimento exponencial das relações²³.

Em seu livro *Futurize a sua empresa*, David Siegel propõe uma gestão conduzida pelo cliente: talvez aí esteja um começo dela. Pela web o cliente não apenas opina – dá palpites. Não só participa – traz contribuições, novidades. Critica – em seu próprio *timing* e sua própria linguagem, e ouve a sua própria voz. Isto é humano: ele se autoconquista, desenvolve afinidades, e fideliza a si próprio.

Os vínculos consolidados pelas afinidades são muito fortes, já que se desenvolvem coletivamente: experiências, vivências, relações e interesses que se pretendam partilhar, de um modo pouco formal e renegociado ao longo de diversos estágios – em que se vai construindo uma identidade social do grupo – que viabilizam sua conversão natural em sentido comunitário, e as pessoas se mobilizam. Se auto-fidelizam. Concorrentes teriam que romper laços sociais e de

²² Considero fundamental ressaltar uma posição que defendo, de que não se trata de fenômenos sem espaço, mas fenômenos essencialmente humanos e sociais que têm lugar num tempo nem sempre sincrônico, em espaços não contínuos, não contíguos, fracionados. Cada interlocutor ocupa seu próprio espaço individual real, onde, – do seu ponto de vista, – e ao seu tempo, se dá a interação. Os interlocutores apenas não compartilham o mesmo espaço físico, como nas interações ditas presenciais. O que cai por terra é a contigüidade dos espaços individuais, não o *território humano* onde se manifesta a ação comunicativa. Alargam-se, – tornam-se fluidas, por assim dizer – as fronteiras geográficas, o raio de ação ou zona de influência da interação, agora não mais restritas à área primária do contato *vis-à-vis*. Novas fronteiras: podemos chamar de interfaces, – não mais condicionadas à contigüidade espacial ou temporal. É isto que é viabilizado pelo meio tecnológico: o atendimento de necessidades e expectativas tipicamente humanas sob novas exigências e condições contemporâneas. O espaço físico se apresenta fragmentado, e se distribui/multiplica em tantos espaços reais (no entorno de cada presença corporal individual) quantos sejam os participantes da interação e o tempo próprio de cada indivíduo. Uma *ambiência* composta de vetores, de conexões, como um mapa de linhas de comunicação e recepção de conteúdos, uma retícula de pontos nodais, entroncamentos e trajetos, através dos quais cada usuário vai criando ao seu tempo, seu próprio roteiro, seu itinerário.

²³ Ver Nota II nas páginas finais do trabalho.

engajamento construídos entre amigos-fraternos, colegas, quase-famílias. Uma sociabilidade promovida de forma inédita, já que não há registro na história humana de formas de práticas sociais de convívio com estas características: virtuais comunidades.

O sentido de comunidade parece permitir ao indivíduo retomar sua individualidade dentro de um ambiente coletivo – em contrapartida ao foco impessoal e unidirecional da comunicação de massa gerada pela sociedade industrial – no que parece constituir o reencontro do ser humano com sua própria voz, com sua própria identidade. A voz humana parece mostrar que pode tocar o espírito, alcançando diretamente o âmago do ser – e parece ser capaz de estimular uma necessidade reprimida de se desnudar, de se abrir e deixar entrever os recônditos da própria alma.

Denominei de IDENTCOMUNIDADES o capítulo III a seguir, que começa discorrendo sobre conceitos de identidade enquanto narrativa e apreensão reflexiva pelo indivíduo. Este capítulo busca estabelecer um paralelo entre aqueles conceitos tradicionais e os fenômenos correspondentes na ambiência da comunicabilidade e interconexão propiciadas pela web, levando em conta novas características identitárias e comunicacionais desenvolvidas nas comunidades online. Também procura caracterizar as etapas das transformações identitárias investigadas nas comunidades/grupos de discussão sobre obesidade nas fases de: preparação; cirurgia; período pós-cirúrgico, e consolidação das transformações corporais; à luz de uma tipologia de construção social da identidade cultural do indivíduo contemporâneo em categorias de identidade que foram definidas por Castells (1999a:24) respectivamente sob as denominações de “legitimadora”, “de resistência” e “de projeto”.

Capítulo III – IDENTCOMUNIDADES

“Não se conhece um povo que não tenha nomes, idiomas ou culturas em que de alguma forma de distinção entre o eu e o outro não seja estabelecida... O autoconhecimento — invariavelmente uma construção, não importa o quanto possa parecer uma descoberta — nunca está dissociado da necessidade de ser conhecido, de modos específicos, pelos outros.”

Calhoun

• A QUESTÃO DA IDENTIDADE

A questão da identidade vem sendo intensamente discutida no âmbito das teorias sociais, na contemporaneidade.

Hall (1999) afirma que a questão que se coloca é que as *velhas* identidades que conferiam uma sensação de confortável estabilidade ao mundo social estariam em processo de transformação acelerada e constante, fazendo surgir *novas* identidades e transmutando o indivíduo contemporâneo, anteriormente visto como entidade ou sujeito uno: “A assim chamada crise de identidade é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam ao indivíduo uma ancoragem estável no mundo social”. Ao mesmo tempo, o autor chama a atenção para a complexidade do próprio conceito de identidade, que considera pouco maduro e pouco compreendido na ciência contemporânea, para ser posto à prova, e aduz que seria impossível oferecer afirmações conclusivas ou fazer julgamentos seguros em suas alegações e proposições teóricas.

Segundo Hall (1999), constitui uma simplificação redutora a herança do Iluminismo que supunha definida uma *essência do ser* como indivíduo unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo centro consistiria de um “núcleo interior que emergia no pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo — contínuo ou idêntico a ele — ao longo da existência do indivíduo”. Questiona qualquer concepção fixa de identidade como fundamentação da nossa existência como sujeitos humanos. Ao mesmo tempo privilegia a concepção de que o processo de identificação através do qual nos

projetamos em nossas identidades culturais tornou-se mais provisório, variável e problemático, contexto em que “a identidade torna-se uma *celebração móvel* formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (Hall, 1987), e é definida historicamente, e não biologicamente. Segundo Hall, o sujeito assumiria identidades diferentes, – não unificadas ao redor de um eu coerente, – em diferentes momentos, podendo ser inclusive contraditórias “empurrando em diferentes direções”, e arremata que “se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos, ou uma confortadora narrativa do eu” (Hall, 1990).

A este respeito, o autor conclui que (Hall, 1990) “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” e, ainda, que na medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam “somos confrontados com uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente”.

A par das definições variadas dos mais diversos autores, Castells (1999a:22), traz à tona a definição de identidade de Calhoun (1994) que abre o capítulo, e afirma entender por identidade, em suas próprias palavras: “do ponto de vista de atores sociais, o processo de construção de significado com base em um atributo ou conjunto de atributos culturais inter-relacionados que prevalecem sobre outras possíveis fontes de significados”.

O autor ressalta a possibilidade de pluralidade identitária, e atribui a esta multiplicidade, do ponto de vista do indivíduo, uma causa de tensão e contradição tanto na auto-representação como na ação social, na medida de uma distinção que considera fundamental entre a identidade e o que os sociólogos chamam de papéis (Castells 1999a:22) (por exemplo, ser: “trabalhador, mãe, vizinho, militante socialista, sindicalista, jogador de futebol, freqüentador de uma determinada igreja, e fumante, definidos por normas estruturadoras pelos organismos da sociedade, e se fundam em comportamentos negociados entre o indivíduo e aquelas instituições e organizações”).

Identities, segundo o entendimento de Castells (1999a:23), constituiriam fontes de significado para os próprios atores sociais por si, e seriam por eles originadas e construídas através de um processo de individuação (ou mesmo internalizadas a partir das instituições dominantes, e adotadas como suas), e define que identidades organizam e são organizadas por significados, enquanto papéis organizariam funções. Estes conceitos parecem suficientes como ponto de partida de nossas discussões ao longo deste trabalho.

- **IDENTIDADES X SOCIEDADE CONECTADA: IDENTIDADES CONECTADAS**

Castells (1999a:23) propõe ainda a idéia de que na *sociedade em rede*²⁴, decorrente da revolução da tecnologia da informação e a reestruturação do capitalismo, em que vivemos, “os significados se organizam em torno uma identidade primária (estruturante das possíveis demais) auto-sustentável ao longo do tempo e do espaço” (ainda que mutável e mutante – desde que, do ponto de vista sociológico, qualquer identidade é construída – e, portanto, um processo), para a maioria dos atores sociais.

A principal questão seria, portanto, a partir de quê, por quem e para quê isso acontece, já que, segundo Castells (1999a:23),

“a construção da identidade valer-se-ia de matérias primas fornecidas simultaneamente pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória e mitos coletivos, pelas vivências e fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso; processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seus significados em função de tendências sociais e projetos culturais enraizadas na estrutura social e da visão de tempo-espço”.

O autor chama a atenção para a hipótese de que o próprio processamento destes fatores, e em última análise, – quem, e para quê esta identidade é construída, – são em grande medida determinantes do conteúdo simbólico dessa identidade, assim como seu significado para aqueles que com ela se identificam, a adotam ou dela se excluem.

²⁴ Definida por Castells (1999b) como: “Sociedade caracterizada pela globalização das atividades econômicas decisivas do ponto de vista estratégico; por sua forma de organização em redes, pela flexibilidade e instabilidade do emprego e a individualização da mão de obra. Por uma cultura de virtualidade real construída a partir de um sistema de mídia onipresente, interligado e altamente diversificado, e pela transformação das bases materiais da vida – o tempo e o espaço – mediante a criação de um espaço de fluxos e de um tempo intemporal como expressões das atividades e elites dominantes.”

Da constatação de que o processo de construção social da identidade ocorre sempre em contextos marcados por relações de poder, Castells (1999a:24) definiu uma tipificação, já anteriormente mencionada, de categorias diferenciadas de formas e origens de construção social da identidade cultural do indivíduo contemporâneo, de que vou fazer uso na pesquisa:

- *Identidade Legitimadora*: induzida pelas instituições dominantes da sociedade, objetivando racionalizar sua dominação em relação aos atores sociais.
- *Identidade de Resistência*: criada e fomentada por atores sociais em posições desfavorecidas, desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios distintos dos que permeiam as instituições cristalizadas da sociedade, ou até mesmo em oposição àqueles princípios.
- *Identidade de Projeto*: processo de construção de identidade pelos atores sociais, capaz de se constituir como base de redefinição de sua posição na sociedade, buscando, ao fazê-lo, a transformação da estrutura social dominante ou de toda a estrutura social.

Da última delas seria um exemplo mais patente o feminismo, que abandona as posições de resistência da identidade e dos direitos da mulher para fazer frente ao patriarcalismo, à família patriarcal, e assim, a toda a estrutura de produção, reprodução, sexualidade e personalidade sobre as quais as sociedades historicamente se estabeleceram. Identidades organizadas em torno de resistência, de acordo com Castells, podem acabar dando origem a projetos e se metamorfosear, ou até se tornarem dominantes nas instituições da sociedade e se travestir em legitimadoras para racionalizar sua dominação.

O trabalho busca estabelecer uma relação entre as etapas das transformações identitárias investigadas nas comunidades/grupos de discussão sobre obesidade nas fases de: preparação; cirurgia; período pós-cirúrgico, e consolidação das transformações corporais, – denominadas respectivamente de 'antes', 'durante', e 'depois', – com as categorias identitárias "legitimadora", "de resistência" e "de projeto", de Castells.

Castells afirma que não existem movimentos sociais *bons* ou *maus* (1999a:25): “eles são reflexos do que somos, caminhos de nossa transformação, uma vez que a transformação pode levar a uma gama de paraísos, de infernos, ou de infernos paradisíacos”, ressaltando não se tratar de uma mera observação incidental, visto que os “processos de transformação social em nosso mundo não raro tomam a forma de fanatismo e violência que não costumamos associar à mudança social positiva”. E convida a refletir “Não obstante a tudo isso, este é o nosso mundo, isto somos nós, em nossa contraditória pluralidade, e é isto que temos que compreender, se for absolutamente necessário enfrentá-lo e superá-lo”.

A dinâmica das identidades ao longo desta seqüência evidencia que do ponto de vista da teoria social, nenhuma forma de identidade encerra de *per se* valor progressista ou retrógrado, fora de seu contexto e trajetória históricos, e assim nossa discussão estará inserida no mesmo contexto específico do surgimento da *sociedade em rede* demarcada por Castells (1999b) desde o título da obra, na qual se insere o objeto desta pesquisa.

Castells é categórico em afirmar que concorda com a poderosa teorização elaborada por Giddens (Castells, 1999a:27) quando afirma de que “a auto-identidade não é um traço distintivo apresentado pelo indivíduo”, mas o “próprio ser conforme apreendido reflexivamente pela pessoa em relação à sua biografia”. Giddens (in Castells, 1999a:27) afirma que o que define um ser humano é o saber, tanto do que está fazendo como por que o está fazendo, arrematando que: “No contexto da ordem pós-tradicional, o próprio ser se torna um projeto reflexivo”.

O próprio Giddens aponta (2002) que as instituições modernas diferem de todas as formas anteriores de ordenamento social, não só em amplitude, mas pela dinamicidade e pelo grau de interferência nos hábitos e costumes tradicionais, e seu impacto global. Ressalta que a contemporaneidade altera radicalmente a natureza tradicional da vida social cotidiana e afeta os aspectos mais pessoais da existência individual. O autor chama a atenção para que embora a modernidade deva se entendida num âmbito institucional, as transformações impostas pela onipresença do ambiente institucional das sociedades contemporâneas cercam e se imbricam de maneira direta com a vida individual e cotidiana, e, portanto,

com o eu. O ambiente institucional envolvente da totalidade dos aspectos da vida cotidiana de nossa época provocaria uma crescente interferência e acercamento da *intencionalidade*. Influências globalizantes X disposições pessoais *vis-à-vis*, induziriam o surgimento de novos mecanismos de auto-identidade então constituídos no entrelaço cotidiano com o ambiente institucional (e com a própria introjeção de seus efeitos), ao mesmo tempo em que, em contrapartida, contribuiriam para (re)constituir aquelas próprias instituições, num regime simbiótico. Ao mesmo tempo em que o eu não seria, assim, uma entidade passiva determinada primordialmente pelas influências externas, os próprios indivíduos em seu conjunto contribuiriam para (e promoveriam diretamente) influências nos entornos sociais, que podem ser globais em suas conseqüências e implicações individualizantes.

Segundo afirma Giddens (2002), na contemporaneidade, a influência de acontecimentos distantes (no tempo e no espaço) sobre os aspectos mais íntimos e cotidianos do eu se tornaria cada vez mais presente, canalizada pela mídia, que influenciaria tanto a auto-identidade como a organização das relações sociais. A interdependência entre o auto-desenvolvimento e a evolução dos sistemas sociais, num nível global, tornar-se-ia cada vez mais assentada, estimulada pela comunicação de massa e multiplicada com a interconexão comunicacional individual/coletiva propiciada através da web.

Em relação à multiplicação comunicacional viabilizada pela web, Lévy (1999) traz a idéia que a interconexão entre os indivíduos favorece os processos de inteligência coletiva, principalmente nas comunidades virtuais. O autor também ressalta que, embora as novas ferramentas e técnicas de comunicação favoreçam o funcionamento, em inteligência coletiva, dos grupos humanos, elas não o determinam de maneira automática. Conforme o pensamento de Lévy, gêneros de conhecimento inéditos em conjunto com critérios de avaliação também inéditos, — para orientar o saber e os novos atores, na produção e no processamento dos conhecimentos que estão surgindo, novamente dentro de uma idéia de interconexão, de produção coletiva²⁵. No que parece claramente referendar a afirmação de Giddens frente aos efeitos da sociedade em rede de Castells.

²⁵ Inclusive do sujeito (observação minha).

Ante à volatilização dos conceitos tradicionais, e às novas formas de mediação da experiência, a auto-identidade, conforme observa Giddens, se torna uma empreitada reflexivamente organizada — e as noções de estilo de vida e papéis ganhariam uma significação especial — quanto mais a ancoragem na tradição perde o seu predomínio e o cotidiano é construído no jogo dialético do individual entre o local e o global. Os indivíduos se vêm *instados* a fazer suas escolhas a partir de uma diversidade de opções e influências padronizadoras oferecidas pela sociedade.

Neste aspecto, em sua obra *Homo Hierarchicus*, o antropólogo Louis Dumont (1997) coloca em questão a concepção de indivíduo X sociedade tal como ela é determinada pela moderna sociedade ocidental, que concebe o indivíduo como um ente independente com uma existência ontológica: a sociedade seria apenas o meio onde os indivíduos se organizam e vivem. Coloca-se o indivíduo numa posição anterior às relações sociais e culturais, que dão origem às idéias de igualdade e liberdade, difundidas e instituídas na sociedade moderna como a legítima e única forma de realização do indivíduo na sociedade. No entanto, as sociedades são constituídas com base em hierarquias, entendidas como produto de uma lógica que está baseada na desigualdade, na qual o indivíduo se torna pessoa. Há então uma relativização do indivíduo tal como concebido pela sociedade moderna, e essa concepção de indivíduo passa a ser vista, para o autor, como um valor, e não como uma verdade universal: "o indivíduo é um valor — ou, antes, ele se faz de uma configuração de valores *sui generis*", no que os autores mencionados parecem convergir.

Quanto ao conceito de que o indivíduo é precedente à sociedade e possui uma existência independente dela, Dumont (1997) afirma que as idéias que contribuem para a formação de um ser humano são idéias e comportamentos dados por uma cultura, por uma sociedade: o homem age em função do que ele pensa e, se possui em certo grau a faculdade de agenciar seus pensamentos a seu modo, de construir categorias novas, ele o faz a partir de categorias que são socialmente dadas, e sua ligação com a linguagem basta para lembrar este fato. No entanto, o autor afirma que temos o hábito de tomar como estritamente nossa uma experiência que até então não tínhamos vivido, mas que na realidade já se repetiu diversas vezes entre outros membros da sociedade, e fatalmente tornará a repetir-se. Segundo a visão de Dumont, algo que, na verdade, tem

uma dimensão coletiva, é encarado como um acontecimento individual e único e obscureceria, portanto, a noção de que se pertence, e se é, também, produto de uma coletividade, de uma rede. Seria justamente neste ponto, diz ele, que a noção de indivíduo deve ser relativizada e entendida como um valor: ao nos percebermos como pertencentes (no sentido de ser) a uma sociedade, então descobrimos que a noção de indivíduo é a marca, é um valor desta sociedade.

Físico e teórico de sistemas, Fritjof Capra (2002) relata em seu livro *As Conexões Ocultas*, que as últimas descobertas científicas demonstraram que todas as formas de vida, desde as células mais primitivas até as sociedades humanas, suas empresas e estados nacionais e até mesmo sua economia global, organizaram-se segundo o mesmo padrão e os mesmos princípios básicos: o padrão em rede. Capra desenvolve uma compreensão sistêmica e unificada que integra as dimensões biológica, cognitiva e social da vida e demonstra claramente que a vida, em todos os seus níveis, é interligada por meio de redes complexas. Conforme o autor (2002), a vida no âmbito social também pode ser compreendida em termos de rede:

"Redes vivas em comunidades humanas são as redes de comunicação. Cada comunicação cria pensamentos e significados os quais, por sua vez, dão lugar a comunicações posteriores, e assim uma rede inteira gera a si própria. À medida que comunicações continuam a se desenvolver na rede social, eventualmente produzirão um sistema compartilhado de crenças, explicações e valores - um contexto comum de significados conhecido como cultura, o qual é continuamente sustentado por comunicações adicionais. É através da cultura que os indivíduos adquirem identidade como membros da rede social".

Podemos observar que Dumont (1997) desnaturaliza a questão do sujeito, e afirma que este é uma instituição social. O autor vai mais além, e critica que a sociedade proposta pela visão individualista nunca existiu "Uma sociedade tal como concebida pelo individualismo nunca existiu em parte alguma, pela razão a que referimos, a saber, de que o indivíduo vive de idéias sociais.", e que o indivíduo é um produto, um valor social, e reflete um conjunto destes valores.

Voltando a Giddens (2002): o autor defende a posição de que a reflexividade do eu, em conjunto com a influência de um mundo tecnificado exterior envolvente (que ele denomina de *sistemas abstratos*), afetam de modo difuso e totalizante os processos psíquicos. Neste contexto, a corporalidade também deixaria, cada vez mais, de ser um dado extrínseco, passando também a ser reflexivamente

mobilizada: expressando uma espécie de conexão entre o sentido corporal do eu e o estilo de vida, parecendo revelar-se — mais do que em direção ao culto narcisista da mera aparência corporal — numa ligação talvez mais profunda com a *construção* e o controle ativo do corpo. O corpo estaria, portanto, na visão do autor, se tornando uma questão de escolhas e opções, na contemporaneidade, principalmente nas esferas dos vários tipos de intervenções médico-estéticas das sociedades tecno-capitalistas ocidentais, — o que estabelece uma estreita relação com o nosso objeto de estudo.

Castells afirma que o uso social das tecnologias de informação e comunicação traz consigo uma nova metáfora que superaria a mecanicista e a organicista, nas quais a sociologia teria se baseado historicamente (Castells, 1999b):

"Embora as redes tenham existido sempre como forma de organização social, com as vantagens de ter maior flexibilidade e adaptabilidade que outras formas, elas tinham um problema inerente: a incapacidade de administrar a complexidade para além de um certo tamanho crítico. Essa limitação substancial foi superada com o desenvolvimento das tecnologias da informação. É por isso que a flexibilidade pode ser alcançada sem sacrificar a performance, e é por isso também que, por sua capacidade superior de desempenho, as redes vão gradualmente eliminando, em cada área específica de atividade, as formas de organização hierárquicas e centralizadas".

Num artigo em que analisa um texto de Castells, Osvaldo López Ruiz (2005), afirma que as redes interativas de informação tornaram-se tanto os componentes da estrutura social como também os agentes da transformação social: elas seriam a "morfologia social de nossas sociedades".

De acordo com essa linha de pensamento, o combate principal da era da informação é uma redefinição dos códigos culturais, códigos esses que, em última instância, residem na mente humana — a mente humana tornou-se, assim, o principal local do poder. As possibilidades de transformação estão dentro de uma nova reafirmação de valores por indivíduos que detêm o pensamento de um "saber conectado", favorecendo a empatia, o ouvir e fazer perguntas procurando entender o ponto de vista dos demais; o aprender compartilhado de experiências, levando outras pessoas a atingir um determinado conhecimento. Contudo, segundo a análise de Ruiz, a tecnologia, para Castells, "não determina a sociedade" e existem diversos fatores que intervêm segundo um complexo padrão interativo na configuração que ela toma em cada momento da história. Tratar de redes sociais e da sua legitimação é também tratar de

escolhas. E, mesmo sob um aspecto valorativo ou de princípios, mais uma vez as expectativas estão presentes no trânsito entre as intencionalidades dos atores e as instituições políticas e sociais.

A investigação leva em conta que as listas de discussão específicas de obesidade se constituem como grupos espontâneos de *auto/mútua-ajuda* dialógica de uma minoria social contra a qual pesa uma forte carga de preconceitos em nossa sociedade, onde o grande atrativo seria o de convivência (virtual) com iguais, sujeitos ao mesmo tipo de estigma social, voltados individual e coletivamente para a solução de seu problema comum. O espaço dos grupos constituiria como que trincheiras coletivas de reflexão encorajadora, e auto-motivadora, coerente com a visão teórica de Castells (1999a:27), de que as transformações na sociedade contemporânea se dão prioritariamente na construção de sujeitos e formação de identidades como prolongamento da resistência comunal, o que começará a ser evidenciado nos destaques dos textos das mensagens e depoimentos nos próximos capítulos.

Denominei de COMTEXTO o capítulo IV que segue, que delimita o escopo da pesquisa a sistematiza as diversas etapas que envolvem as mensagens e depoimentos dos sites/comunidades: desde o acesso e a captura dos seus textos; classificação de suas formas de apresentação; metodologia e ferramental empregados; tratamento, depuração e uniformização textual para efeito do processamento por computador. Neste capítulo também se caracteriza o enfoque essencialmente qualitativo que será aplicado aos dados processados pela pesquisa, ainda que esta tenha como ponto de partida uma metodologia quali-quantitativa operacionalizada através de métodos estatísticos, de base, portanto, positivista. Vale ressaltar que o instrumental empregado constitui uma ferramenta interativa, aqui utilizada para apontar e produzir associações de idéias e informações submetidas *ato contínuo* à inferência e avaliação sensível do pesquisador, e não uma via de produção de *resultados*.

Capítulo IV – CONTEXTO

“... há ajuda mútua... e não se trata de algo totalmente desinteressado, pois a ajuda dada poderá ser recompensada quando eu mesmo precisar ser ajudado... dessa forma, cada um se insere num processo de conexão, de participação, que privilegia o corpo coletivo.”

Michel Maffesoli (2005; 88)

- **COMUNICAÇÃO, TEXTO, IDENTIDADE & CONTEÚDO DO DISCURSO: ANÁLISE INSTRUMENTALIZADA POR COMPUTADOR**

A pesquisa envolve uma grande quantidade de textos originários de muitos interlocutores, e será operacionalizada através de computador. A maior parte do ferramental encontrável no mercado destinado a esta natureza de aplicação é constituída de *softwares* que operam tratamentos de natureza estatística sobre bases de dados textuais. É um campo em que a informática ainda é pouco utilizada no Brasil, embora já constitua uma aplicação bastante evoluída em outras partes do mundo.

Este capítulo apresenta uma visão panorâmica e os aspectos conceituais e metodológicos das novas tecnologias e ferramental computadorizado aplicáveis à análise textual, com especial ênfase no método e no software associado selecionados para instrumentalizar a avaliação das mensagens e depoimentos deste trabalho; ressalta e justifica os critérios comparativos que levaram à sua escolha e discorre sobre a fundamentação de sua aplicação e expectativa de resultados.

Tendo como ponto de partida a exibição na tela, do recenseamento lexical completo dos textos na forma de tabelas: a primeira em ordem alfabética (tabela Alfa), e a segunda em ordem decrescente da frequência de uso das palavras (tabela Delta), a tecnologia viabiliza uma interação em tempo real que promove a complementaridade entre o raciocínio do pesquisador (associação de idéias, capacidade de julgamento e de formulação de alternativas, — a inteligência humana); e a precisão, capacidade e velocidade de processamento e de teste de alternativas e suas combinações com exibição *just-in-time* de resultados, — textuais, numéricos, e gráficos, — do computador (inteligência artificial).

A interação em tempo real promove uma dinâmica de raciocínio indutivo como no *brainstorm* utilizado pela publicidade, já mencionado. Mediante critérios estabelecidos pelo pesquisador, o computador ressalta as unidades lexicais significativas nos contextos investigados, a cada passo: por exemplo, campos temáticos ou verbais, ligações mais relevantes entre palavras, hierarquia, agrupamentos, etc., estimulando associações mentais que permitem inferir novas conexões. Entreabrindo as características discursivas das mensagens, possibilita vislumbrar a constituição do discurso. Cabe, portanto, ao pesquisador, observar, estabelecer conexões e inferências, submetê-las a testes e tirar conclusões a partir das evidências apontadas.

A pesquisa investiga as manifestações comunicacionais das transformações identitárias refletidas nos depoimentos espontâneos e mensagens dos interlocutores participantes das comunidades temáticas online observadas, à luz da premissa que na medida em que o indivíduo se livra do sobrepeso e da aparência física que são alvo de preconceitos e rejeição pela sociedade, e adquire um padrão corporal tido como normal, agrega novos valores e padrões identitários, refletindo/expressando estas transformações na sua comunicação. A interpretação do conteúdo das mensagens possibilita ressaltar os reflexos constitutivos e contrastivos das manifestações identitárias dos participantes na comunicação, e avaliar a metamorfose.

Os grupos de discussão encontrados sobre o tema são muitos, de modo que se faz necessário estabelecer alguns critérios de inclusão ou exclusão na pesquisa, dentre eles o tempo de existência; a estabilidade; o fluxo de mensagens e a fidelidade temática; e a confiabilidade dos arquivos, para não desperdiçar recursos com iniciativas que não apresentem continuidade e amadurecimento, de maneira a assegurar a coerência do material analisado, imprescindível num trabalho de natureza acadêmica e científica.

Nunca antes de nossa era tecnológica, uma transformação corporal tão rápida e significativa com o impacto que é proporcionado pelo tratamento cirúrgico da obesidade se tinha mostrado possível. O fenômeno é novo, concomitante com as redes de computadores que viabilizaram a interconexão entre as pessoas, que vêm produzindo a explosão comunicacional na web. Qualquer transformação

corporal de tal significância levaria anteriormente anos a fio (se é que teria sido possível), e toda a discussão do tema esteve sempre restrita ao meio médico e nutricional, alijada do olhar dos pesquisadores de outras áreas.

Alguns dos grupos sob observação têm nomes sugestivos²⁶: Renascer, Nova Vida, Magros Emergentes, denominações que por si parecem refletir as grandes expectativas depositadas pelos portadores de obesidade na metamorfose corporal, via de regra motivadas não só pela melhoria de qualidade de vida e da saúde, mas também como forma de conquistar a aceitação por uma sociedade cruel que estigmatiza o obeso. Tanto os nomes dos grupos como os teores das conversações mostram que os portadores de obesidade jogam todas as suas cartas nas transformações pessoais e de qualidade de vida que podem advir das radicais modificações de seu peso e aparência física decorrentes da eliminação do sobrepeso viabilizada a partir da cirurgia. As transformações físicas impulsionam o aumento da auto-estima, a transformação do eu e da identidade do indivíduo, e viabilizam a adoção de novos padrões comportamentais.

É importante ressaltar que o contingente de pessoas com algum grau de sobrepeso, hoje, é de quase 30% da população, e que a obesidade representa algo como 10% e vem aumentando significativamente em nossa sociedade²⁷. Estes contingentes são numericamente significativos para constituir a representação de um universo populacional amplo, — o que pode trazer informações preciosas à pesquisa para o entendimento dos fenômenos que subjazem ao consumo.

A explosão da interconexão entre as pessoas via web em todo o mundo não tem precedente. Toda uma linguagem, socialização, profissões, hábitos, padrões de gostos, moda, características de consumo, enfim, estão sendo radicalmente modificados longe dos meios de informação e comunicação de massa aos quais nos habituamos em nosso cotidiano. Precisamos vislumbrar e conhecer as profundas transformações identitárias e comunicacionais que estão atualmente

²⁶ Os próprios nomes dos grupos, comunidades, websites, contas, endereços web etc, constituem uma primeira fonte de significados – onde podem ser estabelecidas (ou se esconder) identidades – e contribuem para definir e conferir fiabilidade (Judith Donath, in Smith, Marc A. & Kollock, Peter, 1999).

²⁷ Em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u103082.shtml>, artigo do jornal A Folha, intitulado *Obesidade maior que a desnutrição*.

em curso, e só podemos fazê-lo dentro do ambiente em que ocorrem, já que grande parte das interações/informações não mais chegará espontaneamente aos nossos olhos tal como ocorria até muito recentemente pelos meios de comunicação de massa, como a TV de sinal aberto.

O trabalho avalia as transformações identitárias que se processam nos indivíduos entre as fases do *antes*, *durante*, e *depois* do processo de tratamento/controle cirúrgico, – ao longo de todo um longo processo de preparação, cirurgia, períodos pós-cirúrgico imediato e de evolução/consolidação da redução de peso, e das transformações corporais que proporcionam a conquista de uma aparência física dentro dos padrões aceitos pela sociedade.

• O CONTEXTO DA PESQUISA

As comunidades observadas compreendem grupos de pessoas congregadas pelos seus interesses comuns, já descritos. Os grupos são operacionalizados através de provedores gratuitos que disponibilizam recursos interativos para troca de mensagens. Neste primeiro caso, o sistema media o fluxo de mensagens e garante aos participantes o acesso de duas maneiras distintas: permite receber e enviar mensagens através de um *e-mail* pessoal, ou possibilita enviar e ler mensagens através do próprio *site* do grupo. Todas as informações obtidas para a realização deste trabalho foram recolhidas diretamente nos sites dos grupos, que neste caso disponibilizam as mensagens cronologicamente organizadas (ver Figura 1).

As comunidades, aqui também conhecidas como grupos, listas ou fóruns de discussão, possibilitam a todos os seus usuários o acesso ao conteúdo da totalidade das interações. Todas as mensagens são enviadas a todos os membros das listas e estes têm acesso aos temas e assuntos veiculados. O tema central (tópico) das listas é motivador e captador do interesse de pessoas que vêem na temática um potencial para participar de discussões que orientam a finalidade da lista, o que pode ser entendido como orientação formadora, uma vez que as listas estudadas são exclusivamente temáticas. Os servidores da Internet que acolhem as listas oferecem locais específicos, classificados por categorias e subcategorias. Por exemplo, as comunidades do tipo acima fazem

parte da categoria *Health & Wellness (Beauty, Fitness, Support...)* no YahooGroups! ou Saúde e Medicina no Grupos, dois grandes provedores desta natureza de interação.

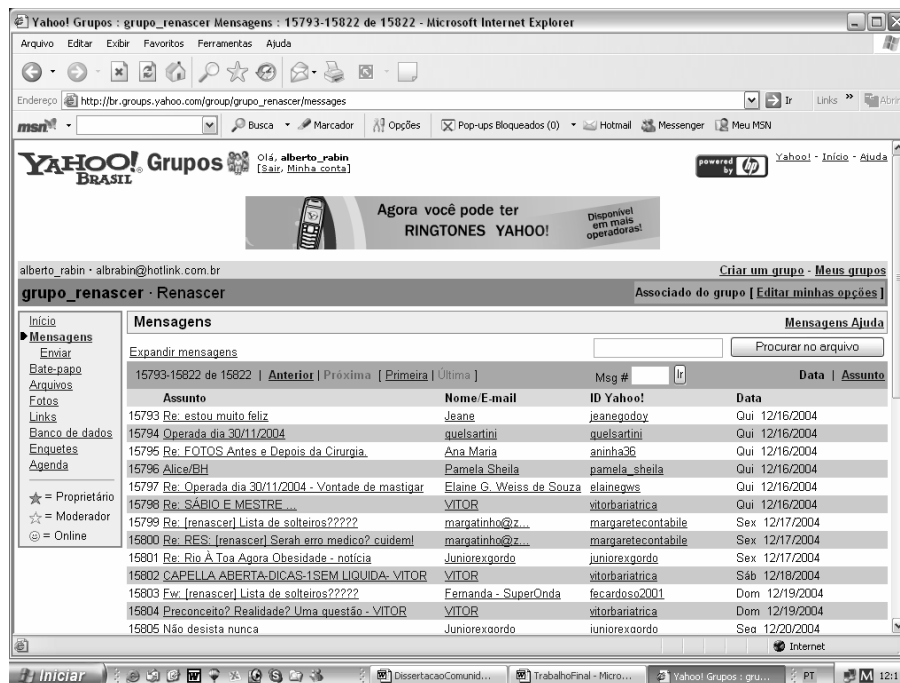


Fig. 1 – Exemplo de *site* – Listagem de mensagens sob a forma de e-mails

As mensagens deste tipo de grupo (Fig. 1) tendem a seguir a estrutura típica dos conhecidos e-mails, tal como McCleary (1996) classificou em cabeçalho, citação anterior, nome e endereçamento, mensagem, exerto, assinatura e carimbo. Hoje, há uma tendência à simplificação, e algumas destas partes nominadas não aparecem no corpo de grande parte das mensagens. No caso dos grupos em estudo, a Citação frequentemente aparece depois da mensagem, sem que esta mudança de posicionamento altere o seu significado, como no exemplo²⁸ abaixo:

Cabeçalho	Mensagem 1224 De: Data: Ter Dez 14, 2004 1:00 am Assunto: Re: Dúvida
Mensagem	Oi , Meu nome é , mas, pode me chamar de . Não tenho certeza mas acho q para receber os emails do grupo é preciso ter email do Yhoo. Sou de , se

²⁸ Sempre que forem apresentadas, ao longo de todo este trabalho, as mensagens manterão o texto original e espontâneo do próprio participante, reproduzido fielmente tal qual tenha sido postado no grupo, sem correção ortográfica ou de digitação. Serão editadas apenas no que diz respeito à alteração do tipo e tamanho de letras (fontes) de modo a compatibilizá-las com as regras de publicação. Nomes pessoais, e-mails, datas de postagem e respostas, e dados de identificação do grupo serão suprimidos para preservar o anonimato dos participantes.

	quizer pode me enviar email pelo endereço: Ficarei contente. Operei à dois meses e estou me sentindo cada vez melhor. Já emagreci 26kg Bom, espero um email seu contando um pouco de vc. Deus te abençõe.
Citação (posterior)	> wrote: Amigos (as) Paz!!! Meu nome é , sou de , e nova na lista ... deixei como e-mail para recebimento o : porém não tenho recebido os e-mails do grupo. Será que está tudo correto? aguardo uma resposta! Obrigado!

Também nos novos websites/provedores de recursos de formação e operacionalização de comunidades online tidos como de última geração, como o Orkut (exemplo abaixo), e outros – autodenominados redes de relacionamento, de interação social, ou redes de amigos; que irromperam na web no decorrer dos últimos dois anos, – existem inúmeros grupos do gênero. Alguns destes grupos que atenderem aos critérios de inclusão também podem ser escolhidos para fazer parte da pesquisa, ampliando a abrangência do âmbito da amostra por razões de natureza científica. No caso, será necessário verificar, ainda, a viabilidade da avaliação simultânea de formas comunicacionais que, a par de sua superficial aparência de semelhança, mostram distinções constitutivas fundamentais que configuram quase como que uma outra natureza comunicativa, esta mais leve.

Estes websites (Fig. 2) disponibilizam um recurso de fotografia dos participantes, visando proporcionar uma pretensa humanização das interações através da imagem, e as mensagens são organizadas por tópicos (que encabeçam as mensagens pertinentes) e constituídas de um corpo único que não oferece cabeçalho, e contém uma assinatura abaixo da própria foto ou imagem (denominada avatar) com que o interlocutor se mostra para o grupo na ocasião da sua inscrição, que o identificam visualmente.

Em termos gerais, os tamanhos dos textos tendem a sofrer variações substanciais de mensagem a mensagem, tendo sido encontrado em seu corpo uma variação entre 1 e 60 ou mais linhas de texto. Os textos menores parecem incorporar intenções enunciativas objetivas, enquanto os de maior extensão tendem a sustentar uma argumentação.



Valeuuuuuuuuuuuuuuuuuu

Já de 4 a 6 linhas de texto são utilizadas pelo enunciador, por exemplo, para oferecer algum argumento, para referir-se a uma mensagem anterior, retomando o tópico e acrescentando o seu ponto de vista, justificando e esclarecendo seu posicionamento:

From: denicruz
To: @yahoogrupos.com.br
Sent: Monday, November 28, 2005 7:38 PM
Subject: [] Re: [] ***Gordinha
aflitaaaaaaaaa

Olaaaaaaaaa
Eu nunca tinha visto isso, mas a ultima coisa que vc tem que fazer ficar desesperada e sim feliz, pois eu não tenho nem um plano de saúde para tentar me enfraquecer, mas não desisto ainda vou conseguir minha cirurgia, Não desista se não for pela pequenas causas(que eu tenho certeza que vc ganha) curta os 6 meses que eles entendam que vc é forte.
Um abraço

Algumas das mensagens mais expressivas são as que vou passar a me referir como depoimentos. O teor destas mensagens toma uma característica essencialmente emocional: por vezes dramática, revoltada, humilhada, insatisfeita, muitas vezes de satisfação, regozijo, humorística, até, – em muitas das quais o interlocutor parece entreabrir o coração e depositar sua alma. Por exemplo:

From:
To: @yahoogrupos.com.br
Sent: Thursday, November 24, 2005 11:45 AM
Subject: [] Olá!

Oi, meu nome é e estou desesperada. PRECISO EMAGRECER!!! Minha vida está parada, estagnada nessa obsessão, nessa loucura absurda de não saber mais como fazer. O que fazer eu sei. Mas cada dia adio a solução que sei ser adequada. O que justifica a depressão, a solidão? Estou pensando novamente em comer. Mas outra vez bauru?!?!? Que prazer irá me trazer? O que estou buscando compensar? NÃO IRÁ RESOLVER!!!! Posso agora comer 10 baurus e não terei a satisfação que procuro. Estou horrível! Teve uma noite em um motel, acho que na última vez que fui a um, que me assustei com minha imagem no espelho. Parecia uma daquelas fotografias bizarras de internet, que colocam aquelas mulheres horivelmente gordas em posições que poderiam ser eróticas com mulheres belas para que as pessoas dêem risadas. Eu estou horivelmente gorda! As fotografias que trouxe da praia... parece que nem sou eu. Superei os limites da gordura razoável. Já não tenho mais belas formas... nem p osso dizer que tenho formas femininas. As fotos revelam exatamente como estou horrível! Ainda antes dava para disfarçar. Agora já não é assim. Preciso trocar essa necessidade de comer por algo mais saudável. Não quero mais fazer planos que não apresentam resultados por minha própria culpa. Essa tristeza não é decorrente do amor que perdi. Estou quase tendo a certeza que essa tristeza é decorrente sim da perda da ilusão. Quando eu podia mentir que estava bem e acreditar em minhas próprias mentiras. Não há beleza em mim hoje. Não há prazer em minha

vida, porque o sentimento de inferioridade que me apavora está presente a cada momento. Tenho a solução em minhas mãos. Mas é essencial que eu trabalhe para viabilizar essa solução. Hoje tenho 94 quilos! É horrível pensar nisso. Mais horrível ainda é conviver com essa realidade. Já fui muito bela, já fui muito cobiçada. E hoje sou uma deformidade. Trinta quilos me separam da minha felicidade. E não adiantam palavras que em vão tentam con vencer que não é o excesso de peso que é responsável pela felicidade. Meu amor próprio está destruído. Minha auto estima está lá destruída. Agora tenho que decidir. Agora tenho que batalhar para reconstruir a mim. Tenho que renunciar àquilo que penso ser prazer, o pseudo prazer de comer, para conquistar um prazer verdadeiro, algo real e capaz de me trazer segurança. Porque preciso de segurança. E não dá para me sentir segura vestindo roupas horrorosas, usando trapos que só na minha mais tola ilusão conseguem disfarçar um corpo horrível. Em alguns dias vai ser novamente a festa de confraternização de meu sindicato. É horrível, porque eu gostaria muito de participar mas não tenho coragem de ir! Também deixei de ir ao casamento de uma amiga querida pela mesma razão. Também tem festinha de aniversário da filha de um amigo. Pergunte se eu vou? Jamais! Também não tenho coragem de voltar à cidade que morei até oito anos atrás. Como encarar os amigos? E os ex-namorados? Como destruir a ima gem que ainda guardam da garota linda, da mulher atraente para que todos digam que estou horrível, que se perguntem o que aconteceu para que eu me transformasse no monstro que sou hoje? Como, alguém pode me responder? Tenho muitas saudades de um amigo querido que há muitos anos não vejo. E não tenho coragem de encontrá-lo pois sei que ele sempre foi um grande admirador de minha beleza. Tenho medo de encontrar os homens que já foram apaixonados por mim. Medo de que eles me olhem com desprezo e se sintam aliviados por não terem tido êxito em estar comigo. Isso é muito deprimente. Sei que muitos dizem que é futilidade, mas que mulher não gosta de ser admirada? Sei que é meu primeiro contato e já desabei com tudo isso. Desculpem-me mas estou realmente confusa. Estou fazendo isso para não pedir ao boy que vá até a confeitaria em frente e me traga algo que só vai me fazer sofrer depois. Obrigada. Abraços.

O teor desta mensagem e seu tom dramático não parecem deixar dúvidas sobre a carga emocional negativa que traz. Segue um segundo depoimento, como exemplo, este de teor mais equilibrado, que consegue manifestar até uma dose de bom-humor frente a uma perspectiva de solução já em processo:

From:

To: @yahoogrupos.com.br

Sent: Tuesday, November 29, 2005 2:47 PM

Subject: [] meu balanço - 2 anos após

Dia 05/12/2005 faz dois anos que operei.

Procurei a cirurgia com 103 kilos mais ou menos; para 1,63m de altura; e faltava um mínimo p/eu atingir IMC 40. Porém com 39 anos e histórico familiar de hipertensão e diabetes; já tendo problemas articulares, pedras na vesícula e fígado com gordura (já nasci obesa), engordei 9 kilos e operei com 112 kg.

Aos 10meses pós cirurgia eu já tinha eliminado os 40% almejados pela cirurgia e continuei emagrecendo, parei a uns 5 meses com 60 kilos, variando sempre entre 60 a 62 kg. Ao todo foram 52 kilos.

O manequim era 56 já apertado, e hoje visto numero 40 e meço 1,64m. Em 2

anos minha vida mudou muito; aconteceram coisas maravilhosas e outras não tão boas; mas passando o que passei a vida toda por conta de ser gorda; o que de ruim aconteceu pós cirurgia foi fchinha e tirei de letra; saí mais forte desta batalha; com mais energia, com amor próprio, com vontade de viver e fazer coisas que me foram tolhidas por 40 anos.

Me perguntam: Tudo é mar de rosas? Respondo: Não...

Por exemplo: consulte um plástico semana passada e p/poder ficar do jeito que um dia sonhei, teria que ficar com tantas cicatrizes, mas tantas que Frankstein ia ter inveja...mas entendi tbém com o chegar da idade, e com a experiência, que na vida tudo tem um preço; e o de emagrecer tantos kilos e tão rápido foi este. Mas mesmo assim, vou fazer inveja ao Frankstein e vou me submeter a qtas.plásticas forem necessárias. E os entalos? Sim...eles me seguirão p/o resto da vida, basta eu comer com pressa, nervosa, chateada.....

Bom...o balanço final é que faria tudo novamente.

Passaria os 30 dias tomando liquido...mais 15 comendo pastosinhos...entalando todos os dias nos 2 primeiros meses e vomitando tbém.....descobrimo cada ossinho que eu tenho (e nem sabia que tinha); perdendo as roupas de tão largas, avançando os limites do meu físico e fazendo coisas que antes eu não podia e não conseguia....recebendo elogios relativo à mudança física, ah...e comportamental tbém, afinal o bem estar, o se amar reflete no relacionamento interpessoal; aliás, paciência que era algo que eu praticamente desconhecia, passei a conhecer. Digamos que eu era mais pávio curto e hoje pondero, penso e depois falo. Quer dizer, entendo que estar de bem com o espelho me fez bem em todos os sentidos e fez bem aos que convivem comigo!

Ainda falta um bocado p/eu chegar onde quero, mas acho que nunca vou chegar; pois a gente (principalmente as mulheres) quer sempre mudar, melhorar e nada tá bom, nada tá do jeito que a gente quer....

No fim de tudo estou super-mega-hiper feliz e orgulhosa de mim!

A quem pensa que partir para a cirurgia é assinar o atestado da incompetência eu digo: competência sim, de entender e assumir que a obesidade é uma doença incurável; que não está ao alcance de todos se tratar para o resto da vida sem obter resultado; ligada a ela está tbém. a ansiedade (alias obesidade e ansiedade andam de mãos dadas). Coragem de se submeter a um procedimento cirúrgico de alto risco, em nome da estética e da saúde (estética sim, pq.muitos de nós antes da saúde pensou no âmbito social de onde éramos marginalizados e excluídos). Coragem de enfrentar o mundo de outra forma e encarar as pessoas nos vendo tbém de uma outra forma, pois qtos.de nós deixamos de ser "entendidos" qdo. começamos a mudar fisicamente; onde inclusive vários parceiros não dão o apoio que precisamos (creio eu por insegurança pura de "perder" o que lhes era por demais seguro – o desabrochar de uma linda mulher deixa qq marido, noivo e afins com a pulga atrás da orelha)....ou de colegas de trabalho que se afastam pq.deixamos de ser "capaxos", ou oferecemos algum risco a quem estava habituado a brilhar sozinho; ou de amigos (ou pensávamos que era amigo) que nos vêem de uma outra forma e não aceitam nossa melhora de qualidade de vida (em todos os sentidos)....

Enfim...pra encurtar e encerrar....VALEU e ESTÁ VALENDO POR TUDO O QUE PASSEI.....VALEU E ESTÁ VALENDO POR TUDO QUE AINDA VOU EXPERIMENTAR E CONHECER...

Força e fé a todos que iniciam a caminhada em busca de informações ou recém-operados, é isso aí.....partir em busca de ser feliz!

Abraços

Aqui no terceiro exemplo, o depoente carrega uma ênfase emocional muito forte contra uma situação de exclusão e de incoerência extremamente comuns ao portador de sobrepeso no mercado de trabalho, e expressa claramente sua revolta e desesperança:

Data: Thu, 30 Jun 2005 03:32:01 -0000

De: >

Assunto: Meu crime é ser gordo para a

A e o seu sistema SMS segurança, meio ambiente e saúde e o SA 8000 responsabilidade social????

Me admira muito uma empresa desse porte querer impor que as pessoas se encaixem em seu sistema e eliminando as pessoas que não a interessam, que eu pouco saiba, na constituição todos nós temos o direito ao trabalho direito de ir e vir, os novos contratos da

rezam como item contratual que as pessoas do contrato tenham IMC ≤30, tenho 180kg e 1,93 de altura, meu IMC é muito superior a isso, mas já trabalho lá há 08 anos e sempre estive acima do meu peso ideal, porém, sempre fui tido como excelente na minha função.

O meu pesar é muito grande e gera em minha pessoa muita tristeza ser excluído dessa empresa por um simples fato o de ser gordo, sim é verdade uma empresa como a a que posso chamar de minha, pois, sou brasileiro, depois de 8 anos trabalhando como contratado a bordo estou impedido de trabalhar, não posso mais embarcar nas unidades da por ser gordo. Imaginem a minha vergonha pessoal de dar uma notícia dessas a minha família aos meus amigos, cada vez que encontro alguém e a pessoal me perguntam como vai e o trabalho, falo sim que como sempre se vai levando e conto que estou impedido de trabalhar pelo simples fato de ser gordo, tentando enfiar em minha cabeça que o errado é a e não eu, mas mesmo assim minhas palavras saem em sussurro tamanho a minha vergonha pessoal.

Nunca pedi por isso, mas sou gordo assim como tanta outras pessoas no Brasil, estudo, faço compras, brinco com o meu filho, viajo, leio, respeito as leis, ajudo as pessoas e o meu direito de trabalhar me está sendo negado, já havia sido despedido em Setembro do ano passado, empresa essa que me contratou em Maio, fui demitido a pedido de um engenheiro de empresa que me julgou incapaz para o serviço em sua plataforma, achei estranho apesar de não gostar do mesmo como pessoa, somente trabalhamos juntos por 03 dias na mesma plataforma de petróleo, ao me despedir o gerente do meu setor me confessou que um dos motivos da minha dispensa era a de que não me encaixava no contrato pelo fato de ser gordo que se quisesse trabalhar deveria emagrecer para poder trabalhar, na mesma semana da demissão fui contratado por uma outra empresa, essa empresa nos terceiriza, comecei a trabalhar e para o meu espanto apenas 02 semanas depois de ser despedido a minha empresa me liga em me comunica que vou embarcar novamente para aquela empresa que havia acabado de me dispensar e para o meu maior espanto para a mesma plataforma com o mesmo engenheiro que tinha me julgado incapaz de atender o serviço.no final das contas estava de volta na mesma empresa terceirizado.

Hoje só olho em volta sorrio hoje meu filho fazendo 07 meses, mas

não sei o dia de amanhã, hoje já são 25/06 e trabalhei só um dia nesse até hoje, vejo, mas não quero olhar meu futuro, desempregado por ser gordo, me pergunto até quando a minha empresa vai ficar com um funcionário que não pode trabalhar????
Meu grande crime é ser gordo.

Estes depoimentos (mensagens, por assim dizer, *mais substanciosas*) constituem em si o foco principal de atenção e avaliação na pesquisa, pois representam os veículos mais expressivos da comunicação emocional objeto da análise textual a ser empreendida, — que refletem significados, — embora não esteja afastada a avaliação de quaisquer outras naturezas de mensagens, independentemente de sua extensão, que possam agregar expressão ao trabalho.

• METODOLOGIA E FERRAMENTAL INFORMATIZADO

“...na matemática estão as chaves de todos os mistérios”

Fernando Pessoa²⁹

Foram pesquisadas e cogitadas algumas ferramentas de informática desenhadas para análise textual disponíveis no mercado, ao mesmo tempo em que buscamos possíveis recomendações na área acadêmica, sobre o tema.

Paulo Rogério de Souza (2003) desenvolveu um trabalho no Programa de Língua e Literatura Inglesa e Norte Americana da faculdade de filosofia da USP, em que avaliou e descreveu algumas das características de 2 softwares de que fez uso em sua pesquisa associada à dissertação de mestrado, os aplicativos Tatoe (*Text Analysis Tool with Object Encoding*) desenvolvido por Melina Alexa e Lothar Rostek, e TextAnalyst desenvolvido pela *Microsystem Co. Ltd.* (1997-2000) já em sua versão 2.01. Conforme sua própria descrição:

“aqueles softwares trabalham com bases textuais, e sua função varia de acordo com o objetivo da investigação, podendo ser: léxico-discursivos ou semântico-discursivos. Em ambos, os recursos são bastante variados, consegue-se trabalhar um volume significativo de texto para análise e, ainda, trabalhar com várias bases de textos ao mesmo tempo, conferindo e correlacionando-as mutuamente. A facilidade com que estas ferramentas auxiliam a análise lingüística é fundamental para aqueles que trabalham com textos orais ou escritos. Os aplicativos submetem os textos a diversos tipos de análise: identificar palavras-chave, utilizar categorias na análise, verificar a

²⁹ in PESSOA, F. *A procura da verdade oculta – textos filosóficos e esotéricos*. A. Quadros (org.), 2ª Ed., Portugal, Europa-América, p. 153

concordância de palavras, bem como armazená-las em outras bases para uma análise pormenorizada.

O Tatoe oferece recursos que possibilitam o pesquisador dar tratamentos diferenciados ao texto, podendo usar indexadores e criar categorias para análise. Também dispõe de um recurso para revelar a quantidade de tipos de palavras e sua ocorrência no texto, bem como apresentar os resultados da análise em forma gráfica, assim, facilitando na interpretação das ocorrências.

O TextAnalyst foi concebido para analisar a semântica de um texto, verifica as ocorrências de palavras-chave que encontra remetendo-as a outras do mesmo campo de significado, possibilitando ainda observar o contexto de sua ocorrência, em que posição tende a aparecer com mais frequência, estratificando em níveis semânticos (categorias). Identifica a quantidade de registros encontrados e correlaciona-os a outras palavras ou expressões, podendo também ser armazenados em arquivos específicos. Seleciona e ordena trechos textuais onde as palavras-chave e outras aparecem, assim, facilitando a análise mais pormenorizada.

O aparato tecnológico... fornece ... subsídios técnicos quanto da ordenação e manipulação dos dados, conferindo as hipóteses e auxiliando na resolução das questões de pesquisa. Ressaltamos que, para trabalhos de cunho lingüístico e discursivo, estas ferramentas podem auxiliar virtuosamente na organização e manuseio dos dados.”

Outro pesquisador, João Martins Ferreira (2000), avaliou outros softwares específicos para finalidade semelhante, com vistas à utilização em sua pesquisa de doutoramento de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, na USP, sobre os quais reproduz suas impressões, em suas próprias palavras:

“SPSS e MiniTab – ambos excelentes para estatística. O primeiro deles bastante complexo e rico, e o segundo mais prático. Os dois dariam conta de realizar os cálculos que realizamos em nossa pesquisa, porém de uma forma mais trabalhosa e sem a possibilidade imediata de extrações textuais, comparações com outros *corpora*... ...pelo fato, entre outros, de não se voltarem especificamente à área lingüística.

Sphinx – bom software nacional, mas bastante restrito nas necessidades da nossa pesquisa. Mais voltado à área empresarial.

WordSmith e Stablex – ambos mais preocupados com a pesquisa na área lingüística em si, e bastante eficientes. Qualquer um dos dois pareceu-nos dar conta de nossas necessidades, porém optamos pela utilização do segundo, que se tem a limitação de funcionar apenas em máquinas Mcintosh..., ...tem vantagens consideráveis e expressivas, entre as quais podemos citar: 1) está fundamentado em um método, sendo parte integrante dele e, portanto, não se restringe apenas a um instrumental informático, há uma filosofia de trabalho por trás, 2) trabalha integrado com os softwares Excel e Word, permitindo não só maior facilidade e intimidade do pesquisador da área humana com o processo, já que são dois softwares bastante populares e dominados por diversos estudiosos, como também o total controle do método no sentido de verificações pertinentes ou ajustes necessários e, 3) permite a prática extração controlada de quaisquer trechos dos textos estudados bem como a prática construção de dicionários eletrônicos, caso seja esse o interesse do estudioso”

Procurei conhecer aplicações dos softwares avaliados. Dos dois primeiros, constatei a necessidade de uso conjunto e complementar, para análises como as que a minha pesquisa requer, tal como precisou ser feito pelo pesquisador no trabalho mencionado, que impõem uma considerável multiplicação da carga de trabalho. Os outros não teriam sido conceitualmente concebidos para aplicações de natureza exatamente lingüística, e o último deles revelou uma feliz conjunção de adequação de características, coincidência e oportunidade:

Verifiquei que a limitação de disponibilidade apontada em relação ao software Stablex, apenas para a plataforma Mcintosh, já foi superada – ele já é disponível para a plataforma PC. O Stablex foi desenvolvido por André Camlong e Thierry Beltran, no Laboratório de Inteligência Artificial da Universidade de Toulouse II, e foi concebido dentro de um método de análise lexical, textual e discursiva criado pelo primeiro, professor titular daquela universidade, na França, para fins de análise de linguagem. O método harmoniza entre si características e o ferramental da lingüística com instrumental e recursos da estatística, da matemática, da geometria, da álgebra, e conhecimentos das ciências comportamentais humanas. Existe, portanto, toda uma metodologia e fundamentação lingüísticas que dão suporte ao software, desenvolvidas sob estrita orientação e critérios científicos e acadêmicos: um modelo matemático-estatístico-computacional de tratamento de texto que desvela a organização lexical e a tessitura dos textos, viabilizando a entrevisão da constituição do discurso.

Nossa pesquisa vai avaliar textos que têm em comum, grosso modo, apenas um foco/tema aglutinador. As mensagens podem ser originárias de dezenas, ou mesmo centenas, de interlocutores de origens, níveis intelectuais e sócio-econômicos, profissões, regiões geográficas e preocupações, situações, temas e tópicos os mais diversificados, de modo que uma das preocupações é que os métodos de análise discursiva utilizados possam abranger com o mesmo lastro, diversos tipos de linguagem. Minha incursão preliminar sinalizou uma adequação do método do Professor André Camlong, através do qual já foram avaliadas e comparadas as mais diversas naturezas de discursos, inclusive no Brasil, em língua portuguesa. Alguns trabalhos e pesquisas utilizando o instrumental em questão foram realizados com excepcionais resultados na Universidade de São

Paulo nos últimos anos, pelas Professoras Zilda Maria Zapparoli e Maria Tereza Biderman, que também vêm orientando outros trabalhos em andamento no país³⁰.

A feliz coincidência ficou por conta de haver obtido uma informação, ainda em tempo hábil, de uma visita do Professor Camlong e da Professora Zapparoli a Recife para ministrar um curso em nível de pós-graduação intitulado *Tecnologias Informatizadas Aplicadas a Bases de Dados Textuais*. O curso foi promovido pelo departamento de Letras da UFPE, e ministrado (conjuntamente com a Professora Maria Cristina Hennes Sampaio desta universidade) no VIRTUS – Laboratório de Hipermídia da Universidade. Consegui participar do curso, onde tive oportunidade de trabalhar e testar a metodologia e conhecer seus princípios, que se mostraram absolutamente flexíveis e adequados às características e propósitos da minha pesquisa. Também discuti os fundamentos e submeti amostras dos corpus textuais da pesquisa aos professores, que os consideraram perfeitamente pertinentes com a aplicação, para a qual inclusive se propuseram a fornecer suporte às questões porventura levantadas durante o decurso do trabalho.

Não pretendo me estender no método do Professor Camlong propriamente, que não é o objetivo deste trabalho, e que, demais, exigiria exemplificar a exposição com as diversas tabelas geradas nas etapas intermediárias de processamento de uma amostra textual, tornando-se enfadonho. No entanto, quero ressaltar alguns recursos e características mais importantes da sua concepção que conferem uma operacionalidade de caráter lingüístico superior às dos demais (softwares não associados a um método acadêmico) apontados, encontrados para aplicações similares, para a instrumentalização da avaliação textual desta pesquisa. O entendimento destes recursos facilita a percepção da fundamentação lingüística do método³¹, seu principal diferencial em relação aos demais, que igualmente partem da indexação dos léxicos e realização de operações e cálculos estatísticos associados, e possibilitam diversos tipos de avaliação e interpretações sobre bases de dados textuais.

³⁰ Como a tese de doutorado da Professora Maria Cristina Hennes Sampaio, do Departamento de Letras da UFPE, da então doutoranda Marly Gondim Cavalcanti Souza na mesma área, e de Maria Cecília Beltrão que defendeu recentemente sua dissertação de mestrado em Comunicação no PPGCOM-UFPE.

³¹ A quem possa interessar uma apresentação mais detalhada e o aprofundamento no método, estão disponíveis no livro *Méthode d'analyse lexicale, textuelle et discursive*, de seu próprio desenvolvedor, Prof. Dr. André Camlong, relacionado na bibliografia.

O processo parte do teor dos textos que vão ser estudados, digitalizados (ou transcritos e digitalizados, se sua origem for verbal, e não escrita). Cada texto individual é denominado de variável, e precisa ser submetido a um procedimento de revisão e tratamento preliminar, antes de ser submetido ao processamento computadorizado. O tratamento objetiva a uniformização de grafia de alguns termos para não dar origem a duplicidades de interpretação (por exemplo, uma mesma palavra que pode estar grafada com, e sem acento); e emprega alguns artifícios como hifenizar sintagmas e unidades lexicais cristalizadas (por exemplo, *cirurgia bariátrica*, *não me gostava* ou *papas na língua* precisam ser apresentadas respectivamente como *cirurgia-bariátrica*, *não-me-gostava* e *papas-na-língua* para serem entendidas pelo computador como unidades indivisíveis, e contabilizadas/indexadas cada uma delas como unidade lexical única; e a identificação e padronização dos numerais (quando se referirem, por exemplo, a dia, mês, ou ano, agregando uma letra adicional hifenizada: d-, m- ou a-respectivamente), para facilitar o nosso próprio posterior entendimento na leitura e interpretação nas diversas tabelas geradas pelo processamento.

O software desconstrói os textos (chamados de *variáveis*) em seus elementos lexicais e sintagmas individuais (como se os textos fossem desmontados em seus componentes constitutivos mais simples – como os tijolos, azulejos, canos, portas, janelas, louças e metais sanitários, etc., de uma construção), e calcula inicialmente a frequência de cada um dentro de cada texto em que estiver presente, e em relação à totalidade da massa de textos avaliada (isto permite chegar a uma representação numérica de cada unidade lexical, que servirá como indexador e elemento de cálculos estatísticos), estabelecendo inicialmente relações estatísticas entre eles, com base naquela frequência, e relacionando-os numa tabela ordenada alfabeticamente e numericamente indexada, denominada tabela Alfa. A ordenação alfabética visa possibilitar encontrar com facilidade, a cada momento em que se fizer necessário, qualquer unidade lexical do corpus em que possamos ter interesse (idem para os numerais aos quais foram agregadas as letras identificadoras, que também são apresentados em ordem alfabética), e obter, por exemplo, sua localização no(s) texto(s) em que ela se encontra, e/ou do número de vezes em que ocorre nele(s).

Na seqüência operacional, novas formas de ordenação dos mesmos elementos permitem a configuração e apresentação de vários parâmetros que definem a relação dos léxicos entre si, e em relação ao texto, começando a deixar entrever as primeiras características constitutivas e contrastivas dos textos: o léxico preferencial de cada texto, o léxico conceitual (que oferece sentido) e o léxico puramente estrutural (gramatical), por exemplo, até aqui ainda sob o ponto de vista puramente numérico, estatístico.

O método desenvolvido pelo Professor Camlong, no entanto, vai muito mais além, na medida em que introduz e atribui conceitos de estatística paramétrica ao sentido do discurso nos textos, como técnica para o estudo textual descritivo, objetivo e indutivo, em contraposição às análises puramente arbitrárias, subjetivas e dedutivas. A abordagem analítica (indutiva e objetiva) se funda sobre a observação e a descrição topológica (o lugar e o peso do elemento lexical na construção do texto e do discurso), e se contrapõe à abordagem tipológica convencional, cuja fundamentação é dedutiva. A parametrização focada em critérios lingüísticos instrumentaliza a conversão da análise essencialmente dura e quantitativa da estatística para uma visão lexical quanti-qualitativa do discurso.

A estatística paramétrica introduz as inovações de concepção do Professor Camlong, reunindo três recursos básicos: primeiro, a aritmética (para calcular, determinar e controlar); segundo, o cálculo algébrico (para medir, comparar e integrar); e terceiro, a representação gráfica (para permitir visualizar, memorizar e raciocinar). Reinterpretando em minhas palavras uma afirmação da Professora Zapparoli (2002) a utilização conjunta das três ferramentas com o instrumental estatístico permite circunscrever a composição do léxico, entreabrindo a constituição do discurso. É ela quem afirma (2002:26),

“assim, a aplicação do método é um meio de fazer conhecer para fazer reconhecer, de constatar, de tornar visível o que, *a priori*, não o é, isto é, de descobrir, na arquitetura lexical dos textos, a constituição do discurso.” ...
“através da aplicação do método, a partir do texto – matéria concreta –, conhece-se a matéria lexical, que por sua vez, permite inferir, reconhecer, o abstrato – o discurso. Enfatiza-se que o léxico é o veículo que leva ao conhecimento do discurso: as escolhas preferenciais dos itens lexicais, reveladas pelo seu peso, correspondem à orientação discursiva.”.

O software Stalex, associado ao método, permite sua implementação, executando de maneira rápida e precisa todos os cálculos, tabelas e gráficos requeridos, extraindo e ressaltando as unidades lexicais dentro de seus contextos, de acordo com os interesses de investigação de relações sintagmáticas, frasais, enunciativas, etc. (por exemplo, campos temáticos, verbais, ligações mais relevantes entre palavras, hierarquia, agrupamentos, etc.), e ressaltando à vista do pesquisador os recursos necessários à inferência criativa, para a análise conteudística do discurso. Uma combinação de recursos que permite, portanto, prioritariamente, observar o que o texto nos diz, e não simplesmente dizer o que achamos do texto.

Uma das raízes filosóficas fundamentais do método Camlong pode, portanto, ser observada nas palavras do prosador, filósofo e matemático Blaise Pascal:

“Julgamento é o que acompanha o instinto (*sentiment*), tal como o conhecimento acompanha o espírito (*esprit*). A intuição entra no grupo de julgamento, a matemática (*géometrie*) no do espírito.”

Blaise Pascal

Estes teriam sido os princípios que permitiram ao pesquisador João Martins Ferreira (2000) exprimir nas conclusões da fundamentação teórica de seu trabalho em que aplica o método em questão, que:

“Dessa forma, através de princípios matemáticos, desenvolveremos nossa intuição, e não intuiremos, apenas, acerca da obra analisada. Nossas interpretações, como humanistas, vêm posteriormente, e têm por trás de si uma enorme estrutura, exata e sólida.

Sendo científico, o método caracteriza-se, também, como procedimento que pode ser feito, independentemente de época, do lugar, ou da pessoa que o aplica e, além disso, permite-nos a constante verificação das resultantes obtidas, mediante a aplicação de fórmulas matemáticas, o que fornece garantias no sentido de evitarmos qualquer erro em nossos procedimentos do experimento: o método é como uma balança, pesando cada elemento; qualquer erro seria como se tivéssemos uma balança desregulada, ou como se estivéssemos utilizando-a inadequadamente, por exemplo. É preciso, pois, manter-se num padrão e uma coerência. Tomamos, no caso, uma obra completa e acabada, de um único autor, e estabelecemos como elemento a ser medido cada unidade lexical, como se estivéssemos medindo cada átomo, cada célula, de um determinado corpo físico, por exemplo, com a possibilidade de estabelecermos sua composição, função, quantidade, importância e excelência no conjunto.”.

- **RECORTE, E OPERACIONALIZAÇÃO DA PESQUISA**

Durante a operacionalização da pesquisa, me deparei com algumas dificuldades operacionais de acesso e captura de mensagens nos arquivos dos grupos na web, que serão indicadas mais adiante, ao mesmo tempo em que apresento as medidas de contorno e redirecionamento que foram adotadas.

Em recente artigo *Ruta Etnográfica para la Comprensión de la Comunicación Online* em que se reporta ao relatório final do período de investigação do seu Doutorado, a pesquisadora Nicole Etchevers Goijberg (2005) menciona

"para comprender la Comunicación Mediada por Ordenador (CMO), específicamente la comunicación emocional y su transmisión a través de este medio, se considera necesario que el investigador deba vivir e imbuirse dentro del ciberespacio; debe experimentar el significado de comunicarse y transmitir emociones online con otro sujeto, sólo de esta forma podrá comprender realmente el proceso. Nuestra experiencia de investigación demuestra que la etnografía en Internet es una posibilidad viable y eficaz para descubrir nuevos resultados".

Venho participando, observando e acompanhando as trocas de mensagens de alguns grupos desde meados de 2003. Ainda que a fase inicial da observação carecesse de uma metodologia ou sistematização estritamente científica, a participação me proporcionou especificamente a natureza de *experienciamento* mencionado pela pesquisadora. Tendo em vista a aproximação do período da realização da pesquisa propriamente dita, abandonei a participação pessoal para me posicionar com o distanciamento recomendada pela visão científica tradicional.

Os grupos apresentados a seguir atenderam aos critérios de seleção já anteriormente mencionados: tempo de existência, estabilidade, coerência temática, fluxo de mensagens e confiabilidade dos arquivos, e foram considerados aptos para compor o objeto empírico da pesquisa. Vários outros grupos foram descartados por não preenchem os requisitos. Os selecionados estão apresentados em ordem decrescente de número de participantes, e agrupados em diferentes conjuntos dentro da tabela abaixo, por conta de características particulares que serão apresentadas a seguir:

Ordem	Grupo / URL	Associados	Data de Constituição	Quantidade Mensagens
a	Nova-Vida	1.377	30/set/2000	105.851
	http://br.groups.yahoo.com/group/caminho_das_pedras/?yguid=138874478			
b	Gastroplastia	911	4/mar/2001	20.978
	http://br.groups.yahoo.com/group/gastroplastia/?yguid=138874478			
c	Renascer	868	19/jul/2002	16.623
	http://br.groups.yahoo.com/group/grupo_renascer/?yguid=138874478			
d	Magros-Emergentes	357	20/dez/2002	13.039
	http://br.groups.yahoo.com/group/magros_emergentes/?yguid=138874478			
e	Mãe-Joana	170	6/fev/2003	1.361
	http://br.groups.yahoo.com/group/magros_emergentes/?yguid=138874478			
f	Caminho-das-Pedras	123	23/maio/2003	1.175
	http://br.groups.yahoo.com/group/caminho_das_pedras/?yguid=138874478			
g	Plástica-Pós-Gastroplastia	275	3/set/2004	1.040
	http://br.groups.yahoo.com/group/plastica_pos_gastroplastia/?yguid=138874478			
h	Papo-Leve	137	30/nov/2001	2.490
	http://br.groups.yahoo.com/group/papoleve/?yguid=138874478			
i	Gecom-RS	194	7/fev/2001	2.347
	http://br.groups.yahoo.com/group/gecom_rs/?yguid=138874478			

NOTA: Dados numéricos obtidos nos sites dos próprios grupos na última semana de novembro/2005.

- Nos quatro primeiros grupos: (a) *Nova-Vida*, (b) *Gastroplastia*, (c) *Renascer*, e (d) *Magros-Emergentes*, a ordem decrescente de número de participantes mostra coerência com as quantidades de mensagens trocadas ao longo de sua existência, – ao menos teoricamente acessíveis no arquivo do *site* do grupo. São os mais significativos, e constituiriam a fonte principal de nossa observação e análise.
- Dentre eles, o (a) *Nova-Vida* apresenta uma profusão de mensagens se comparado com os demais, que não guarda qualquer relação de proporcionalidade com o número de participantes. É o mais antigo deles, e, disparado, o grupo mais falante.
- O quinto dos grupos, o (e) *Mãe-Joana*, também constitui uma curiosa exceção. Em termos relativos, é o menos falante. Embora já tenha mais

de 2 anos e meio de constituído, não logrou aumentar significativamente o número de participantes, mas também não morreu, situação que ocorre com relativa freqüência (apresentado abaixo um exemplo recente de um voluntária e formalmente descontinuado, quando a ocorrência mais freqüente é o simples abandono).

	: Ola Alberto , Tomei a decisão de não manter a comunidade sobre gastroplastia. Acho que existem ótimas comunidades que já estão estabelecidas com os seus grupos. São espaços saudáveis onde as pessoas já estão trocando experiências . Sou nova no orkut, ainda estou aprendendo. Obrigada por sua generosidade em participar....	19:02 04/12/2005
---	--	-----------------------------

NOTA: Mensagem de despedida de um grupo/comunidade recém extinto, no Orkut.

- Os grupos (f) *Caminho-das-Pedras*, e (g) *Plástica-Pós-Gastroplastia*, apresentam outras características distintivas. O primeiro é parte de uma iniciativa individual de utilidade pública³², e o segundo se propõe a agregar somente participantes com mais de 6 meses de operados, pretensamente visando a discussão de temas mais específicos daquela fase do tratamento para adiante. Estes grupos mobilizam discussões e troca de informações que podem vir a ser utilizadas como contraponto comparativo aos demais, em situações específicas.
- O grupo (h) *Papo-Leve* é representante de uma classe distinta, pois é patrocinado, associado a um grupo médico envolvido com a cirurgia bariátrica, podendo, portanto, apresentar algum nível de comprometimento com interesses médico/comerciais específicos.
- Já o grupo (i) *Gecom-RS* tem raízes em Porto Alegre (RS), e se propõe a agregar participantes daquele região, assim como existem outros assemelhados em outras cidades ou regiões geográficas específicas. Uma

³² Website particular com pretensões de constituir-se como uma ONG, que disponibilizou, há cerca de dois anos, as informações completas sobre os hospitais públicos de todo o país que oferecem o tratamento cirúrgico gratuito da obesidade através do SUS – um conjunto de dados não disponível até então sequer pelo Ministério da Saúde (que apoiou a iniciativa) – onde eu tive oportunidade de colaborar pessoalmente nas entrevistas e obtenção de informações referentes aos hospitais da região metropolitana do Recife, numa iniciativa que mobilizou voluntários de norte a sul do país. Ver link Hospitais Públicos, em www.obesidademorbidanuncamais.com.br.

característica marcante desta natureza de grupo é que uma grande parte dos participantes se conhece pessoalmente, e mantém um relacionamento que inclui encontros presenciais regulares entre eles.

- Todos os grupos habilitados apresentados da tabela acima são hospedados e operacionalizados pelo provedor YahooGrupos!. Existem grupos constituídos também em outros provedores, como, por exemplo, o Grupos, mas eles se revelaram menos significativos e não atenderam aos requisitos de inclusão já mencionados³³.

Em nome de uma perspectiva de caráter científico, abrangente e totalizante do universo que se busca representar, nossa observação não poderia ter deixado de lado também os grupos constituídos no Orkut, website/fenômeno de crescimento impressionante no último ano, provedor de recursos de formação e operacionalização de comunidades online (também denominadas nele de redes de relacionamento ou de interação social), alguns dos mais significativos dos quais estão apresentados abaixo, e pesquisou também os possíveis grupos formados em sites assemelhados mais recentes (pós-Orkut)³⁴. A observação chegou a acompanhar alguns deles por algum tempo, mas em vista de algumas características operacionais específicas que serão apresentadas e justificadas a seguir, terminou excluindo a todos da avaliação.

Ordem	Grupo/(Owner)	Associados	Data de Constituição	Quantidade* de Mensagens
a	Gastroplastia (Spencer Erhard Stachi)	2114	13/Mai/ 2004	—
b	Gastroplastia (2) (Juliana Barreto Giovanini)	864	22/Jun/2004	—
c	Cirurgia-Bariátrica-Eu-Fiz	559	20/Nov/2004	—

³³ Possivelmente não por mera coincidência, mas consequência do mesmo fenômeno verificado na rede, já anteriormente mencionado, da chamada lei dos grupos. A massa crítica induz o surgimento de efeitos multiplicadores que se desenrolam exponencialmente segundo a forma e o estágio evolutivo das interações. Os efeitos se regem de acordo com expressões matemáticas empíricas que estão apresentadas na nota (II) nas páginas finais do trabalho. O resultado é explosivo, e semelhante ao que justificaria, por exemplo, a existência, hoje, de apenas uma rede global de e-mails (POP3/SMTP), quando até a poucos anos havia milhares delas. As URLs dos provedores de grupos mencionados são, a do *YahooGrupos!*, <http://groups.yahoo.com/>, e a do *Grupos* <http://www.grupos.com.br/>, respectivamente.

³⁴ Iniciativas nacionais que vieram da esteira do estrondoso sucesso do Orkut: NetQI (<http://www.netqi.com.br>), Gazzag (<http://www.gazzag.com>), Beltrano (<http://www.beltrano.com.br>), Clubão (<http://www.clubao.com.br>), Gaia (<http://gaia.terra.com.br>), e UOLKut (<http://uolkut.uol.com.br>) — este último lançado na última quinzena de novembro/2005, e que já dispõe de pelo menos um grupo recém implantado, dos da categoria da pesquisa.

	(Marília Goulart)			
d	Redução de Estômago (Aline Vieira Nunes)	141	1/Jan/2005	—
e	Cirurgia-da-Obesidade (Dra. Akemi Koyaishi)	847	28/Ago/2004	—
f	Cirurgia-da-Obesidade (Dr. Leonardo Salles)	550	31/Ago/2004	—
g	Psicologia e Gastroplastia (Psic. Nancy Ferreira)	268	19/jul/2005	—
h	Magro-e-Agora? (Psic. Francisco Carlos Gomes)	99	19/jun/2005	—

NOTAS: 1- Não foram apresentadas as URL dos grupos porque o acesso depende de inscrição no provedor, o que dificulta a visita de não cadastrados.

2- Dados numéricos obtidos nos *sites* dos próprios grupos na última semana de novembro/2005. Aqui a informação do total de mensagens de cada comunidade não é disponível.

- Também nesta tabela os grupos estão dispostos em conjuntos distintos, por conta de fatores particulares equivalentes aos dos anteriores. No caso, os proprietários (*owners*) destes grupos são claramente identificados na própria página principal de cada grupo, o que faz parte de uma estratégia do provedor de lhes conferir uma personalização.
- O primeiro conjunto contém os mais significativos, que poderiam constituir a fonte principal de nossa observação e análise. Apesar de terem, todos, menos tempo de vida do que os do tipo anterior (o próprio website do Orkut que os aloja foi lançado só em janeiro de 2004) — agregam quantidades significativas de participantes (em termos relativos e de tempo de vida, até maiores do que os de alguns dos grupos dos anteriores) — de certa forma parecendo reproduzir o que seria o estrondoso desempenho congregacional do fenômeno Orkut.
- O segundo conjunto da tabela é composto de grupos abertamente ligados ou conduzidos por profissionais-médicos ou de outras especialidades afins envolvidas no processo do tratamento cirúrgico em seus variados aspectos, podendo, portando tender a apresentar comportamentos comprometidos ou direcionados para interesses profissionais/comerciais específicos.

A observação destes grupos revelou características bem próprias. Aqui, via-de-regra, as mensagens apresentam-se curtas, de poucas linhas, mostrando

intenções enunciativas objetivas: marcar presença do participante, saudar ou dar boas vindas a um interlocutor ou simplesmente reafirmar a concordância com uma assertiva anterior. São poucos os textos com mais de 5 a 6 linhas, que apresentam novos argumentos, e quando é o caso, muitas vezes eles abrem e encabeçam um novo tópico. A própria estrutura do software gestor induz uma certa disciplina às mensagens, dentro de cada tópico porventura tratado. Ao mesmo tempo, o próprio tamanho das mensagens em si (denominadas *posts*) tem sua extensão limitada pelo sistema, de certa forma dificultando e desencorajando mensagens mais longas, para as quais o interlocutor precisaria utilizar um artifício de subdividir em *posts* separados e seqüenciados.

O Orkut disponibiliza algumas informações estatísticas curiosas entre elas que mais de 70% dos seus participantes são brasileiros (informações detalhadas podem ser vistas na comunidade *Orkut Statistics*) – um contingente, hoje, de mais de 40 milhões³⁵ de internautas, num país em que se estima que só um percentual muito baixo da população dispõe de acesso à web. Um dado intrigante, considerando ser um website até bem pouco tempo disponível apenas em língua inglesa, cuja modalidade de trocas comunicativas sequer apresenta qualquer originalidade significativa (o sistema não apresenta vantagens ou diferenças fundamentais que pudessem se revelar atrativos para o usuário, em relação aos antecessores). Segundo se discute, ele apenas teria surgido na web no momento certo e no local certo, pegando, talvez, aí, uma carona na insatisfação e “(re)ação comunicativa” da sociedade, que já foi apresentada e detalhada anteriormente neste próprio trabalho. Entre razões as mais variadas levantadas como hipóteses, vem sendo discutida uma característica social brasileira que foi tratada por Sérgio Buarque de Holanda (2002) em *Raízes do Brasil*, e que ele denominou de Homem Cordial (2002:146):

“Já se disse, numa expressão feliz, que a contribuição brasileira para a civilização será de cordialidade – daremos ao mundo o homem cordial. A lhaneza do trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro, na medida, ao menos, em que permanece ativa e fecunda a influência ancestral dos padrões de convívio humano, formados no meio rural e patriarcal.”

³⁵ Nº de pessoas inscritas **40.308.044** verificado por volta das 20:00 horas do dia 21/01/2007 no contador do site.

Tanto o Orkut como alguns de seus antecessores – e clones posteriores, – têm princípios orientados pelo o que denominam de *trusted networks* (redes de confiança): confiança precípua que se instauraria a partir do ato da aceitação de um novo participante, que só pode se inscrever mediante um convite prévio de alguém já participante. Este ato configuraria uma recomendação, uma espécie de vínculo que representaria como que um aval dado ao novo participante, por quem o convidou.

Suponho que sob este aspecto já se desvele uma das características sociais brasileiras que a diferenciam sobremaneira de outras sociedades mundo afora: a flexibilidade, o conhecido *jeitinho* tão arraigado na cordialidade brasileira, que por si se encarregaria de perpassar o que deveria constituir uma primeira barreira do critério para admissão na rede: a confiança. De mais a mais, que outras razões poderiam justificar a existência de indivíduos inexpressivos, sem qualquer significatividade pública anterior, que agregam redes de mais de 500 amigos (aos quais teriam convidado e *recomendado* para inscrição)? E também, que até há pouco meses atrás tenham chegado a ser veiculados anúncios em sites de comércio online e até nas páginas de anúncios classificados de grandes jornais brasileiros, oferecendo convites de participação para o Orkut à venda? Um tipo de escorregadela moral até certo ponto usual e tolerada como mera irreverência pretensamente inconseqüente no Brasil, que por certo desperta desconfiança e rejeição em outras sociedades pelo mundo.

Algumas das características apontadas por Buarque de Holanda (2002:146) como traço de caráter do brasileiro o caracterizariam como indivíduo amistoso, hospitaleiro, e comunicativo. Essa pretensa facilidade ou afã comunicativo pode estar na raiz de uma das características que insufla comunidades do Orkut, que é a proliferação de *posts* de característica puramente diversional, como que mera forma de passar o tempo sem revelar qualquer outra finalidade ou proveito para os participantes: milhares e milhares de linhas de *conversa-mole* e *besteiro* inconseqüente que se multiplicam com insuspeitada intensidade e freqüência, inclusive nas comunidades de temáticas mais compenetradas, onde, juízo de valor à parte, não seria de se esperar que surgissem no nível de participação que alcançam.

Parece contraditório que este tipo de conversação inconseqüente ou brincadeira atraia uma enormidade de *posts*, por vezes em quantidades muito maiores do que temas propriamente definidores do interesse da comunidade. Até onde uma (possível) necessidade arraigada (embora até certo ponto inócua e inconseqüente), ou mero desejo, anteriormente emudecidos pela mídia de massa: de *não ficar de fora*; de *aparecer*; de *se fazer notar*; de dizer *estou aqui*; ou simplesmente *existir*, – essencialmente contemporânea e arraigada nas bases da brasilidade? Como se uma irresistível comunicabilidade característica, radicalmente brasileira, houvesse logrado formas de se manifestar, até, quando, onde, e por indivíduos que sequer teriam exatamente o que dizer? Como se, neste contexto, o manifestar-se *a público* (e não obrigatoriamente em público), longe de exigir o mínimo de preparo e sujeição crítica imprescindíveis na interação vis-à-vis, ao mesmo tempo proporcionasse um *palco*, antecipasse uma tácita permissividade, e conferisse a isenção presencial protetora da web. Como que um fugaz acesso aos *15 segundos de fama* tão típico das celebridades instantâneas da sociedade de consumo contemporânea, cuja platéia nem bem precisasse manifestar, quer sejam vaia, ou aplausos.

A par das características apontadas, o volume de acessos imposto por tal contingente de internautas, nunca antes visto ou previsto na rede, impõe uma sobrecarga do acesso aos servidores, que, em determinadas épocas, com desagradável frequência, não permitem ou interrompem a conexão, o que trouxe dificuldades à pesquisa. Apesar disso, ou talvez até mesmo em decorrência desta instabilidade do sistema, um bom número dos participantes dos grupos do Orkut também participa simultaneamente dos grupos do tipo antecessor. Esta conjunção de fatores, aliada ao não atendimento dos critérios de inclusão contribuiu para referendar e reforçar a exclusão dos grupos do Orkut e assemelhados da pesquisa, ainda que esporadicamente algum comentário mais expressivo neles postado possa ser levado em conta e ressaltado.

O vertiginoso desenvolvimento da web ao longo destes dois anos decorridos desde o início da observação formal impôs suas exigências. O surgimento e proliferação dos blogs e fotoblogs; as ferramentas e facilidades oferecidas a baixo custo por vários dos maiores provedores, que viabilizam a elaboração de websites menos sofisticados por não-especialistas e a sua hospedagem; e

também o acesso via banda-larga, determinaram a intensiva criação destes sites pelos participantes mais falantes e mais hábeis nas lides da escrita e da informática, dos grupos em questão, que implantaram e atualizam diariamente suas próprias páginas, continuando a se utilizar dos próprios grupos para sua divulgação e direcionamento dos interessados. Assim, uma grande parte dos depoimentos originalmente enviados e discutidos através dos grupos migrou para estes novos sites, de forma que nos vimos instados a passar a fazer uso preferencial deles.

Serão utilizados, portanto, os websites www.obesidademorbidanuncamais.com.br operacionalizado por Simone Guedes (família com três operados: ela própria, o marido e um dos filhos), e www.exgordo.com.br de responsabilidade de Cid Penteado Júnior (anteriormente um super-obeso que eliminou mais de 100 quilos e que já participou como atleta por dois anos consecutivos de corridas como a de São Silvestre, em São Paulo), que em conjunto mobilizaram mais de 2.000.000 de acessos no último ano, e congregam em seus arquivos mais de 160 daquelas mensagens/depoimentos espontâneos, em grande número de participantes dos mesmos grupos originalmente sob observação. Também poderão ser utilizados, a título de exemplo, partes de depoimentos que foram avaliados sob o enfoque psicológico na pesquisa de Mestrado em Psicologia do Psicólogo Francisco Carlos Gomes dos Santos, que defendeu sua dissertação intitulada *Identidade Pessoal de Obesos Mórbidos submetidos à Cirurgia Bariátrica – Uma Metamorfose Emancipatória?* na PUC – Pontifícia Universidade Católica, de São Paulo, e publicou um livro nela baseado, sob o título “Magro, e Agora?” (Santos, 2005).

Conforme já mencionado desde o capítulo de apresentação, a aplicação de um método de fundamentação acadêmica e lingüística, e do ferramental qualitativo associado escolhidos assumiu um caráter instrumental na pesquisa, e objetivou estimular a inferência criativa para viabilizar a análise e a interpretação discursivas essencialmente qualitativas.

Garnica (in Neves 2006) aponta que o termo *pesquisa* ganha um novo significado na abordagem qualitativa, sendo concebido como uma trajetória circular em torno do que se deseja compreender, não se concentrando única e/ou aprioristicamente com princípios, leis e generalizações, senão com a qualidade e os elementos significativos ao observador-investigador. A propalada neutralidade

do pesquisador em relação à pesquisa, segundo ele, não existe, pois é ele quem atribui significados e seleciona os aspectos com que interage e quer conhecer, e se dispõe a comunicá-los. Segundo esta ótica, não haveria *conclusões*, mas uma *construção de resultados* que não podem ter a pretensão de *definitivos*.

Para o autor, a pesquisa qualitativa:

- Estabelece o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento;
- Os dados são predominantemente descritivos e a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto;
- O significado que as pessoas dão aos fenômenos são focos de atenção especial de parte do pesquisador;
- A análise dos dados tende a seguir um processo indutivo. Os pesquisadores não se preocupam em buscar evidências que comprovem hipóteses definidas antes do início dos estudos.

Garnica entende que o pesquisador deve perceber a si mesmo e perceber a realidade que o cerca em termos de subjetividades e fenômenos, e não apenas em termos de objetividades e de fatos. Os fatos são realidades objetivas, eventos, ocorrências, relações entre objetos, dados empíricos apreensíveis pela experiência, observáveis e mensuráveis. Os fenômenos se mostram e se revelam e a realidade emerge da intencionalidade da consciência voltada para o fenômeno. O ser é existencial e primordialmente: afetividade, comunicação e compreensão.

Segundo o autor, a força do imaginário positivista centrada nos dados tem feito com que a teoria seja assumida como pano de fundo para rotular a informação procedente do momento empírico. Admitir a teoria nessas condições conduz o pesquisador a uma posição passiva, legitimada pelo princípio da neutralidade, e a pesquisa se converte em uma seqüência técnica de aplicação de procedimentos que exclui o intelecto do pesquisador como meio essencial na produção do conhecimento.

O empírico representaria, portanto, o momento em que a teoria se confronta com a realidade, sendo representado pela informação que resulta dessa confrontação. As teorias representariam um facilitador para perceber uma gama

de fenômenos empíricos, enquanto limita a percepção de outros. Por meio de sua capacidade reflexiva, o pesquisador é o responsável pelas mudanças da teoria ante a pressão da realidade estudada, mas tal pressão adquire forma somente por intermédio de suas reflexões, não deixando de representar um momento teórico.

Já González Rey (in Neves 2006) entende que uma teoria tem um núcleo fundamental de inteligibilidade que se estende em espaços distintos de significação, os quais devem se modificar permanentemente em relação ao empírico, em um processo de reconstrução teórica que pode levar à própria modificação do núcleo fundamental da teoria. As teorias existiriam no pensamento e na reflexão dos pesquisadores, sem os quais uma teoria se transforma em um conjunto de categorias estáticas que impediria a interação com os problemas a serem pesquisados.

A produção do conhecimento, segundo este autor, é um processo teórico comprometido com uma realidade que o desafia desde a trajetória empírica; desafio que constitui uma via de confrontação entre o objeto de estudo e o modelo teórico utilizado em sua significação. Dessa confrontação, dependerá tanto o desenvolvimento do modelo teórico, como o aumento da sua capacidade para gerar novas zonas de sentido sobre a realidade estudada. A força de uma teoria representa sua própria vulnerabilidade enquanto sistema que existe e se perpetua apenas em um processo de confrontação com uma realidade que transcende toda a teoria.

A pesquisa qualitativa seria um processo aberto submetido a infinitos e imprevisíveis desdobramentos, cujo centro organizador é o modelo que o pesquisador desenvolve e onde as informações empíricas adquirem significados. O pesquisador por meio de sua reflexão e das decisões permanentes que deve assumir é responsável pelos rumos seguidos pelo processo de construção do conhecimento. A legitimidade do conhecimento está associada ao desenvolvimento progressivo de zonas de sentido em relação ao problema estudado e à forma como as novas categorias se articulam.

A base epistemológica do uso de técnicas nas ciências sociais é positivista, embora a institucionalização de tal uso pareça ter se transformado em uma

exigência do *científico*. A premissa de que o valor da informação está definido pelo caráter dos instrumentos que a produzem exclui o momento de aplicação das idéias e reflexões do pesquisador, considerando apenas a informação procedente dos instrumentos como legítima. A coleta da informação, portanto, se converteria em um ritual instrumental que exclui toda informação proveniente da reflexão do pesquisador, enquanto na concepção qualitativa, o instrumental constitui apenas uma ferramenta interativa de produção de informações e não uma via objetiva geradora de 'resultados'.

A definição do problema de pesquisa, segundo González Rey (2005), deve ser enunciada como o primeiro momento no planejamento da pesquisa, ainda que o problema já implique em uma representação do objeto estudado, objeto que aparecerá somente quando o pesquisador tiver uma base de leitura e de maturidade pessoal que lhe permita a representação. A pesquisa seria, portanto, um processo que deve começar com a incerteza e com o desafio, e não com o objetivo de verificar uma certeza definida *a priori*. As necessidades de ordem, de certeza e de precisão que prevaleceram na construção ideológica dominante da sociedade ocidental teriam terminado se impondo também no campo da pesquisa científica.

No capítulo V que segue, intitulado ANALISANDO são apresentados os extratos dos textos recortados na análise das etapas 'antes', 'durante', e 'depois', *depurados*, por assim dizer, do *corpus* textual analisado, que representam como que um *concentrado* conteudístico do discurso, e apresentados os comentários e considerações finais da pesquisa. Vale salientar mais uma vez que não se buscou aqui comprovar hipóteses previamente estabelecidas, mas investigar um conjunto de premissas que vai tomando corpo e densidade com a própria dinâmica da investigação e complexidade de uma *totalidade humana* observada e englobada pela pesquisa, e expressada na sua comunicação online.

Capítulo V – ANALISANDO

Este capítulo aborda a análise dos textos da pesquisa. Os trechos apresentados a seguir a título de exemplo ilustrativo foram extraídos de três depoimentos distintos, de participantes diferentes, e correspondem respectivamente a cada uma das fases já mencionadas do processo de transformações corporais decorrentes da perda de peso³⁶:

“...Trinta quilos me separam da minha felicidade... ...Meu amor próprio está destruído. Minha auto estima está lá destruída... ...Tenho que renunciar... ...pseudo prazer de comer, para conquistar um prazer verdadeiro... ...vestindo roupas horrorosas... ...que só na minha mais tola ilusão conseguem disfarçar um corpo horrível. Em alguns dias vai ser novamente a festa... ...não tenho coragem de ir! Também deixei de ir ao casamento... ...pela mesma razão. Também tem festinha de aniversário... ...Pergunte se eu vou? Jamais!... ...não tenho coragem de voltar à cidade que morei... ...Como encarar os amigos? E os ex-namorados?... ...medo de encontrar os homens que já foram apaixonados por mim. Medo de que eles me olhem com desprezo e se sintam aliviados por não terem tido êxito em estar comigo... ...muitos dizem que é futilidade, mas que mulher não gosta de ser admirada?... ... é meu primeiro contato e já desabei com tudo isso...”

Antes

“...Coragem de se submeter a um procedimento cirúrgico de alto risco, em nome da estética e da saúde (estética sim, pq.muitos de nós antes da saúde pensou no âmbito social de onde éramos marginalizados e excluídos). Coragem de enfrentar o mundo de outra forma e encarar as pessoas nos vendo tbém de uma outra forma, pois qtos.de nós deixamos de ser "entendidos" qdo. começamos a mudar fisicamente; onde inclusive vários parceiros não dão o apoio que precisamos (creio eu por insegurança pura de "perder" o que lhes era por demais seguro – o desabrochar de uma linda mulher deixa qq marido, noivo e afins com a pulga atrás da orelha)....ou de colegas de trabalho que se afastam pq.deixamos de ser "capaxos", ou oferecemos algum risco a quem estava habituado a brilhar sozinho; ou de amigos (ou pensávamos que era amigo) que nos vêem de uma outra forma e não aceitam nossa melhora de qualidade de vida (em todos os sentidos)... ...VALEU e ESTÁ VALENDO POR TUDO O QUE PASSEI.....VALEU E ESTÁ VALENDO POR TUDO QUE AINDA VOU EXPERIMENTAR E CONHECER... ...Força e fé a todos que iniciam a caminhada em busca de informações ou recém-operados, é isso aí.....partir em busca de ser feliz!”

Durante

“...Não existe coisa melhor de ver suas antigas roupas te servindo e não usando mais as aquelas roupas enormes... até mesmo as roupas íntimas tive que aposentar...rs... estão enormes... ...A diferença é enorme...não só na aparência, mas na auto-estima... sou uma pessoa sociável... sorridente... levo muitas cantadas na rua...rs (essa parte meu namorado odeia...rs)... sou uma pessoa melhor comigo e com os outros...cara feia nunca mais!!!!...”

Depois

³⁶ Ao longo de todo o trabalho, as mensagens mantêm o texto original e espontâneo do próprio participante, sem correção ortográfica ou de digitação. Apenas a tipologia e o tamanho das fontes foram unificados para compatibilizar com as regras de publicação. Nomes pessoais, e-mails, datas de postagem e respostas, e dados de identificação do grupo foram suprimidos para preservar o anonimato.

Os textos completos dos cerca de 160 depoimentos que compõem o corpus do trabalho estão apresentados no CD-ROM anexo em três versões:

- Tal como foram capturados, no formato 'Word'.
- Preparados conforme descrição do capítulo anterior (revisados, grafia uniformizada, sintagmas hifenizados e dados numéricos *codificados* com letras correspondendo aos significados que lhes são atribuídos), no mesmo formato.
- Convertidos para a notação ASCII (arquivos de texto sem formatação, de extensão .txt), habilitados para o processamento computadorizado³⁷.

• OPERACIONALIZAÇÃO E ANÁLISE DO CONTEÚDO DO DISCURSO.

Cada um dos depoimentos individuais foi subdividido em partes segundo o teor correspondente a cada uma das fases de interesse da análise. As partes foram então dispostas em seqüência em grandes textos separados intitulados *antes*, *durante* e *depois*, gerando 3 arquivos identificados respectivamente como T1, T2 e T3 (de extensão .txt), que foram processados seqüencialmente no computador. O Stalex gera inicialmente as primeiras duas matrizes de dados que mostram o *recenseamento* da totalidade dos vocábulos utilizados nos textos.

Na primeira matriz as palavras são listadas em ordem alfabética (denominada tabela Alfa); e na segunda, em ordem decrescente (tabela Delta) da freqüência de uso de cada vocábulo *per se*, apresentadas tanto em relação à massa textual total como em relação a cada um dos textos. As tabelas elaboradas apresentam tantas linhas quantas foram as palavras usadas nos textos, e têm colunas que correspondem a cada um dos textos analisados, além de uma que corresponde aos totais.

Seguem pequenos trechos das tabelas Alfa e Delta (apenas umas poucas linhas de cada uma, a título ilustrativo), seguidos dos comentários correspondentes. Nenhuma delas será apresentada completa, por que não traria qualquer

³⁷ A conversão para o formato .txt suprime as características de natureza estritamente estética, como: tipos e tamanhos de fontes, negritos, sublinhados, espaçamentos, recuos, parágrafos, etc. – que não são levadas em conta no processamento da análise lexical por computador.

contribuição para o entendimento do processo, e não faz parte dos objetivos o detalhamento do método³⁸.

Tendo em mente o interesse essencialmente qualitativo da interpretação discursiva da pesquisa, já anteriormente ressaltado, – e viabilizado a partir da aplicação instrumental da ferramenta quantitativa, – não serão mostradas e comentadas as várias tabelas geradas nas próximas etapas do processamento, para não tornar exaustivo e não alongar desnecessariamente o trabalho. Todas as tabelas são apresentadas completas no CD-ROM de anexos no final do volume.

Vocábulo	Nº de Ocorrências			
	Total	T1	T2	T3
a	2257	443	1434	380
á	3	1	2	
à	83	16	46	21
a-1992	3	1	1	1
a-1993	1	1		
a-1994	1		1	
a-1995	1		1	
a-1997	1	1		
a-1999	2	2		
a-2000	9	6	3	
a-2001	9	4	5	
TRECHO NÃO APRESENTADO				
y-de-roux-por-				
videolaparascopia	1		1	
yeesss	1		1	
yogurtes	1			1
yuuupi	1		1	
zapeando	2	2		
zinco	1			1
zóio	1		1	
zumbi	1		1	
zuretão	1	1		

Tabela Alfa de T1, T2,T3 (trechos)

A ordenação alfabética da tabela Alfa faz dela a interface natural da interação homem-máquina, uma vez que propicia ao pesquisador, a qualquer tempo, localizar imediatamente qualquer palavra que porventura queira investigar

³⁸ Uma apresentação detalhada e o aprofundamento no método estão disponíveis no livro *Méthode d'analyse lexicale, textuelle et discursive*, de seu próprio desenvolvedor, Prof. Dr. André Camlong, relacionado na bibliografia.

dentro de cada texto, de acordo com os seus interesses de visualização e investigação (para averiguar, por exemplo, relações temáticas ou verbais, ligações relevantes entre palavras, hierarquia, agrupamentos, etc.).

Das várias outras tabelas que se seguem ao longo do processamento, a tabela Delta é a única que conserva a coluna dos vocábulos, que são nela apresentados em ordem decrescente das frequências de sua presença nos textos. Todas as demais tabelas apresentarão apenas os dados numéricos que correspondem ao recenseamento da população lexical levantada, e serão processadas pelo módulo MacroBR do Stablex, que é composto de um conjunto de planilhas Excel que executam as diversas etapas do tratamento operacional estatístico da massa textual.

		Nº de Ocorrências			
1	e	2722	595	1647	480
2	a	2257	443	1434	380
3	que	2230	456	1319	455
4	de	1920	443	1125	352
5	o	1351	275	876	200
6	não	1124	220	687	217
TRECHO NÃO APRESENTADO					
203	tratamento	44	10	26	8
204	primeira	43	10	31	2
205	apenas	42	5	31	6
206	dietas	42	35	7	
207	há	42	12	20	10
208	posso	42	7	21	14
209	remédios	42	21	17	4
TRECHO NÃO APRESENTADO					
8939	yuuupi	1		1	
8940	zinco	1			1
8941	zóio	1		1	
8942	zumbi	1		1	
8943	zuretão	1	1		

Tabela Delta de T1, T2,T3 (trechos)

Ressalto aqui apenas como exemplo algumas primeiras informações básicas que nos são reveladas já nos dados primários da tabela Delta: entre as 8943 palavras distintas que foram empregadas nos textos, o primeiro trecho (linhas de

1 a 6) mostra a incidência dos vocábulos essencialmente gramaticais (de frequências mais elevadas), que são articuladores do discurso.

Na segunda sequência, (linhas de 203 a 209), já aparecem alguns dos vocábulos claramente nocionais compatíveis com a temática tratada nos textos, como '*tratamento*', '*dietas*' e '*remédios*'.

Já a última sequência, (linhas de 8939 a 8943), lista palavras que apresentam a particularidade de aparecer uma única vez em toda a massa de textos, — denominadas *hápax* — às quais será conferida a importância e a atenção devidas no momento próprio da análise. Estes vocábulos apresentam uma característica ímpar na constituição do texto, (são eminentemente nocionais, conferindo acuidade e carga semântica na constituição do corpo lexical).

Vale salientar que até aqui estamos lidando com dados brutos (de caráter meramente estatístico), que ainda serão processados com base numa fundamentação que atribui conceitos de estatística paramétrica ao sentido do discurso nos textos, com base na noção e na descrição topológica (o lugar e o peso do elemento lexical na construção do texto e do discurso). A parametrização segundo estes critérios lingüísticos é que vai possibilitar a conversão da análise essencialmente dura e quantitativa da estatística para uma visão lexical quanti-qualitativa do discurso. A abordagem analítica (indutiva e objetiva) se contrapõe à abordagem tipológica convencional, cuja fundamentação é dedutiva.

O prosseguimento do processamento parte dos dados da tabela Delta, e as tabelas que a seguem são de conteúdo puramente numérico, exprimindo em linguagem matemática o arcabouço físico conteudístico dos textos sob análise. Na expressão da Professora Zilda Zapparoli (2002), o método permite desvendar

“na arquitetura lexical dos textos, a constituição do discurso.” ... “através da aplicação do método, a partir do texto – matéria concreta –, conhece-se a matéria lexical, que por sua vez, permite inferir, re-conhecer, o abstrato – o discurso. Enfatiza-se que o léxico é o veículo que leva ao conhecimento do discurso: as escolhas preferenciais dos itens lexicais, reveladas pelo seu peso, correspondem à orientação discursiva”.

- **CONCLUINDO EM FRENTE**

Tendo em mente o interesse qualitativo da pesquisa, as premissas e objetivos formulados desde o capítulo de apresentação assumiram ao longo do percurso do trabalho um caráter aberto, não restritivo, e foram empregados como balizas de todo o trajeto da investigação. Seus rebatimentos na comunicação ressurgem claramente, agora, imbricados na seqüência apresentada a seguir, do resultado do conjunto de recortes da totalidade dos depoimentos. Vale aqui salientar que são os trechos significativos extraídos à luz dos vocábulos ressaltados pelo ferramental empregado e das associações inferidas pelos critérios definidos durante, e a partir da interação. São recortes, portanto, decorrentes da avaliação da totalidade da massa textual, e não de uma mera amostragem que se pudesse admitir significativa com base em critérios estatísticos e amostrais³⁹.

A seqüência da apresentação dos recortes procura seguir a lógica das transformações identitárias apresentadas nas premissas da pesquisa. Para facilitar a apreensão, estão apresentadas em negrito as palavras-chave do vocabulário preferencial que foram ressaltadas pelo aplicativo, e outras a elas associadas pelo pesquisador no contexto da extração, segundo as conexões mentais estabelecidas a cada etapa.

Da fase **antes**:

O **peso**... do peso

- "...**infelicidade** e **desanimo** de viver..."
- "...acho que experimentei todos e muitos dos famosos **médicos** de **dieta** de São Paulo..."
- "...fazia a famosa **dieta** que se **iniciava na segunda** e na quarta já estava **fugindo** dela com inúmeras **desculpas** ("**só um pouquinho**" "**semana que vem começo** a dieta de verdade" "eu **mereço**, pois trabalhei muito" "estou **cansado** do trabalho" "estou feliz" "estou **triste**")...Todas estas **desculpas** me faziam **comer compulsivamente**, mas como se sabe são "**DESCULPAS**"..."

³⁹ A ordem de apresentação dos recortes procura seguir a lógica do próprio desenvolvimento do trabalho. Para facilitar a apreensão, estão apresentadas em negrito as palavras-chave que foram ressaltadas como pertencentes ao vocabulário preferencial pelo software, e outras a elas associadas pelo pesquisador no contexto da extração, segundo conexões mentais a cada etapa.

- "...tentei muitas **dietas sem sucesso**, pois era tipo iô-iô..."
- "...Eu era **gordo** que só tinha **problemas** de **pressão alta**, mas **não me exercitava** e me **trancava em casa**, **odiava** tudo e todos, tinha **inveja** das pessoas na **TV...**"
- "...**sofrido desde a infância** aqueles **insultos** que conhecemos muito bem "**bujão de gás**", "**gorda baleia**" entre outros..."
- "...A **obesidade atrapalhou** muito a minha adolescência..."
- "...me **afastasse**, de certa forma, da **vida social** na época..."
- "...Eu **me trancava** neste lugar..."
- "...**relacionamentos amorosos** eram esporádicos..."
- "...Minha **família toda** é **obesa**. Fiz inúmeras **dietas** na adolescência..."
- "...se sentir **inadequado** num mundo em que ser **magro, jovem e bonito** é **pré-requisito** para o **sucesso** e **felicidade...**"
- "...Me sentia **infeliz, gigante**. Todas as **roupas** ficavam **apertadas** em mim e **caíam mal**. Me sentia **feia** e espaçosa..."
- "...**engordado** muito e ter **destruído** o resquício de **auto-estima** que me restava..."
- "...Já **não saía mais de casa** de **vergonha**, **evitava encontrar amigos e parentes...**"
- "...no **processo destrutivo** que me encontrava, meu tempo era curto..."
- "...Vivia **enclausurada** no meu quarto, **assistindo** a **MTV** e **comendo...**"
- "...Eu sempre fui **gordinho**; desde criança **dificuldade de relacionamento**, isso só não piorava por que todo **gordo** é bem **alegre...**"
- "...tremenda **desvantagem** em relação às outras meninas: não tinha exterior..."
- "...**Sofri na infância** por **não ser aceita** e não conseguir acompanhar as crianças nas brincadeiras, **sofri no colégio** por ser alvo das piadinhas e não acompanhar a aula de Ed.Física. **Sofri na adolescência** pois ninguém queira namorar comigo. **Sofri** quando adulta pois até para arrumar emprego era difícil. Camuflava esse **sofrimento** sendo engraçadinha e simpática. Boa de conversa e sempre à disposição para agradar...afinal como seria aceita se não fosse assim?..."
- "...chorava e a **depressão** estava me matando aos poucos, não ia mais em lojas, pois nada servia, saía de lá chorando, achando que as moças me tratavam mal e tratavam mesmo, pareciam ter nojo da gente!!Só quem sabe e passa sabe do que estou falando!!!..."

- "...Não sei se passei por **depressão** (acredito que sim) até tentei passar por **dietas**, tomei **remédios**, fui em vários **especialistas**, mas nunca consegui **emagrecer...**"
- "...cadeiras de bar (aquelas branquinhas de plástico)... essas **cadeiras** eram um **problema**! Nunca caí com elas, mas sempre morri de medo que se abrissem e eu caísse na frente de todos O mundo não é feito para os obesos. A sociedade não permite que seja assim..."
- "...passando por situações **constrangedoras** (eu ficar entalado na cadeira de cinema)..."
- "...Me **isolei** não somente dos lugares que costumava frequentar como também dos **amigos** que costumava ter..."
- "...Quando me divorciei, me senti a última das pessoas e, lá no fundo, achei que ele "se foi" por causa da **obesidade**, porque eu estava **gorda, amarga** e sem nenhum **amor-próprio...**"
- "...utilizei até mesmo técnicas *alternativas* como *acupuntura* e *drenagem linfática*. Tive sucesso com algumas, mas por tempo curto, vindo a **engordar tudo de novo, ou até mais, após algum tempo...**"
- "...entrei em **depressão**, pensei em me matar, **me afastei das pessoas**, só ficava em cima da cama, **não me arrumava** mais, ia para a faculdade todo largado, cabeludo, barbudo, um monstro, fiquei totalmente **sem auto-estima!...**"
- "...nos apelidaram de **Fat Family**! Não vou negar, isso me **incomodou**, mas até então **não havia me dado conta** da minha situação..."
- "...Mas as coisas foram se **agravando** o peso foi ficando **sem controle** e eu ficando sem a menor **disposição**, me apagando para a vida, me desligando do mundo e ainda assim **me achando** a pessoa mais feliz do mundo..."
- "...me disse uma coisa que muito **desagradou-me** "Por isso que não contrato **GORDO! GORDO não tem agilidade, GORDO não tem resistência, GORDO não consegue fazer nada!**" Isso me magooou muito..."
- "...fiquei **desempregada** nesse tempo todo, por puro **preconceito**, e **arrumar emprego** depois com a **gordura** que estava era **impossível...**"
- "...Resolvi de vez operar quando perdi um estágio muito-bom na minha área por causa da **obesidade...**"
- "...Eu quase acabei com meu casamento, **não gostava de mim** e achava que era impossível alguém gostar, então eu **agredia tudo e todos...**"
- "...**Sofri** praticamente minha vida toda desde criança **sofro** de **obesidade** aos 9 anos **já pesava** 59 kg muito pra uma criança, aos 23anos eu **pesava** 160 kg vocês imaginam (ñ ninguém imagina só quem passou)perdi minha infância e acho que sofri na pior fase que é a ADOLESCENCIA..."

- “...**Sofro** com o **excesso de peso** desde muito jovem, na escola eles me chamavam de **Mãe gorda, tonel, Mobi Dick...**”
- “...um belo dia, resolvi comprar uma calça-Jeans (sempre fui muito **vaidoso**), rodei várias lojas e shoppings de Vitória e só achava aquelas calças **horrorosas** que fazem para **gordos**, cóz lá nos peitos, de pregas, fundo lá em baixo, medonhas, rodei mais de uma semana, até que um vendedor de uma loja cara me disse: “é difícil achar roupa bonita para gordo, você só vai achar isso!...”
- “...Nunca tive **problemas sérios de saúde**, fora os **psicológicos** “camuflados” - sentir-se **rejeitada**, **fingir que não está nem aí**, morrer de **solidão** e **vontade de amar** de novo, ter **vergonha** de ver os outros vigiando “o quê e o quanto você come!”...”
- “...eu não queria saber de ouvir falar de **cirurgia** nenhuma. Eu tinha aquele conhecimento de leigo sobre a **cirurgia**... de que o resto da vida eu iria comer e tomar “a quantidade de uma **xicrinha de café**...”. Que absurdo!!!! Fiquei em estado de choque, mas não pensava na possibilidade de uma cirurgia...”

A participação nas **comunidades**

- “...vocês não fazem idéia da alegria que estou sentindo por saber que vocês existem e que eu posso aprender e ajudar...”
- “...estou ainda em êxtase por ter encontrado vocês, prometo que darei outros detalhes posteriormente...”
- “...**Pesquisei** bastante, conheci pessoas maravilhosas nos **grupos de discussão**, pessoas que hoje **fazem parte** e exercem um **papel** muito **importante** em minha vida...”
- “...**Pesquisei** muito na **net** a respeito, **participei** de **grupos** sobre **gastroplastia** e me **informei** muito sobre as diversas **técnicas**...”
- “...comecei também, a correr atrás de informações pela **internet**, entrei em **grupos de discussão**, conheci muitas pessoas que tinham **operado** e que me deram a maior força, me mostraram os **prós** e **contras** de uma **cirurgia** assim...”
- “...comecei minha **busca** por **informações** na **internet** e **descobri** os **grupos de discussão**... Foi a partir desse momento, do contato com **outros operados** e candidatos que tudo **mudou** e, enfim, consegui ver de outra maneira esse **tratamento**... as **pessoas** do grupo de discussão que acompanharam mais de perto minha caminhada. Para mim o **apoio** dessas **pessoas maravilhosas** que eu conhecia, no máximo, por telefone, foi **fundamental** principalmente porque não havia comunicado a ninguém minha **decisão de operar** até o dia da internação...”

- “...para todo o pessoal das **listas** (renascer, gastroplastia, nova-vida) que sempre estiveram tão **solidários** e **presentes durante** este **processo...**”
- “...Além do choque de rever este médico, em uma situação totalmente diferente da qual havíamos nos conhecido, dizendo a todo aquele povo gordo sobre o **processo**, e apresentando a equipe, fiquei muito assustada com tudo, com as **técnicas**, com aquele povo muito **gordo** presente na **palestra...**”
- “...Procurem esclarecer todos as dúvidas, **perguntem**, **pesquisem**, **participem** de **encontros** com **ex-operados**, os **grupos de discussão** costumam marcar estes **encontros** em shoppings...”
- “...Mas, **pesquisei** na **Internet**, falei muito com **pessoas** que já tinham **feito** (e me **ajudaram** demais, por-certo)...”
- “...Depois de ter **tentado de tudo** para **emagrecer**, **tudo** mesmo, todas as **dietas**, crendices, simpatias etc... vi na **gastroplastia** a minha **luz no fim do túnel...**”

Da fase **durante**:

Participação nas **comunidades**

- “...Todas as minhas **duvidas** e **receios** foram tirados ao longo desse **período**, tudo que mexia e me fazia ter **medo** Como sempre fui muito curiosa e fuçava ate encontrar algum arquivo na NET daí lia tudinho...”
- “...desejosa de encontrar maiores detalhes sobre como viver apos essa **cirurgia**, capella, laparoscopica, bypass...”
- “...sempre me mantive bem **informado** pela **net...**”
- “...Isso me fez ver, que eu era **capaz**, de **mudar** minha **situação** . Só **eu** podia **mudar**, somente **eu...**”
- “...Apesar de não ter **IMC** suficiente para fazer a **cirurgia**, tinha outros **fatores** de base que me levaram a...”
- “...**resultados** dos **exames...** Os **resultados** foram **catastróficos**! Minha mente **mudou** totalmente ao ver que meu **triglicérides** e meu **colesterol** ...”
- “...hoje comecei a **perceber** o quanto eu era **exagerado** com minha **alimentação** e quanto tempo eu fiquei me **agredindo** fisicamente...”
- “...Calma doutor... peraí... tem que ter um belo **bota fora** (**despedidas** e farras que antecedem as **cirurgias**) !!! E ele riu um bocado... no final da conversa marcamos pra dali a 10 dias... Então entramos na **semana pré operatoria**, Foi uma festa só, **almoço** e **jantar fora** todos os dias... **comi de tudo um pouco**, de **rodízios** de carne, **massas** e de **sushi**. **Comida no quilo**, **feijoada**, **sarapatel**, **galinha-caipira**, **camarão**, **ostras**, **tripinha**

frita, cervejas e uma boa **cachacinha** fizeram parte destas **orgias gastronômicas...**

- “...comi todos os **croquetes** que haviam lá (adoro **carne** e sobretudo **croquetes**). Foi um ato “**litúrgico**” de **despedida...**”
- “...Fiz **despedida gastronômica...**”
- “...Foi ao shopping, comer o **maior prato** de **caruru**, **engordei** quase 2 kg nos dias antes da **cirurgia...**”
- “...Todas as **despedidas** possíveis (Mac donald's, rodízio de **churrasco**, baket potato... uma verdadeira **farra gastronômica...**”
- “...contei com o **apoio** dos meus **pais**, meu **marido** e minha **filha...**”
- “...**apoio** muito **importante** de todos os meus **familiares** e **amigos** e principalmente do meu **esposo** e **minha** mãe, isso **faz** muita **diferença...**”
- “...Nesse dia, **minha vida mudou radicalmente...**”
- “...Desejo, lá no fundo, ainda **encontrar um amor**, pra **viver plenamente** tudo o que **não foi possível antes**, por **falta** de **amor próprio** e **medo!...**”
- “...**descobri** que tudo **dependia** de mim...”
- “...**camisolas novas** que **comprei especialmente** para este **momento de mudança** na **minha vida**. Porque é claro que a gente tem que estar bem legal para receber as nossas **visitas**, de **baton**, bem **gatinha** né? **Brincadeirinha..rs...**”
- “...**Cheguei a engordar** 5 kg, eu **pesava** 107Kg, para poder fazer de graça pelo meu plano de saúde...”

Da fase **depois**:

- “...Estou **me preparando** para **deixar de ser notada** onde vou, e sim , começar a **observar** os **outros**, **namorar** de novo, quem sabe...até...”
- “...sinto **fome** só nas **horas de refeição**, mas sinto **vontade de comer** sim...”
- “...**Perdi quase todo** o meu **guarda roupa**. Algumas coisas **reformei**, agora estou usando coisas das “**antigas**”. Acho que ainda **não vale a pena comprar** muita coisa, pois ainda tenho **quilos a perder...**”
- “...Olha... O que eu posso dizer é que minha vida é outra... Eu tinha febre reumática, alergias que me apareciam todos os dias, problemas nos **pés**, nos

joelhos, pressão alta... E tudo **mudou**. Eu não tenho mais as alergias que sumiram misteriosamente (acredito que o lado psicológico, por estar tão **infeliz**, me fazia ficar **doente**), não tenho mais aquelas **dores** terríveis... Nada. Nem sei se devo ter mesmo a tal da febre reumática... Eu **como de tudo, bebo de tudo, tenho** uma **vida normal** sim..."

- "...minha **família é obesa**, minha *prima* já fez a **redução** em junho, minha *tia* faz agora 18 setembro, e minha mãe vai fazer em janeiro, só meu irmão que está com **medo**, mas eu tenho **certeza** que depois que ele ver a nossa **transformação** ele vai fazer..."
- "...muito **feliz, auto estima recuperada, vaidade recuperada**, fazendo **caminhadas, parei de fumar**, uma **vida nova!**..."
- "...Esse sou **eu**, um cara hoje muito **alto astral** e com a **auto estima recuperada**. Mas perguntam, como **auto estima recuperada** com apenas um mês de **operado**? Vou contar minha Historinha!..."
- "...Hoje **sou outra mulher**, muito **mais feliz**, muito mais **linda** (me sinto assim) muito mais **amada** e extremamente **realizada**..."
- "...Este é o meu **espírito de gorda** atuando, as coisas crocantes como pipoca, amendoins salgadinhos etc. **descem facilmente**..."
- "...Meu nome é _____ Minha idade é 42 anos.. Fiz a **cirurgia Capella**, há mais ou menos 2 anos e consegui **emagrecer** 30 kg estava com 112kg e agora estou com 82...Mesmo assim não me sinto totalmente **realizada**...principalmente porque continuo gordinha...e tenho o hábito de **comer muito** e depois como o **estomago dói** eu preciso jogar tudo fora...As vezes me sinto **frustrada** quando penso que não **consegui** minha **meta** e quero **comer muito** e não **consigo**...Tem alguém que possa me **ajudar**????..."
- "...**como de tudo pouco** agora é so **alegria**. rs...**sinto fome** normalmente, estou em **falta** com o meu **retorno**, tenho que usar centriun e noripurum mas estou **tão bem** que não faço uso de nada, um pouco de **fraqueza**, **entalei** uma vez mas tomei **goles** de café e **melhorei**. minha **saúde e de ferro** nao sinto mais nada, considero **importante atividade-física**, tudo **mudou** em minha **vida** as **pessoas** me olham **diferente**, estou muito **feliz**, dei todas as minhas roupas. espero que você. que esteja lendo este **depoimento** faça o mas rapido POSSIVEL ESTA **CIRURGIA**. DEUS ABENÇOE A QUEM CRIOU ESTE SITE..."
- "...Me **amo** e com isso **amo** melhor o mundo, as outras **pessoas**... e quando vejo um **obeso mórbido** tenho vontade de **ajudar**, dizer " olha, eu sei o que você está passando, o que você está **sentindo**, o quanto está sendo **discriminado**, seja deixando de ser convidado para uma festa, não encontrando uma **roupa** decente ou **perdendo** uma vaga de **emprego** para a qual você é competente, por **não confiarem** em alguém que **não controla** os seus **impulsos alimentares**. Ei, tem cura!"..."

- "...Visitem o meu site; e vejam minhas **fotos** da **cirurgia** de **antes** e **depois** e **artigos** sobre **obesidade** e tipos de **cirurgia**, me coloco à **disposição** de cada um para **ajudar** no que for possível..."
- "...Eu montei um Blog (diário virtual), contando tudo desde que **decidi operar**..."
- "...Hoje estou extremamente **realizada!** **Feliz** e **de bem com a vida novamente** e você pode saber mais detalhes dos meus dias, lendo meu blog:..."
- "...Quem quiser saber mais-detalhes é só acessar meu blog..."
- "...deixo aqui uma **foto** minha de como **estou hoje após** 2 anos. Pena que não tenho aqui uma do antes pois não tirava fotos... rrrrrrrrrrr e quando alguém tirava eu rasgava,... mas se eu achar alguma em casa de parentes prometo colocar aqui para divulgar que é **importante não deixarmos de sonhar** com o que até então nos **parecia impossível**..."
- "...me sinto bem melhor, posso **cruzar minhas pernas**, não me canso com facilidade estou **super feliz** com meu **emagrecimento**... acho que **mudou** bastante minha **auto estima**... não **pretendo** guardar nenhuma roupa, apenas **comprar roupas novas**..."
- "...Essa **decisão** me **transformou** tanto **por fora** como **por dentro** e hoje **sou** uma **pessoa** muito **melhor** e posso dizer-lhes com toda franqueza das minhas palavras: FOI A **DECISÃO MAIS IMPORTANTE DA MINHA VIDA!!!**..."
- "...**Hoje em dia** eu posso **dizer** que com 38kg **eliminados** e **pesando** 76 kg eu **sou uma nova mulher**: muito **mais feliz**, **realizada** e mais **segura** comigo mesma... **Mudanças ocorreram durante** todo esse **processo** e meu **guarda roupa** é outro ponto da mesma pois , hoje posso usar **biquíni**, **saia curta**, **cinto** etc... Agora sim tenho um **guarda roupa** de uma **mulher** de 20 anos, pois **anteriormente me escondia** atrás de **roupas de gordo horríveis!!!!** ...**após** o meu **emagrecimento**, então meu **próximo objetivo** é o silicone e talvez uma lipo..."
- "...30 **kg a menos** e **superbem**, recebendo muitos **elogios** e também superconvencida.rrrrrr..."
- "...Tive um **grande apoio** da minha **família** e do **meu amor** o que comecei a **namorar** com ele... ele foi um **presente de Deus** na **minha vida**, pois fora minha **família** ele foi o **única pessoa** que me **amou (ama)** **do jeito que eu sou**. Realmente **mudei de vida**..."
- "...**aproveitar** a sua **nova vida** e ser **feliz** com **coisas simples** como: poder **cruzar as pernas** (é o máááááximo!), poder **comprar roupas normais** e a **preços normais**, poder **sentar sem medo** em **cadeiras de plástico**, ir à **praia**, ser **paquerado** (a) e **não se sentir mal** por "dar em cima" de alguém sem se achar um imbecil..."

- “...sou cada vez menos **introverso**. Acho que a **reintegração** social foi a principal **mudança** em minha **vida** após o **tratamento**....Sou **aceito** entre os **colegas** da **escola** sem aquelas **brincadeiras** sobre ser **gordinho**...”
- “...minha maior **felicidade** era poder **comprar roupas menores, mais curtas** e até com **decotes, me sentia muito bem**...”
- “...Minhas **roupas**? Ah...**dei quase todas**. Algumas eu **apertei** porque eu sempre fui uma **gordinha** ousada, gostava de **decotes, lascões** em **saias** e **roupas** bemfashions e **diferentes**...”
- “...Minha **vida** **mudou** desde os pequenos **detalhes do dia a dia** até os aspectos **sociais, profissionais** e **afetivos**. Sou uma **nova mulher**!...”
- “...minha **vida sexual** também **mudou**...”
- “...você se torna mais espaçoso do que era quando **obeso**. Você agora tem **segurança**. A **auto estima** está alta...”
- “...tive que **mudar** meu **guarda roupas** todinho, as **calças, blusas, bermudas** literalmente caíram ...”
- “...**Me arrumo com gosto** para sair, só uso **salto alto**, voltei a usar **bijoux, maquiagem** e **perfume**. Já estou sendo **paquerada** na rua e adoro isso! Recebo **elogios** em toda parte...”
- “...operei a cabeça sim!!! A **cirurgia** sozinha **não faz milagre**... Devemos fazer a nossa parte! Enxergar a vida com olhos magros é muito importante...”
- “...Hoje sim minha **vida** é **normal**, pois sou **FELIZ!!!!** Junto com o **peso** que **eliminei** foram embora também anos e anos de **frustrações, humilhações, tristezas, depressão, isolamento** e tudo mais de **ruim**...”
- “...Amiga de verdade, que **operou** 5 meses antes de mim, esteve presente desde a primeira **consulta**, ligou várias vezes durante a **cirurgia** e hoje vai ao shopping comigo para desfilar e comprarmos algumas bobaginhas. te adoro!!!!...”

CONSIDERAÇÕES E COMENTÁRIOS FINAIS (o eterno recomeçar!)

Conclusão?... A satisfação, ainda que temporária, de uma etapa cumprida como resultado da dedicação no contorno dos obstáculos mencionados, e do espírito científico⁴⁰.

⁴⁰ Proponho-me a retomar e dar continuidade, na sequência, a um trabalho mais denso no doutorado, na mesma linha de pesquisa em comunidades na Net, mediante uma investigação etnográfica balizada sob o enfoque linguístico e comunicativo – provisoriamente intitulada Netnografia, mediante o emprego associado de metodologia assemelhada à desta pesquisa.

A utilização do ferramental de base quantitativa que balizou a abordagem qualitativa deste trabalho procurou respeitar ações, reações e características comunicacionais essencialmente humanas que constituíram a base da investigação. A metodologia e o computador constituíram o instrumental interativo utilizado na elaboração de alternativas, apontamento e produção de associações de idéias e informações pelo computador, submetidas *just-in-time* à inferência e avaliação sensível do pesquisador, e não uma via de produção de *resultados*.

O trabalho **apontou e viabilizou confirmar a qualificação dos novos espaços** pesquisados que, como visto, podem constituir efetivamente **laboratórios de evolução identitária e comunicativa à disposição dos pesquisadores**, depositários de um raro caldo de cultura que viabiliza o acompanhamento e a investigação, em tempo real, de características aceleradas da sociedade contemporânea manifestando-se sob condições reais de vida. Esta seria a essência da minha contribuição, aberta para futuras pesquisas.

Não se buscou aqui comprovar hipóteses, mas investigar um conjunto de premissas que foi tomando corpo e densidade com a própria dinâmica da investigação. Alguns parâmetros numéricos e gráficos do método empregado na análise quali-quantitativa do corpus textual davam conta a inquietante presença de uma multiplicidade de autores nos textos, já prematuramente apontada como característica do universo pesquisado que poderia trazer dificuldades metodológicas, até preliminarmente discutida com o autor do método e ressaltada no trabalho. Mas a análise mostra uma tranquilizadora coerência em relação a características distintivas da própria contemporaneidade, mencionadas desde o capítulo inicial, quando fiz uso das palavras de Maria Cristina Franco Ferraz (in Sibilia, 2002):

“o agenciamento das figuras retóricas, hoje, se dá “não mais em linha reta, univocamente dirigida, mas em múltiplos e moventes entrelaçamentos”,... “em um ritmo mais afinado com a instabilidade e os devires próprios do pensamento e da vida”.

Os extratos dos textos, por assim dizer, *depurados* do *corpus* textual avaliado, representam como que um *concentrado* conteudístico do discurso. O entrechoque do conteúdo entre fases ‘antes’, ‘durante’ e ‘depois’ constitui a

essência do discurso subjacente às mensagens e depoimentos. Sua leitura revela a expressão direta na comunicação, das transformações identitárias decorrentes das transformações corporais advindas da conquista de uma silhueta corporal (real ou imaginária) aceita pela sociedade e não mais sujeita ao estigma, trazendo informações pessoais, sociais e culturais ali refletidas – que constituíram propósitos da pesquisa.

Os extratos da fase 'antes' (fls. 97 a 100) literalmente entreabrem o que de início constituía uma suposição ou mera sensação: permitem ver claramente o quão doloroso pode ser para os portadores de obesidade viver aquela patologia e o estigma a ela associado, e os prejuízos decorrentes da baixa auto-estima e autoconfiança, a par dos problemas de saúde em consequência direta ou indireta do sobrepeso. Revela a manifestação de características identitárias nitidamente 'de resistência', criada e fomentada por atores de um segmento social em condição desfavorecida, desvalorizada e estigmatizada pela lógica crua da dominação na sociedade contemporânea que supervaloriza os corpos *enxutos* e *sarados*, e que atribui aos próprios portadores da obesidade uma culpa acachapante pela patologia que os acomete.

Os recortes referidos à participação nas comunidades que correspondem respectivamente à fase 'antes' (fls. 100/101) seguida da 'durante' (fls. 101/102) denotam claramente os movimentos de auto-ajuda coletiva motivadora e estratégia de sobrevivência, refletindo a sua constituição como trincheiras de resistência baseadas em princípios distintos dos que permeiam a sociedade cristalizada, expondo as entranhas de um processo de (re)construção de identidades de projeto.

Fica claramente marcada nos recortes o comprometimento e envolvimento dos interlocutores com seus enunciados que constituiu um dos propósitos da pesquisa, que também confirma as grandes expectativas depositadas pelos portadores de obesidade na metamorfose corporal. Não é difícil depreender da leitura dos recortes que a opção do *tratamento* cirúrgico constitui um processo de busca e de transição *para uma vida melhor*, cercada de medos e angústias.

Por fim, a extração que corresponde à fase 'depois' (fls. 102 a 105) expõe as entranhas de um processo de recuperação de autoconfiança e auto-estima e vestígios de um movimento em direção à emancipação e reconquista de uma identidade legitimada na sociedade de consumo.

Para concluir, me permito observar que uma grande maioria dos interlocutores deixa a participação ativa nas comunidades ao longo do decurso do segundo ano da cirurgia, o que, ao mesmo tempo em que impõe um grau de dificuldade a um eventual prosseguimento da pesquisa voltada para um possível interesse de investigação de consolidação das transformações, parece sugerir um distanciamento tranquilizador em relação a elas.

- **NOTAS ACESSÓRIAS**

(I) Com pouco mais de 3 anos de implementado (iniciou em janeiro/2004), o Orkut – vinculado ao Google (segundo sua própria definição: “*an online community that connects people through a network of trusted friends... ...committed to providing an online meeting place where people can socialize and make new acquaintances who share their interests*”) já havia *arrebanhado* até 29/jan/2007 um total 41.282.563 membros (número obtido no contador do próprio site nesta própria data) em todo o mundo, dos quais se especula que mais de 70% constituída de brasileiros (confirmada pelas próprias informações e dados estatísticos oficiais, disponibilizados na comunidade Orkut Statistics). Uma efervescência que não tem paralelo na história social. Indivíduos que, aos milhares, se congregam espontaneamente em comunidades de relacionamento formadas por livre iniciativa segundo uma miríade de interesses individuais/coletivizados. Nenhuma das outras plataformas de relacionamento semelhantes (agumas até anteriores) como o Friendster, o Tribe e o Universe (da Mirabilis, que havia produzido o ICQ), havia alcançado esta espantosa velocidade de crescimento. Várias iniciativas nacionais e clones assemelhados surgiram na esteira do sucesso do precursor, como o NetQI (grupo Catho), o Beltrano, o Gazzag, o Clubão, o Gaia (provedor Terra) e o UOLKut (este, lançado ainda extra-oficialmente pelo provedor UOL, na última quinzena de Nov/2005). Parabéns para o Google: o Orkut ainda está em fase *beta*, mas já provou ser um dos melhores cases de Marketing viral da web.

(II) A massa crítica induz o surgimento de efeitos multiplicadores que se desenrolam em progressão, segundo a forma (e o estágio evolutivo) das interações, que se regem de acordo com expressões matemáticas empíricas:

A *lei de Sarnoff* (um dos pioneiros dos métodos massivos) estabelece o valor da rede como função direta da audiência: Valor = $f(n)$, que confirma sua validade prática nas ações de broadcasting, das redes de comunicação unidirecionais.

A *lei de Metcalfe* (Bob Metcalfe, criador da tecnologia Ethernet, formulou a valoração da rede como função do quadrado do número de usuário: Valor = $f(n^2)$ – que em configurações de comunicação bidirecional justificaria que dada a alternativa de escolha entre uma rede grande com muitos usuários, e uma rede de menor número de participantes, os novos usuários conectar-se-ão à maior delas, por agregar mais valor. O resultado é explosivo, e justificaria, por exemplo, a existência, hoje, de apenas uma rede global de e-mails (POP3/SMTP), quando até a poucos anos havia milhares delas.

A *lei de Formação de Grupos* postula a valoração segundo a expressão da progressão geométrica: Valor = $f(2^n)$, que revela a força explosiva das comunidades virtuais, com a entropia das múltiplas conexões de mão dupla. Do poder multiplicador desta formulação, serve de ilustração o caso do rei que ofereceu presentear o seu ministro de mais destacado com um prêmio de sua própria escolha. Ele pediu moedas de cobre distribuídas: 2 moedas na primeira casa de um tabuleiro de xadrez, 4 na segunda, 8 na terceira e assim sucessivamente de acordo com a progressão (2^n). O rei só percebeu a enrascada ao constatar que o número de moedas (2^{64}) que teriam que ser colocadas na 64ª casa (última) seria superior ao número de grãos de areia do planeta... (Malba Tahan, em O Homem que Calculava).

Todos os conceitos que as formulações matemáticas empíricas apontam se verificam, na prática, na web, e se aplicam, uma a cada estágio, escala e natureza das redes, segundo uma primazia dos fatores a que correspondem.

A dinâmica das comunidades virtuais se orienta pelo princípio do benefício crescente, tanto para a entidade/organização que a cria, como para os seus membros ou usuários, e os benefícios se produzem em forma de uma espiral acumulativa. Como ponto de partida, um conteúdo interessante atrai os participantes, o que por sua vez permite gerar a produção de mais conteúdos por seus membros, que por sua vez fazem mais atrativo o conteúdo, completando assim um primeiro ciclo cumulativo. Em consequência, os participantes percebem um maior valor na comunidade, que promove maior e melhor interação entre eles, criando uma maior lealdade à comunidade e uma maior permanência dos usuários nela. A maior lealdade promove ainda mais interação entre os membros, que se sentem mais identificados com a comunidade e com os outros membros, o que cria mais valor e mais lealdade, e se cumpre o segundo ciclo, o da construção da lealdade (comprometimento).

A participação crescente dos membros, e a interação entre eles, geram informação cada vez mais completa sobre os membros da comunidade e seu perfil de preferências, interesses e pontos de vista, ou seja, o perfil de seus pensamentos, sentimentos e ações. Estes perfis permitem aos gestores (entidade ou empresa patrocinadora) e aos seus próprios membros, focalizar suas atividades nos membros individuais, grupos ou subgrupos de membros, o que direciona ainda mais os perfis e cria mais valor para a comunidade. O valor percebido atrai mais participantes, usuários externos e gestores de outras comunidades, o que propicia e estimula a realização de transações diversas entre os membros entre si, e entre aqueles membros e membros das outras comunidades ou instituições. Completa-se assim o ciclo de transações, no qual os membros começam intercambiar valores entre eles e com os gestores (tempo, dedicação, dinheiro, energia, dados e informações, e conhecimentos).

• **BIBLIOGRAFIA DE REFERÊNCIA**

Antunes, Luiz Guilherme (2002) – ***Cyrano digital: a busca por identidade em uma sociedade em transformação***. Tese de Doutorado. ECA – Escola de Comunicação e Artes da USP, São Paulo.

Bachelard, Gaston (2001) – ***Poética do espaço***. Martins Fontes, São Paulo.

Battetini, G. (1996) – ***Semiótica, computação gráfica e textualidade***. Tradução Alessandra Coppola (In **Parente, A.**, org.– ***Imagem máquina: a era das tecnologias do virtual***). Editora 34, Rio de Janeiro.

Baudrillard, Jean (1995) – ***A sociedade de consumo***. Editora Elfos, Rio de Janeiro.

Benjamin, Walter (1989) – ***Paris, capitale du XIXème siècle, le livre des passages***. Paris, Cerf.

_____ (1936) – ***A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica***. (Ensaio original publicado em francês). Disponível em www.culturabrasil.org/frankfurt.htm (acessado dez/2006).

Bentham, Jeremy (2000) – ***O Panóptico***. Autêntica, Belo Horizonte. (organização e tradução de Tomaz Tadeu da Silva).

Bogo, Luis Henrique (2003) – ***Criação de comunidades virtuais a partir de agentes inteligentes: uma aplicação em e-learning*** – Dissertação de Mestrado – Centro Tecnológico da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Disponível em <http://teses.eps.ufsc.br/defesa/pdf/9874.pdf> – acessado em out/2003.

Buarque de Holanda, Sérgio (2002) – ***Raízes do Brasil***. Companhia das Letras, São Paulo.

Calhoun, Craig (org.1994) – ***Social Theory and the Politics of Identity***. Blackwell, Oxford.

Calligaris, C. (1996) – ***Crônicas do individualismo cotidiano***. Entrevista com Oliviero Toscani. Ática, São Paulo.

Camlong, André (1996) – ***Méthode d'analyse lexicale, textuelle et discursive***. C.R.I.C. & OPHRIS. Paris.

Capra, Fritjof (2002) – ***As Conexões Ocultas***. Editora Cultrix, São Paulo.

Castells, Manuel (1999a) – ***O poder da identidade***. Paz e Terra, São Paulo.

_____ (1999b) – ***A sociedade em rede***. Paz e Terra, São Paulo.

Costa, Jurandir Freire (2004) – ***O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo***. Garamond, Rio de Janeiro.

Couchot, Edmond (1997) – ***A arte pode ainda ser um relógio que adianta? O autor, a obra e o espectador na hora do tempo real***. (In **Domingues, Diana**, org.) – ***A arte no século XXI: a humanização das tecnologias***. Fundação Editora da UNESP, São Paulo.

Debord, GUY (1997) – ***A sociedade do espetáculo***. Contraponto, Rio de Janeiro.

Deleuze, Gilles (1992) – ***Conversações: 1972-1990***. Editora 34, Rio de Janeiro.

_____ & **Guattari, Felix** (1995) – ***Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia***. Editora 34, Rio de Janeiro.

Dimantas, Hernani – ***O poder dos mercados***. Artigo da *Newsletter* digital Burburinho. Disponível em <http://burburinho.com/20010722.html> – acessado em out/2003.

Downes, Larry & Mui, Chunka (1998) – ***Unleashing the killer app: digital strategies for marketing dominance***. Harvard Business School Press, Boston.

Dumont, Louis (1997) – ***Homo Hierarchicus***. Editora Universidade de São Paulo, São Paulo.

Etchevers Goijberg, Nicole (2005) – ***Ruta etnográfica para la comprensión de la comunicación on-line***. Artigo publicado na revista *on-line DIM*, Ano 1, nº 1, Jun/2005. Disponível pelo link ARCHIVO no *Observatorio para la CiberSociedad*, em <http://www.cibersociedad.net/archivo/articulo.php?art=204> (acessado nov/2005).

Ferreira, João Martins (2000) – ***O discurso de Fernando Pessoa em Mensagem***. Tese de Doutorado. USP – Universidade de São Paulo, São Paulo.

Foucault, Michel (1987) – ***Vigiar e punir: nascimento da prisão***. Vozes, Petrópolis.

_____ (2000) – ***Em defesa da sociedade***. Curso no *Collège de France* (1975 - 1976). Trad. Maria Ermantina Galvão. Martins Fontes, São Paulo.

_____ (1996) – ***A Verdade e as formas jurídicas***. Rio de Janeiro, Nau Editora.

Franco Ferraz, Maria Cristina (1998) – ***Sociedade Tecnológica: De Prometeu a Fausto***. Artigo disponível em www.comunica.unisinos.br/tics/textos/1998/1998_mcff.pdf (acessado out/2006).

Friedenthal, Richard (1990) – ***Leonardo da Vinci, uma biografia ilustrada***. Tradução do original alemão por Oscar L. Emmel. Jorge Zahar Editora, Rio de Janeiro.

Gafni, Marc (2001) – ***As marcas da alma: descobrindo sua identidade espiritual***. Editora Sextante, Rio de Janeiro.

Garnica, Antonio Vicente Marafioti (1997) – ***Algumas notas sobre pesquisa qualitativa e fenomenologia***. Interface Magazine, vol.1, num. 1. UNESP, Botucatu

Giddens, Anthony (2002) – ***Modernidade e Identidade***. Jorge Zahar Editora, Rio de Janeiro.

González Rey, Fernando (2005) – ***Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: os processos de construção da informação***. Pioneira Thomson Learning, São Paulo.

Habermas, Jürgen (1983,1989) – ***Consciência moral e agir comunicativo***. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro.

_____ – Vários títulos afins, do autor, disponíveis na *web*, em <http://www.geocities.com/Eureka/2330/habermas.htm> (acessado em jul/2004).

Hall, Stuart (1999) – ***A identidade cultural na pós-modernidade***. DP&A, Rio de Janeiro.

Harasim, Linda (1993 – Ed.) – ***Networlds: Networks as Social Space & Global Networks: Computers and International Communication***. MIT Press, Cambridge.

Harvey, David (1999) – ***The condition of post-modernity***. Oxford University Press, Oxford.

Hine, Chistine – ***Etnografía Virtual***. UOC (Colección Nuevas Tecnologías y Sociedad) , Barcelona, 2004.

Huxley, Aldous (1969, 11ª Edição) – ***Admirável Mundo Novo***. Cia. Brasileira de Divulgação do Livro, Rio de Janeiro.

_____ (1959) – ***Regresso ao Admirável Mundo Novo***. Círculo do Livro, São Paulo.

Lasch, Christopher (1983) – ***A cultura do Narcisismo***. Imago, Rio de Janeiro.

Lévy, Pierre (2000) – ***A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço***. Ed. Loyola, São Paulo.

_____ (1999) – ***Cibercultura***. Editora 34, Rio de Janeiro.

_____ – ***Tecnologias intelectuais e modos de conhecer: nós somos o texto***. Disponível em <http://www.hotnet.net/PierreLevy/nossomos.html>. Tradução de Celso Cândido (acessado em ago/2000).

Lipovetsky, Gilles (2004) – ***O império do efêmero*** – Editora Schwarcz, São Paulo.

Louro, Guacira Lopes; Neckel, Jane Felipe; Goellner, Silvana Vilodre; orgs (2003) – ***Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação***. Vozes, Petrópolis.

Machado, Arlindo (1997) – ***Hipermídia: o labirinto como metáfora***. (In **Domingues, Diana**, org. – ***A arte no século XXI: a humanização das tecnologias***). Fundação Editora da UNESP, São Paulo.

Maffesoli, Michel (1987) – ***O tempo das tribos - o declínio do individualismo nas sociedades de massa***. Forense, Rio de Janeiro.

_____ (2005) – ***O mistério da conjunção*** - Sulina, Porto Alegre.

Maingueneau, Dominique (1997) – ***Novas tendências em análise do discurso***. Pontes, Campinas.

MAYANS I PLANELS, Joan - ***Nuevas Tecnologías, Viejas Etnografías. Objeto y método de la antropología del ciberespacio***. Fuente Original: *Revista Quaderns de l'ICA*, 17-18, pp. 79-97., 2002 Disponível no *ARCHIVO del Observatorio para la CiberSociedad*, em <http://www.cibersociedad.net/archivo/articulo.php?art=23>

McCleary, Leland Emerson (1996) – ***Aspectos de uma modalidade de discurso mediado por computador***. Tese de Doutorado. USP – Universidade de São Paulo, São Paulo.

Merleau-Ponty (2002) – ***Phénoménologie de la perception***. Galimard, Paris.

Miranda, Orlando Pinto de (org. 1995) – ***Para Ler Ferdinand Tönnies***. EDUSP, São Paulo.

Moura, Catarina⁴¹ (2002) – ***A Vertigem. Da ausência como lugar do corpo***. Disponível em www.bocc.ubi.pt/esp/autor.php3?codautor=635. Artigo em meio digital (acessado em ago/2004).

Naisbit, John (1999) – ***High tech & high touch: a tecnologia e nossa busca por significado***. Cultrix, São Paulo.

Neves, Margarita Lara (2006) – ***Luzes e sombras da requalificação urbana orientada para as novas tecnologias: o caso do Porto Digital***. Tese de doutorado em Desenvolvimento Urbano. UFPE, Recife.

Oldenburg, Ray (1999) – ***The great good place: coffee shops, bookstores, bars, hair salons and other hangout at the heart of a community***. Marlowe and Company, Nova York.

Orlandi, Eni P. (1999) – ***Análise de discurso: princípios e procedimentos***. Pontes, Campinas.

Orwell, George (1978 - 11ª Edição) – ***1984***. Companhia Editora Nacional, São Paulo.

Paz, Octavio (1993) – ***Itinerário***. Fondo de Cultura Econômica, México.

Pitta, Danielle Perin Rocha (2005) – ***Iniciação à teoria do imaginário***. Atlântica Editora, Rio de Janeiro.

Pozo, Juan Ignacio (1998) – ***Teorias cognitivas da aprendizagem***. Artes Médicas, Porto Alegre.

Rabin, Alberto (2005) – ***Virtuais comunidades na era do acesso***. Artigo publicado na Revista Lâmina, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, set/2005. Disponível em <http://www.ppgcomufpe.com.br/lamina/artigo-alberto.pdf>.

_____ (2004a) – ***A era do acesso: comunidades virtuais. Tudo isto é ser humano*** – Artigo publicado na edição nº 3, ano II, da Revista Contemporânea, vinculada à Faculdade de Comunicação da UERJ – Universidade do Rio de Janeiro, dez/2004. Disponível em <http://www2.uerj.br/~fcs/contemporanea/n3/monoalberto03.htm>

_____; **Malheiros Soares**, Sônia & **Silva**, Thiago Paulino da (2004a) – ***Ação comunicativa de Habermas***. Artigo publicado na web, em <http://pontofuturo.org/home/modules.php?name=News&file=article&sid=1735>, no Portal PontoFuturo (acessado em ago/2004)

Reed, David (2003) – ***El próximo paso: las comunidades virtuales***. Disponível em [www.target.com.co/sitestart/comunidades de valor.htm](http://www.target.com.co/sitestart/comunidades_de_valor.htm). Artigo em meio digital (acessado em out/2003).

Rheingold, Howard (1993) – ***The virtual community: homesteading on The electronic frontier***. HarperPerennial Paperback in USA. Também como artigo em meio

⁴¹ Catarina Moura é um pseudônimo de Clara Roldão Pinto Caldeira, do Deptº de Comunicação da Universidade da Beira Anterior, em Portugal, que o adotou para evitar ser confundida com figuras públicas de nome assemelhado ao dela que já tinham reputações consolidados em seu país.

digital, disponível em <http://www.well.com/user/hlr/vcbook/index.html> (acessado em out/2003).

Rifkin, Jeremy (2000) – ***A era do acesso*** – Makron Books, São Paulo.

Rocha, Everardo (1995) – ***A Sociedade do sonho: comunicação, cultura e consumo***. Mauad, Rio de Janeiro.

Rolnik, Suely (1997) – ***Toxicômanos de identidade: subjetividade em tempos de globalização*** (In **Lins, Daniel**, org. – ***Cultura e Subjetividade***). Papirus, Campinas.

Ruiz, Oswaldo López (2005) – ***Manuel Castells e a era da informação***. Artigo digital disponível em <http://www.comciencia.br/reportagens/internet/net16.htm> (acessado em nov/2005)

Rushkoff, Douglas (1999) – ***Um jogo chamado futuro: como a cultura dos garotos pode nos ensinar a sobreviver na era do caos***. Revan, Rio de Janeiro.

Santos, Francisco Carlos Gomes dos (2003) – ***Identidade pessoal de obesos mórbidos submetidos à cirurgia bariátrica – uma metamorfose emancipatória?*** Dissertação de Mestrado em Psicologia. Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____ (2005) – ***Magro, e agora?*** Vetor Editora Psico-Pedagógica, São Paulo.

Sibilia, Paula (2002) – ***O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais***. Relume Dumará, Rio de Janeiro,

Sloterdijk, Peter (2000) – ***Regras para o parque humano***. Estação Liberdade, São Paulo.

Smith, Marc A. & Kollock, Peter (2003) – ***Comunidades em el ciberespacio***. Editora UOC, Barcelona.

Silva, Juremir Machado (2003) – ***As tecnologias do imaginário***. Sulina, Porto Alegre.

Souza, Marly Gondim Cavalcanti (2005) – ***Interfaces do texto e a informática***. Editora Universitária da UFPE, Recife.

Souza, Paulo Rogério de (2003) – ***E-mail de apresentação pessoal e identidade nas comunidades on-line***. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, São Paulo.

Tapscott, Don (1999) – ***Geração digital: a crescente e irreversível ascensão da geração net***. Makron Books do Brasil, São Paulo.

Toscani, Oliviero (1996) – ***A publicidade é um cadáver que nos sorri***. Ediouro, Rio de Janeiro.

Virilio, Paul (1993) – ***O espaço crítico***. Editora 34, Rio de Janeiro.

Zapparoli, Zilda Maria & Camlong, André (2002) – ***Do léxico ao discurso pela Informática***. EDUSP, São Paulo.